

CIBEC/INEP



B0004420

DA CONCEIÇÃO

# GUIA DE CIVISMO

## ÁGUAS DO PARAÍSO

DESTINADO AO  
ENSINO MÉDIO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# GUIA DE CIVISMO

HÉLIO CASATLE DA CONCEIÇÃO — Major do Exército Brasileiro. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras, Comunicações do Exército, Técnica de Ensino do Exército, Aperfeiçoamento de Oficiais (Es AO) e de Professor de Português (CADES). Instrutor da Escola de Comunicações do Exército e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, atualmente é Comandante da 7.<sup>a</sup> Companhia de Comunicações do Exército, em Recife, Pernambuco. Trabalhos de sua autoria: Os Dez Mandamentos da Redação, Psicologia do Soldado, Odisséia no Vale dos Sorrisos, Método de Ensino de Redação através da Música, colaborações jornalísticas, escritas e televisadas. Criador do Centro de Moral e Civismo da Escola Técnica Federal de Pernambuco.

# ÁGUAS DO PARAÍSO

**GUIA DE CIVISMO**

**Classificado, em 3º lugar, em  
concurso pelo MEC**

**DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE  
MINIMUM» DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
BRASÍLIA — 1972**

## P R E F Á C I O

A obra que, em quatro tomos, além de um volume de Anexos, ora lança o Ministério da Educação e Cultura corresponde ao resgate de solene compromisso assumido perante o magistério e a juventude estudantil.

Circunstâncias supervenientes retardaram-lhe a edição que, assim, me coube promover, nas providências finais.

Êste conjunto de quatro *Guias de Civismo*, selecionados em concurso, destina-se à biblioteca de consulta permanente dos professôres de Educação Moral e Cívica, já na condição de obrigatoriedade, não somente como prática educativa mas também como disciplina curricular em todos os graus de ensino, *ex-vi* do Decreto-lei n.º 869, de 12 de setembro de 1969, regulamentado pelo Decreto n.º 68.065, de 14 de janeiro de 1971.

A delonga ensejou a cuidadosa atualização dos textos, postos rigorosamente em dia, em face das mais recentes disposições legais, inclusive as da Emenda Constitucional n.º 1 e as da nova Lei dos Símbolos Nacionais, que recebeu o número 5.700 e a data de 1.º de setembro de 1971.

Nesta oportunidade não nos seria lícito omitir o aplauso que estão a merecer quantos entusiasticamente se dedicam à formação de crianças e adolescentes, desenvolvendo-lhes, desde cedo, nas almas em floração, o culto à Pátria, que, no caso brasileiro, encontra, na História e no ambiente, nos céus, na terra e no subsolo, tóda uma inexaurível fonte de salutareos incentivos, a atingirem as dimensões e a fôrça de autêntico desafio, que se diria formulado na medida da capacidade do nosso Povo, providencialmente dotado de inatas apti-

dões à altura dos destinos do Brasil Grande, de cuja realidade nos vamos aproximando em ritmo acelerado, para colocarmo-nos definitivamente ao nível das potências mundiais de primeira grandeza.

O Ministério cumprimenta os profassôres : Paulo Silva de Araújo e Cel. Diniz Almeida do Valle, 1.º lugar; Maria Terezinha Tourinho Saraiva e Dr, Ciro Vieira da Cunha, 2.º lugar; Major Hélio Casatle da Conceição, 3.º lugar; pelo seus excelentes trabalhos, que entregamos aos professôres e estudantes brasileiros. Eles são afirmação patriótica de Brasil.

JARBAS GONÇALVES PASSARINHO

## ADVERTÊNCIA

*O presente trabalho, ÁGUAS DO PARAÍSO, classificado em 3.º lugar no concurso realizado pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1968. para a escolha de um Guia de Civismo destinado ao ensino médio, orientou-se pelas Idéias Básicas das Instruções Reguladoras, elaboradas pela Comissão Organizadora, assim constituída: Gen. Div. Moacir Araújo Lopes, Professôres José Camarinha do Nascimento, Ruy Vieira da Cunha, Walter Ramos Poyares, Cmt. Lywal Sales e Professor Jorge Boaventura de Souza e Silva. Essas Instruções foram aprovadas pelo Ministro da Educação e Cultura. Tarso Dutra, e publicadas no Diário Oficial da União de 8 de abril de 1968. O julgamento do Concurso, expresso por unanimidade, foi realizado pela Comissão composta do Gen. Div. Moacir Araújo Lopes e dos Professôres Jurandyr Lodi, Eloywaldo Chagas de Oliveira e Arthur Machado Paupério. As Idéias Básicas citadas são transcritas a seguir:*

### *"2. IDÉIAS BÁSICAS*

*Para que o 'GUIA DE CIVISMO' atinja os objetivos da ação educacional cívico-democrática e do preparo do brasileiro para o exercício da cidadania, deverá orientar-se pelas seguintes idéias básicas:*

2.1 *estar de acôrdo com os principios filosófico-religiosos da Constituição do Brasil, evidentemente resultante das aspirações dos brasileiros e dos interêsses nacionais;*

2.2 *ressaltar os fundamentos democráticos constitucionais, sobretudo os referentes:*

- *ao espírito religioso do brasileiro (evitando o aspecto sectário) ;*
- *à dignidade da criatura humana;*
- *ao amor à liberdade, em tôdas as suas manifestações;*
- *aos deveres e direitos fundamentais do Homem (Constituição do Brasil; Declaração Universal dos Direitos do Homem, da ONU; e Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, da OEA);*
- *à individualização da Pátria;*
- *à convicção de que o Estado existe para o Homem e não o Homem **para o Estado**;*
- *ao direito de igualdade de oportunidades na educação e no trabalho para todos os brasileiros;*
- *à caracterização das instituições pátrias: Religião, Família, Justiça, Escola e Fôrças Armadas;*
- *à democracia representativa — todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido;*
- *à livre iniciativa na ordem econômica, apenas subordinada à realização da justiça social para o bem comum;*

- à valorização do trabalho, como condição da dignidade humana;
- ao direito à educação, dada no lar e na escola, inspirada nos ideais de liberdade (com responsabilidade interior, advinda da crença em DEUS — Constituição do Brasil, Preâmbulo) e solidariedade humana e no princípio da unidade nacional;
- ao ideal do desenvolvimento integral do homem — espiritual, moral e físico;
- à responsabilidade de toda pessoa — natural ou jurídica — para com a Segurança Nacional;

2.3 orientar o brasileiro para o pleno exercício da cidadania, no atual esforço nacional para ultrapassar o estágio de subdesenvolvimento;

2.4 realçar o papel da família e sobretudo da mulher — mãe, esposa, irmã — na formação do caráter e das virtudes cívicas;

2.5 dar ênfase ns expressões de civismo: exercício esclarecido do Voto e prestação digna do Serviço Militar;

2.6 ressaltar a necessidade de a evolução nacional ser fundamentada nas tradições cristãs brasileiras, dando ênfase à língua, aos símbolos nacionais, às tradições culturais (inclusive folclore), ao papel das etnias formadoras e às biografias sintéticas de brasileiros, já falecidos, cuidadosamente selecionados, que se hajam constituído modelo de virtudes morais e cívicas;

2.7 realçar o equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade, como aspecto característico da democracia brasileira;

2.8 *ressaltar a incompatibilidade do bom uso da liberdade com as convicções materialistas, pois que os governos de Nações que se alicerçam em filosofia de base materialista, pela qual a consciência individual não é desenvolvida por valores espirituais e morais (de fundo religioso), não podem abdicar de regime policial;*

2.9 *projetar os valores espirituais e morais da nacionalidade na educação, tendo em vista conter o egoísmo, a corrupção e a subversão, no trato adequado do bem comum dos brasileiros, e eliminar os privilégios;*

2.10 *facultar o conhecimento sintético da organização sócio-político-econômica do País;*

2.11 *fortalecer o sentimento democrático do brasileiro, preservando-o das ideologias exóticas, materialistas e contrárias às aspirações dos brasileiros e aos interesses nacionais;*

2.12 *realçar o valor da juventude brasileira que trabalha e coopera na construção da Pátria;*

2.13 *preparar a mocidade brasileira para, alicerçada no amor à Pátria, desenvolver o sentimento de fraternidade universal;*

2.14 *considerar, em síntese, que o conceito de civismo deve ter em vista os três aspectos fundamentais — CARÁTER, PATRIOTISMO E AÇÃO:*

*Caráter — com base na moral, originária da ética, tendo por fonte DEUS (Constituição do Brasil, Preâmbulo) ;*

*Amor à Pátria — e às suas tradições, com capacidade de renúncia;*

*Ação — intensa e permanente, em benefício do Brasil."*

## SUMÁRIO

AOS JOVENS.....	3
AGUAS DO PARAÍSO, NOSSO CADINHO DE AFETO ..	13
VIVENDO NOPARAÍSO .....	25
UM ANJO NO PARAÍSO .....	32
PARAÍSO INQUIETO .....	51
ANGÚSTIA NO PARAÍSO .....	61
AGUAS DO PARAÍSO, IMENSA JAZIDA DE AMOR ....	71
TRAGÉDIA NO PARAÍSO .....	83
TRISTEZA NO PARAÍSO .....	103
SOMBRAS NO PARAÍSO .....	140
DOMINGO NO PARAÍSO .....	150
DESPERTANDO O PARAÍSO.....	165
NUM PARAÍSO AGITADO .....	186
FESTA NO PARAÍSO .....	212
SAUDADE NO PARAÍSO .....	234

# Aguas do Paraíso

## Aos Jovens

*"Esta é a estória linda  
de uma criança feia.  
Criança mártir,  
de estória simples.  
Humana.  
Sobejamente rica  
de lições de altruísmo e  
coragem.  
Esta é a estória da menina Andréia.  
Você vai ler."*

**D**IZEM — e são muitos os que o dizem — que **Águas do Paraíso** é o mais doce recanto da Terra.

S

Mal disfarçando a insensatez da vaidade, não consigo esconder o tímido sorriso que reflete o prazer de ouvir referências tão lisonjeras a minha cidadezinha.

Mas ela é linda de verdade!

Aqui do Morro do Cruzeiro, neste final de tarde de sábado ameno, você pode contemplá-la comigo, para me dar razão.

Lá está o vilarejo. Gracioso. Apaixonante. Esparramado aos nossos olhos, preguiçoso e melancólico.

Observamo-lo com riqueza de detalhes: a igreja secular do Padre Januário, o ginásio, mil e uma ruelas que se entrecruzam. . .

Águas do Paraíso cresceu. Mas cresceu certinho. Por assim dizer, até com educação. Mansamente, talvez, é. Deve ter sido assim mes mo. Hoje é uma estética miniatura de metrópole, embora não tenha perdido a doce intensidade de um bucolismo tão peculiar. No íntimo, minha cidadezinha continua a ser exatamente aquela do passado, caixinha de segredos, gatinha manhosa repleta de ânsias de carinhos, esplêndida de ternura e amor.

Daqui do alto, eu sinto uma saudadezinha enjoada, um pouco misturada com orgulho. A brisa morna me traz ao pensamento um mundo de recordações impertinentes, que vão confluir numa antipática tristeza interior. Quantas vezes eu respirei esse arzinho gostoso e refrescante, sentado nesta mesma pedra? Talvez não tão interessado em contemplar a cidadezinha, mas, sim, olhos enternecidos, a se perderem no brilho intenso dos olhos de alguém, uma menina qualquer que se eternizou no meu destino, que me veio dar maior sentido de viver.

Vinha sempre aqui. Às vezes, pelo simples prazer de subir a montanha, gigantesco desafio ao meu físico esmirrado. Bom tempo aquele!

..

Naquela época, Águas do Paraíso não era quase nada. Pouco representava além de um pontinho bem minúsculo no mapa, esquecida em si mesma, escondida tímidamente do resto do mundo.

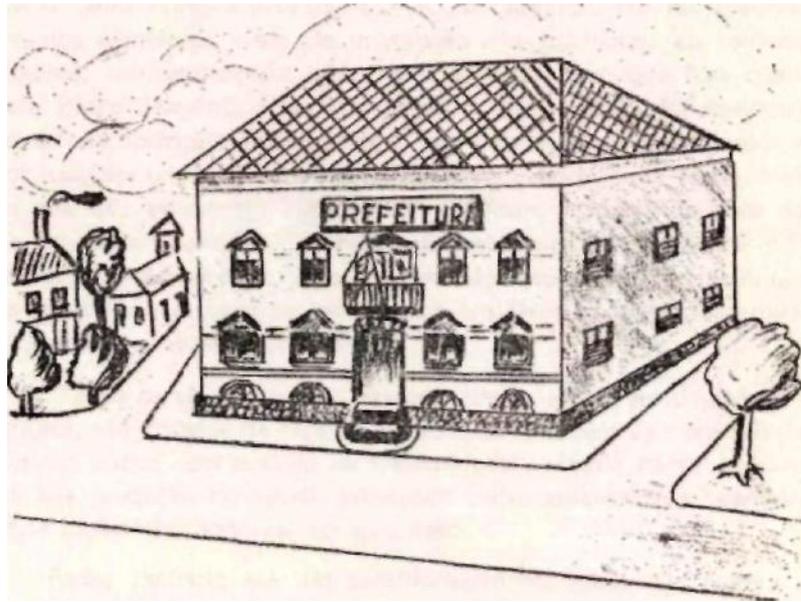
Que tínhamos nós, então? Uma escolinha modesta que se api-nhava de crianças o ano inteiro, crianças que D.<sup>a</sup> Odete, a diretora, amava, como se fossem seus próprios filhos. Austero, tradicional, um velho prédio de paredes rachadas dava abrigo à Prefeitura local, reduto político mais importante, de onde o Prefeito Linhares desenvolvia um rudimentar programa de govêrno. Mais adiante, o Dr. Carlos, jovem médico do lugar, atendia, num simplório posto de saúde, a todos os casos de uma população tão pura, como as águas límpidas do rio Paraíso, que, sem a menor cerimônia, atravessava a rua principal da cidade.

Havia mais um punhado de coisas, inclusive o desprezioso cinema, resguardado no cantinho mais alegre da praça, ponto de reunião, nos domingos, de mocinhas sonhadoras e eternamente esperançosas de encontrar seu príncipe encantado.

Águas do Paraíso, como você viu, era uma cidadezinha adorável, tranqüila e suave, ninho de fraternidade e bonança.

Dos inúmeros prédios do vilarejo, um, contudo, se destacava berrantemente: a fábrica de papel. De construção mais moderna, não acompanhava, de forma alguma, a linha singelamente humilde do restante do lugar. Por outro lado, representava o esteio econômico de Águas do Paraíso, cuja população, em grande parte, se compunha de operários e operárias da fábrica. Ali, os imensos recursos naturais do vilarejo eram transformados dinamicamente num mundo gigantesco de papel, que, vendido em outras cidades, proporcionava salários coerentes e, de certo modo,, o próprio equilíbrio social do povoado. A firma pertencia ao Dr. Rios, residente em São Paulo, somente de vez em quando presente em Águas do Paraíso, assim mesmo para inspecionar, apenas, o trabalho de direção, exercido por Mário Cotrim, seu representante.

Águas do Paraíso tinha um estilo de vida próprio, embora em muito se assemelhasse a outras cidades irmãs. Agasalhava, em sua



grandeza, os dramas de cada dia, sorvendo-os na delicadeza singular com que sempre se mostrava a todos.

Quem passasse pelas redondezas, não se poderia furtar ao desejo de conhecer nossa cidadezinha; por sua vez, **O Embaixador**, jornalzinho impresso nas oficinas da igreja, não deixava escapar a oportunidade de registrar a presença de visitantes, normalmente deslumbrados com o alto sentido de comunidade com que deparavam. Isso era o bastante para mil e um comentários, ora ressaltando a importância do visitante, ora deixando bem nítido o orgulho maroto de ser filho da ilustre cidadezinha.

**O Embaixador** era uma peça importante em Águas do Paraíso, talvez tanto como a própria fábrica. Na verdade, êle representava um dos elementos vitais de integração dos habitantes ao conjunto citadino, correspondendo, aliás, aos propósitos com que fora criado pelo Padre Januário. Único do lugar, o jornalzinho não distinguia govêrno e oposição, atuava sempre sem paixões ou ressentimentos e, por isso, era um informativo conceituado e querido entre todos. Mais do que isso, entretanto, constituía-se em fonte cristalina de bons ensinamentos e orientação, fazendo sedimentar, no povo pacato, a idéia da verdadeira liberdade, com a necessária responsabilidade, oriunda da consciência esclarecida pela crença em Deus e capaz de inspirar o respeito aos direitos do Homem.

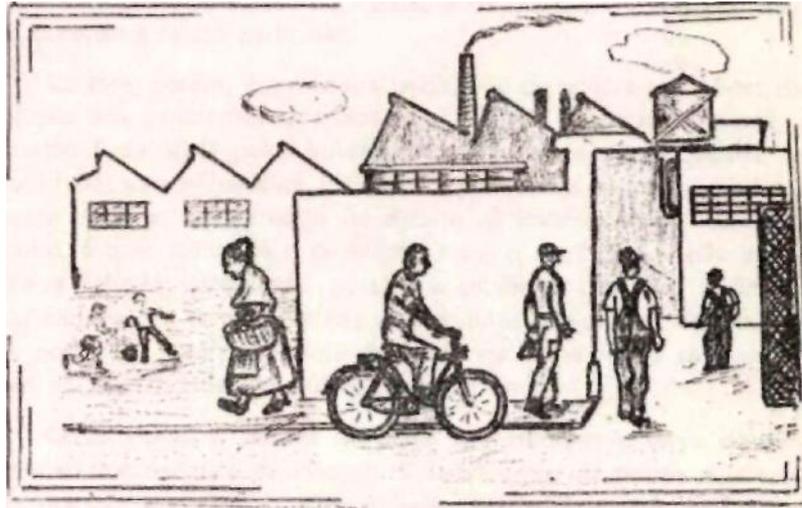
"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, são dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade", repetia Padre Januário em sua pregação no jornal, semeando continuamente a brandura dêste lugarzinho adorável em que nasci.

Padre Januário era um sacerdote-padrão, sobejo de cultura e vocação religiosa. Mas não nos parecia, de modo algum, um clérigo ultrapassado; sabia, isso sim, condimentar inteligentemente idéias modernas e sobriedade religiosa, uma em proveito de outra e ambas em benefício de tôda a paróquia. Defendia a política do Bem, não se mostrando, contudo, sensível a vedetismos ou demagogias. Se discordava do Prefeito, não tornava público o desgosto. Para que semear a desesperança, se um contacto pessoal e reservado lhe proporcionaria apresentar seus pontos de vista, tantas vêzes aceitos pelo velho Linhares, inconfundivelmente um bom democrata? Foi assim que mui-

tos melhoramentos se fizeram em Águas do Paraíso, patrocinados, sem alarde, por Clero e Govêrno, em defesa do bem comum.

Lembra-me, como se fosse hoje, o problema surgido com a instalação de um templo batista em nossa cidade. Criou-se um mal-estar quase geral, configurado no antagonismo dos católicos que não aceitavam a novidade. O certo, porém, é que o exercício dos cultos religiosos é uma das liberdades estabelecidas na Constituição do Brasil, que é teísta, pois decretada e promulgada sob a invocação de Deus, mas aconfessional. Águas do Paraíso carecia de um pastor que exercitasse com fiéis não católicos a prática de uma religião. As coisas já não iam lá muito boas, quando **O Embaixador**, em editorial, estarreceu a população com a defesa da idéia nova. Padre Januário, êle mesmo, na missa dominical, explicou a necessidade de sua concretização: "é plena a liberdade de consciência, bem como está assegurado aos crentes de qualquer religião o exercício dos cultos religiosos que não contrariem a ordem pública e os bons costumes. Injusto e anticonstitucional privar alguém de quaisquer de seus direitos por motivo de crença religiosa, a não ser que essa crença seja invocada para o não cumprimento de obrigação legal. Além do mais, o aparecimento de um pastor será também uma nova fôrça a atuar benêficamente nos setores educacional, assistencial e médico de Águas do Paraíso".

Isso foi o bastante para diluir-se a questão, uma das mais importantes para a cidadezinha inocente. Mais uma vez, falou bem alto o espírito religioso do brasileiro, internacionalmente conhecido. Mais uma vez, firmou-se o verdadeiro sentido de Democracia, isto é, liberdade com respeito às leis, ou seja, com responsabilidade, obtida mediante a ação de freios internos, próprios de caráter formado à luz de valores espirituais e morais.



## Águas do Paraíso, Nosso Cadinho de Afeto

**A** **HISTÓRIA** de Águas do Paraíso é um rosário de doçuras, cheio de bucolismo muito particular.

Curiosa, porém, é a maneira tradicional de aquele povo bom dar solução aos problemas que aparecem. Criado qualquer impasse, a questão é debatida pelos interessados em termos de verdadeira comunidade, sem influências, inclusive, de vaidades pessoais, eventualmente surgidas nos quadros do debate. O importante de tudo isso, porém, é que, resolvido o problema, mesmo aqueles que não apoiavam a solução encontrada, passam a colaborar com ela, a fim de que não fiquem comprometidas as estruturas comuns da cidade. Reina, por assim dizer, um clima de confiança, cujas raízes se aprofundam na honestidade indiscutível de cada um.

Como vimos, a fábrica de papel representava a seiva do conjunto sócio-econômico do vilarejo. Veladamente, ela tendia a intervir nas grandes decisões da comunidade, abastecendo, com um apoio sempre expressivo, as campanhas populares em prol de uma cidadezinha cada vez melhor. Mas a influência da fábrica se revestia de outros aspectos igualmente apreciáveis. Na verdade, o gigante de concreto que se levantava num cantinho de nossa vila, constituía, afinal, quase que uma outra cidade, encravada no próprio coração de Águas do Paraíso. Por isso, seus dramas, suas vicissitudes se refletiam sensivelmente no vilarejo, estremecendo-o às vêzes, tal a intensidade.

Foi justamente isso que aconteceu quando Mário Cotrim, levado por implicações absolutamente justas, teve que se dispensar da dire-

ção da fábrica de papel, para ocupar alto posto numa empresa da Guanabara.

A despedida de Mário Cotrim foi pungente.

Reunidos no grande auditório da fábrica, os trabalhadores ouviram, em absoluto silêncio e com profunda emoção, as palavras de agradecimento do ex-chefe, após longos anos de trabalho. Não era, por assim dizer, um discurso de formalidade. Ao contrário, Cotrim, não fugindo à velha conduta simplória de sempre, endereçou a cada coração de operário uma mensagem de afeto e de renovada esperança. Ele fora um diretor excelente. Sua gestão, bastante profícua, não se lançara, em tempo algum, a aventuras demagógicas no seio laborioso daquela massa trabalhadora. Ele soubera entender, em todas as condutas, o significado exato da dignidade da criatura humana, vivendo uma chefia com amor ao próximo e dedicação aos subordinados, infiltrando-se nos seus dramas e festejando-lhes as alegrias. Por isso, deixava ali, naquele auditório repleto de almas humildes, um vazio imenso, difícil de ser preenchido.

Parece que estou vendo tudo daqui. No palco, Cotrim, quase em lágrimas, concitava a pequena multidão a prosseguir na jornada. "O cumprimento do dever de cada um é a exigência de todos. Direitos e deveres integram-se correlativamente em toda atividade social e política do homem. Se os direitos exaltam a liberdade individual, os deveres exprimem a dignidade dessa liberdade". Mário falava, todos escutavam. Conferiam intimamente, contudo, muito do que Padre Januário, culto e inteligente, não perdia oportunidade de divulgar, referindo-se a passagens das Declarações dos Direitos do Homem, firmados na ONU e na OEA, em 1948. Águas do Paraíso era, no fundo, excelente campo de provas, sendo, por isso, uma cidade feliz. Imensamente feliz.

Na platéia, havia a consternação pálida da despedida. Como por encanto, rostos rudes, grosseiros, engalanavam-se de melancolia singular, diante da realidade imposta. O velho operário, grisalho e feições amarrotadas pelo tempo devastador, lembrava, por certo, os primeiros anos de trabalho, quando a fábrica ainda era uma simples esperança. Ali, entre corredores e oficinas, ele vivera uma mocidade, amortecida agora no passado. Na fábrica, ele conhecera aquela que lhe acolchoou, um dia, a alma aventureira de rapaz. Depois, nasceram as crianças, condicionadas, desde cedo, ao efeito mágico

do apito estridente, dominador da cidade, marco inicial e final de longas jornadas de trabalho honrado, e por uma família honesta, abençoada por Deus. Agora, esses filhos, já crescidos, ao seu lado, igualmente operários, viviam a sensação do afastamento do chefe comum. Duas gerações unificadas pela mesma chama de afeto que ardia incomodativamente naquele palco, onde Cotrim se despedia, escutado de perto pelo próprio Dr. Rios, o seu substituto, e cuja responsabilidade, agigantada, não lhe poupava um sentimento de profunda preocupação.

Rios, de longa vivência, já pudera entender a doce filosofia de Águas do Paraíso. O espírito de organização da cidade o fascinara desde o primeiro momento. Mais do que diretor, Cotrim fora um amigo, um pai, um irmão, ou tudo junto, de cada servidor. Sua obra tinha que ser continuada pelo bem da fábrica e da própria comunidade. Não seria, naturalmente, fácil, mas o industrial era suficientemente hábil para saber superar o problema de substituição.

Rios, com efeito, tinha imensos recursos pessoais para o desempenho da função que agora assumia. Seus cabelos grisalhos mascaram um espírito dinâmico e jovem, colorido de esperanças sempre renovadas. Não era homem de gabinete e isso aprendera ainda no começo da vida, quando não dispunha de tão elevada posição. Agora, analisava as palavras de Cotrim e não deixava de dispensar um olhar de observação a um e a outro operário na platéia. O desafio moral estava lançado por sua própria consciência, e ele o aceitara.

A tarde daquele dia foi movimentadíssima.

Lotando a estação ferroviária, a cidade inteira queria apresentar as despedidas ao ex-diretor da fábrica de papel. Ninguém poderia deixar de levar seu aprêço ao amigo que partia inesperadamente.

As atividades de Cotrim, na verdade, não se limitavam ao pessoal que trabalhava na fábrica. Sua influência se estendia, como já disse, a todos os setores do povoado, em vista da importância da empresa que representava. Por isso, a população se alvoroçava tanto.

O Embaixador, em edição extra, fez verdadeira apologia do grande líder. Quatro páginas inteiras foram dedicadas a Cotrim, esmiuçando a vida do homenageado, desde o nascimento. Mesmo suas manias foram lembradas espirituosamente no informativo. Era um esforço para tornar menos triste aquilo que a ninguém parecia alegre.

Mário Cotrim nascera em Águas do Paraíso e daqui jamais se afastara. Tinha sido o companheiro inseparável das campinas, por onde corria, quando menino, em perseguição aos outros garotos do lugar nas gostosas brincadeiras de criança. As águas do rio Paraíso foram-lhe, por assim dizer, as grandes confidentes de sua vida, recortada de sonhos e ideais, que, afinal, alcançou. Foi, refletida no azul cristalino dessas águas, que êle conheceu Marisa, menina tímida de treze anos que o levou ao casamento mais tarde, único e exclusivo amor de seu coração enorme e acolhedor. A felicidade no matrimônio, segundo muitos, foi a razão do comportamento usualmente humano do grande líder. Talvez por isso, Cotrim exteriorizasse, sempre, um profundo sentimento de família, estendendo as mãos amigas a todos, porém, mais preponderantemente, aos pais de proles numerosas, com dificuldades maiores. Assim era que, quantas das vêzes, Cotrim não surpreendeu um operário com uma visita domiciliar, exatamente na noite em que uma das crianças aniversariava? Imprevisível ato de cortesia e amor, de frutos saborosos e inesquecíveis!

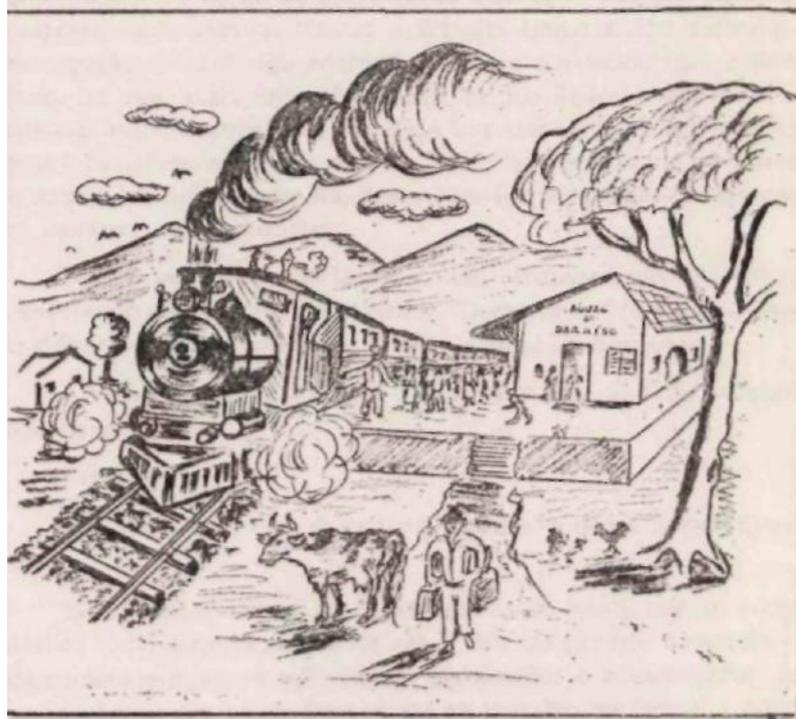
A partida tinha, pois, que ser precedida por uma homenagem especial do povo agradecido. Fizeram-se listas de adesão e, positivamente, não houve dissidência a assinalar; já uma hora antes, a pequena multidão se fazia presente na estação, num falatório jamais ouvido no povoado. As mulheres, especialistas nesses assuntos, davam a tonalidade de euforia ao acontecimento. Misturavam-se sorridentes e conversadeiras, realizadas pela oportunidade sem precedentes de comentar fatos da vida alheia, alguns até bastante indiscretos.

— Veja, Zé! A Manuela "tá" com um vestido de fazer medo. Parece um repolho!

— Ora, mulher! Por que você não pára um minuto de falar Não há ouvido que agüente!! Já "tô" de orelha quente, você não vê?

Dona Zefa, talvez a mais idosa senhora do lugar, não podia esconder uma tristeza bem pronunciada. Ela não esquecera as atenções que Cotrim lhe dispensara por ocasião da morte do marido. Humilde, desprotegida, somente com a ajuda do grande líder sua vida pôde ficar normalizada de todo, razão pela qual a partida lhe significava tanto sentimento.

Ao seu lado, Onofre, velho matuto, silenciado pela emoção, cabisbaixo, deixava transparecer um constrangimento profundo. Êle fora um bêbedo, desenganoado pela sociedade, acostumada a vê-lo siste-



màticamente escravizado a uma garrafa que o arrastava ao desespero. Mário Cotrim não foi emisso. Enérgico mas amigo, vigilante, salvou o operário simples da desgraça que se avizinhava. Salvou o operário e a família do operário, já desesperançada pelo vício de seu chefe.

Por suas mãos muitas vidas se coloriram, muitas, muitas, entre tôdas as vidas de Águas do Paraíso.

Prevista a partida para as cinco da tarde, ja quase chegando a hora e nada de o Padre Januário chegar. A impaciência do povo bem denotava a importância da presença do sacerdote, seu grande arauto e representante afetivo. Mesmo o Prefeito Linhares não escondia a preocupação de que algo anormal houvesse acontecido com o Reverendo, no que, aliás, tinha tôda razão, já que Padre Januário se encontrava a quilômetros dali, tentando impacientemente consertar seu carro (um calhambeque do ano de 1929) que enguiçara na estrada de acesso à cidade (nesse dia, Padre Januário fora fazer um batizado em Baltazar, cidade vizinha).

O calor estava insuportável, e, não obstante todo o sacrifício, o Reverendo não conseguia convencer "Gumercindo" (era êste o nome do calhambeque) a tomar uma atitude e resolver funcionar:

— Vamos, Gumê!. . . Que é isso, rapaz? Não vai fazer vergonha logo hoje!. . .

Mas nada!

— Gumercindo! Que é que há, homém?! Isso é papel que se faça?! ..

"Gumercindo" estava surdo aos apelos do dono, que se encharcara de suor, coberto de poeira até a raiz da própria convicção. Já desmontara e montara mil vêzes o distribuidor e o carburador. Trocara a posição das velas. Dera-se até ao trabalho de limpar a bomba de gasolina! Nem sombra de sucesso, para aflicção do bondoso sacerdote, acuado pelo relógio tirano que trazia no pulso.

— Ê. . . Não tem jeito. . . Gumercindo, esta eu não esqueço!! Isso não é coisa que você faça comiço. . . Afinal, eu lhe dou um trato razoável.. . Você está-me fazendo pecar, Gumercindo!! Eu vou acabar perdendo a calma!!... E você sabe que eu, quando perco a calma. . . — mas desistiu de discutir. Não adiantava: se a palavra

é a grande arma do Homem, o silêncio é a segunda. Gumercindo, por certo, sabia disso. . .

Sem outra alternativa, Padre Januário recompôs o calhambeque em suas peças e resolveu sentar-se à beira da estrada. Talvez um viajante qualquer passasse por ali e o socorresse, embora, intimamente, soubesse que não era comum passar alguém àquela hora. Contudo, tentou. Era, aliás, o máximo que poderia fazer, antes de partir para uma penosa caminhada a pé.

Nem se passaram quinze minutos, e o impossível aconteceu, na figura de um belíssimo carro moderno, com motorista de boné e tudo:

— E o senhor o Padre Januário? — perguntou o chofer com um sorriso largo e amigo.

— E, por acaso, existe outro nestas bandas, meu filho? — respondeu Padre Januário, levantando-se em seguida.

— Então, está ótimo. Venho mesmo à sua procura — explicou o moço.

— À minha procura? — indagou o padre surpreendido, limpan-do-se do pó que se impregnara na batina.

— Exatamente. Eu sou Leandro, o motorista particular do Dr. Rios — explicou ainda.

— Dr. Rios? . . . O presidente da fábrica? — perguntou o Padre, com olhos arregalados de espanto.

O jovem motorista acenou positivamente com a cabeça.

— êle me mandou buscar? — quis saber, entre sorrisos.

— Perfeitamente, Padre. E olhe: temos que andar depressa! Está quase na hora de o trem partir. Só falta o senhor! — advertiu Leandro, consultando o relógio.

Padre Januário ia embarcando apressado, quando parou de repente:

— ... E o "Gumercindo"? . . . — indagou preocupado.

— Gumercindo? — surpreendeu-se o chofer, procurando à volta: — Que Gumercindo? Há alguém com o senhor, padre? . . .

— Claro que há, ora essa!! — retrucou o sacerdote visivelmente decepcionado.

— Bem. . . o carro é grande. . . Vamos levar seu acompanhante conosco. . . Pode convidá-lo, padre — e embarcou apressado, interrompido, em seguida, pelo sacerdote:

— Mas Gumercendo não pode entrar no seu carro!

— ... Não entra? — espantou-se o jovem.

— ... Acho que não, isto é... claro que não entra!! — concluiu Padre Januário.

— . . . Ora essa! Haverá pessoa tão gorda neste mundo?

— Bem, eu...

— Ora, padre! Seja quem fôr, esse seu amigo... diga-lhe que não há motivo para acanhamento. Minha avó tinha cento e vinte e seis quilos!!

E o diálogo se prolongou por mais alguns minutos, até que, finalmente, muito sério e compenetrado, Padre Januário acabou por fazer ver ao jovem motorista que "Gumercendo" era o seu velho automóvel, empacado à meia distância. Uma boa gargalhada deu por encerrado o curioso diálogo, partindo o sacerdote de carona, não sem antes obter a promessa de que viria um socorro para "Gumercendo", cujo grande defeito, afinal, não era outro, senão uma imperdoável falta de gasolina. . .

A partida de Cotrim se revestiu das mesmas características observadas na reunião de despedida no auditório da fábrica. Cercado de intenso carinho popular, deixava êle a cidade, entre sorrisos e lágrimas da gente agradecida. Políticos de todos os partidos se uniram nas homenagens apoteóticas ao ilustre personagem, cuja postura, porém, em momento algum, se desviou daquela tradicionalmente simples, modesta e desambiciosa com que sempre se apresentara.

Era a confraternização triste de uma população bem brasileira, respingada de amor e seriedade.

Agua do Paraíso vivia, por assim dizer, um de seus momentos mais críticos, mergulhada num colapso afetivo que esvaziava os espíritos dos habitantes. Estremecia-se, assim, o equilíbrio emocional

do operariado em particular, perdido o líder natural e de direito, que zarpava em busca de novos horizontes.

Embora pessoalmente bastante agradável, Rios sabia da dificuldade que o esperava na tentativa de tomar a liderança dos trabalhadores. Ele admitia que isso exigiria cuidadosas jogadas psicológicas, destinadas a neutralizar a desesperança do punhado de seres que, de repente, sem mais nem menos, ficavam sob a sua direta influência, assaltados por dúvidas e apreensões.

A administração de Cotrim fora quase perfeita, estabelecida e desenvolvida à base dos ideais de valorização do trabalho, como condição da dignidade humana.

Rios, homem de elevado nível de cultura, teve o privilégio de compreender o problema, o que lhe deu oportunidade de equacioná-lo com a mestria exigida. Possuidor de grande fortuna, não lhe faltariam meios para conduzir seu programa de ação. Rios, contudo, era também sentimental, dotado de invejável sensibilidade e amor ao próximo. Por isso, após cuidadosa meditação, emoldurou em seu espírito as duas condicionantes essenciais para solucionar o caso: administraria a fábrica com bondade, colocando todos os recursos materiais à disposição desse empreendimento. Não buscaria tornar seu operariado humilde uma coletânea fria de autômatos. Queria viver a vida de cada servidor, participar dos dramas e das alegrias da família trabalhadora, reinar sem corôa, em benefício, principalmente, dos ideais da própria comunidade.

A partida de Cotrim trazia para Águas do Paraíso inúmeras conseqüências e abriria um novo e delicado capítulo na história da cidade. Como já disse, estava lançado um velado desafio, e Rios não hesitara em aceitá-lo.



## Vivendo no Paraíso

Um SOL maravilhoso inaugurou a manhã seguinte. Tôda a Natureza parecia concentrada, entre gotas de orvalho e cantos de passarinhos, naquela quinta-feira clara e radiosa, repleta de esperanças.

Céu azul, todinho azul, abençoava a cidade linda, semi-adorme-cida, um tanto mal despertada de uma noite fria e acolhedora.

Rios foi o primeiro a chegar à fábrica. Rigorosamente composto, bem trajado e barbeado, saudou, logo à entrada, o velho Constantino, vigia de longos anos daquele patrimônio imenso.

— Bom dia, Constantino! Como passou?

O presidente, apertando a mão calejada do antigo servidor, sentiu-a trêmula e gelada. Era a transformação do fator emotivo em modalidade de calor, tudo sintetizado na humildade do trabalhador abnegado. O vigia estava surpreso. O Dr. Rios sabia seu nome! Apertara-lhe a mão! Vejam só! Como o velho Constantino era importante!!

— Então, Constantino, que me diz desta beleza de manhã?

— ... Bem... "seu douto"... eu...

— Você sabe que nunca na minha vida eu vi um lugar tão bonito?

— ... É...

— Águas do Paraíso parece que foi encomendada por Deus ao mais caprichoso poeta do Céu.

Constantino estava engasgado. Não é que o diabo do "douto" também era um poeta?!

— Olhe, Constantino: mandei buscar minha família para morar aqui, sabe?

- Sim senhô. . .
- A princípio, fiquei em dúvida se devia ou não. . . Você sabe. . . .  
Gente acostumada em cidade grande. . .
- Pois é. . .
- Agora, porém, tenho plena certeza que meu pessoal vai adorar isto aqui.
- ?
- Andréia, principalmente.
- . . . Bem, eu...
- Oh, eu esqueci de dizer: Andréia é minha filhinha. . .
- Ah, sim. . .
- Virá a Andréia, a Benedita e minha esposa...
- Sim, senhô...
- Vocês vão gostar delas. São simples e de bom coração.

Constantino, encolhido na modesta condição, devorava, ávido, aquelas novidades. Boas novidades, por sinal. A presença da família Rios em Águas do Paraíso era também um sintoma de prestígio e boas intenções. Depois, o presidente se mostrava deslumbrado com a cidade, o que não deixava de provocar, no coração do velho, um orgulho que só se exteriorizava pelo olhar.

Minutos depois, Rios se dirigiu ao gabinete. Cheio de vida, abriu bem as janelas, recebendo, em troca, a carícia benfazeja da brisa matinal que, sem cerimônia, remexia-lhe os cabelos já grisalhos. Voltado para a paisagem, Rios se maravilhava a cada instante. Ao contemplar o colorido apaixonante das flores, valorizava mentalmente as carinhosas mãos de um jardineiro mágico que delas cuidava com desvêlo. Depois, perdeu-se no passado. A lembrança do pai, sempre oportuna nos momentos exatos, era a grande fonte de ensinamentos e estímulos. Êle fora um batalhador na vida. Durante anos, operário também e dos mais modestos, o velho Rios sacrificou-se em tudo na luta pela sobrevivência. Soubera, em todos os momentos, manter, no seio de um lar honrado, o conceito verdadeiro de Família, agora reunida na imaginação do jovem industrial, estático à janela. Com os

olhos alagados pela emoção, o môço Rios relembra os tempos do passado, em que D.<sup>a</sup> Augusta, sua bondosa mãe, batalhava na costura, para ajudar o marido nas despesas modestas. "A família é a unidade elementar da sociedade, a escola natural da nacionalidade. É o berço de amor e compreensão, de mútuas proteções e mútuos afetos. Mas, se a família é tudo isso, a mãe e a esposa lhe constituem o único e sagrado núcleo integrador, mercê do poder divino que Deus lhe outorga para o sublime cumprimento da missão". Do êxito da tarefa santa, teremos o bom ou o mau caráter ou colheremos frutos doces ou amargos, muitas das vêzes colaboradores diretos dos próprios destinos da Pátria.

D.<sup>o</sup> Augusta, Rios a delineava agora com incrível nitidez. Dócil e enérgica ao mesmo tempo. Responsável. Humana e fiel. Tolerante e educadora. Amiga de todos em tôdas as horas. Companheira inseparável em profundas tristezas e alegrias indiscretas. Compreensível. Aconselhadora coerente e sensata. Mãe no mais alto grau e esposa sem lacunas. Pronta a amenizar o cansaço do velho Rios que chegava da oficina no final da tarde. Disposta a sorrir, mesmo se fustigada pelas agonias. Santa. Sumamente santa.

Agora, o tempo passara.

Reminiscências pálidas amarelavam-se na memória do jovem presidente que iniciava, então, uma de suas mais difíceis tarefas.

Rios meditava profundo. Tão profundo que nem percebeu a entrada da faxineira, esta, sim, surpreendida, por encontrá-lo, tão cedo ainda, em seu gabinete de trabalho.

Um pigarrear medroso da moça, fêz com que o industrial voltasse à realidade.

Refazendo-se, rapidamente, abriu-se num sorriso amigo:

— A senhorita me desculpe. . . Devo ter atrasado o seu trabalho. . .

Olhos arregalados, surpresa, a jovem não teve outra alternativa:

— "Bissolutamente, seu douto". Eu..... eu cheguei nesse minutinho. . .

— Certo. Naturalmente, você quer que eu saia *para* poder es-panar os móveis, não é isso?

— ... Bem, eu...

— Não há dúvida. Vou descer até o Almojarifado, para examinar as remessas de hoje. Assim, ficarei afastado o tempo necessário para você executar seu trabalho.

E, na saída, ainda sorrindo:

— Com licença, senhorita.

A moça ficou, durante alguns minutos, parada, vassoura à mão, engasgada e admirada com o nível de educação do novo chefe.

— Será que gente rica também dá confiança "pros" pobres? — indagava ela com seus botões. E prosseguiu: — É. . . Até que esse douto é um sujeito simpático! Que educação! Que educação!!

Ainda naquela mesma manhã, Rios, acompanhado do vice-diretor realizou uma demorada visita às dependências da fábrica. Buscava um contato mais direto com todo o pessoal, de modo a proceder a um imediato alargamento de relações entre o operariado e a nova Direção.

Nos diálogos que travou na oportunidade, quis saber de tudo, forçando uma palavra dos interlocutores, muitos acanhados, outros desconfiados, mas todos humanamente moderados e corteses. Nesse primeiro contato, teceu elogios ao trabalho especializado individual, situando-o, contudo, no espírito de equipe, que deveria prevalecer.

Rios, no fundo, era um excelente psicólogo. Dêses psicólogos natos. Além disso, era dotado de entusiasmo contagiante. Tinha, também, aprofundado senso de observação. Pelo menos, o necessário para perceber que Serapião, chefe de uma seção, não se lhe mostrara muito amistoso. Falara pouco, sem deixar esconder a intensa frustração com a saída de Cotrim, seu velho e particular amigo de tantas décadas. Por isso, Rios lhe parecia um intruso, incapaz de substituir com êxito o antigo diretor. Serapião, de modo algum, acreditava na hipótese de repetir-se uma chefia no estilo de Cotrim, tão intensamente humana, tão ardorosamente afetiva ela tinha sido.

Rios, fingindo-se desentendido, no íntimo podia compreender o sentimento de Serapião. Somente o tempo, entretanto, daria a solução que, necessariamente, não lhe teria que ser favorável.



À hora do almoço, o apito estridente ecoou em Águas do Paraíso. Pararam as máquinas da gigantesca fábrica e um vozerio intenso invadiu as dependências contíguas ao refeitório.

A fábrica dispunha de cozinha própria, razão pela qual podia servir refeições ao operariado, mediante pequena indenização. O sistema de distribuição de alimentos era dos rmais modernos. Dispostos em fila, os trabalhadores passavam em frente a uma sucessão de painéis enormes, onde funcionários lhes serviam fartamente a ração. Para isso, havia bandejas higiênicamente tratadas que proporciona vam quantidade bastante razoável de alimentos.

Esse processo já virara rotina na vida da massa operária, condicionada àquele padrão sabiamente instituído por Mário Cotrim. Contudo, ninguém esperava encontrar exatamente ali, junto aos painéis, a figura vistosa do nôvo chefe, em cerrada fiscalização ao tratamento dispensado aos seus trabalhadores.

Ainda uma vez, pôde Rios praticar um pouco da psicologia que adotava. Era aquela uma nova oportunidade para dialogar com os auxiliares que engrandeciam o nome da fábrica. Para cada um, o sorriso simpático e portador de esperança. A delicadeza de um gesto humano sempre encontra boa acolhida em qualquer coração.

Depois, passando por entre as mesas do refeitório, ainda rodeado de assessores, observava com atenção o comportamento do punhado de homens e mulheres rudes e humildes.

Findo o almoço, um sem número de providências a serem tomadas de imediato: urgente melhoria do padrão alimentar, um macacão nôvo para o Zeferino, túnicas brancas para os copeiros, etc, tôdas medidas simpáticamente humanas, mas exaradas com firmeza e seriedade, muito próprias do jovem Dr. Rios, a grande surpresa de Aguas do Paraíso.

## Um Anjo no Paraíso

POUCOS DIAS se haviam passado, e uma garota feiosa e magricela apareceu nas ruas da cidadezinha, sendo, de imediato, rotulada como "estranha ao povoado".

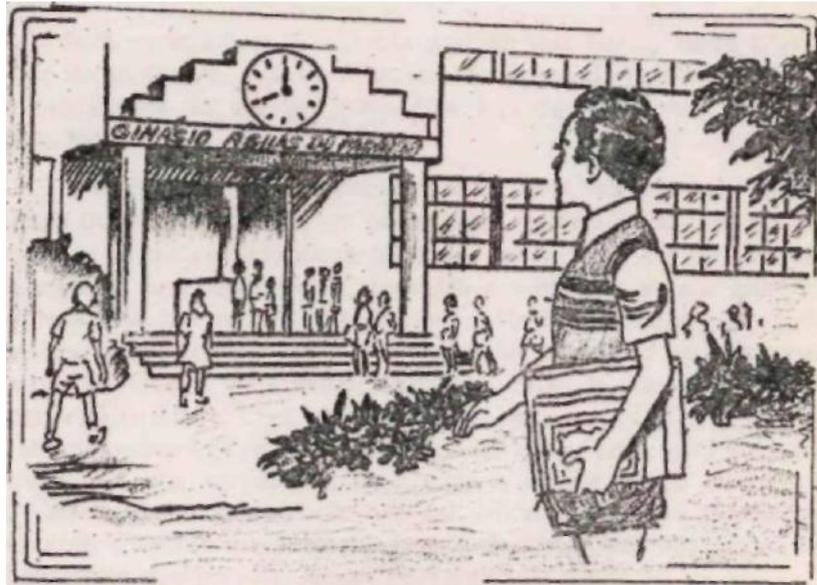
Vestida com apuro razoável, mais nos fazia crer, porém, que também fosse interiorana, de um lugarejo qualquer da vizinhança. Era simples. Bem simples.

Em seu trajeto, contemplava tudo com curiosidade, procurando fixar detalhes aqui e ali, examinando vitrinas ou pessoas pelas quais cruzava. Óculos enormes, escondendo quase todo o esquelético rostinho, a menina chamava a atenção pelo exotismo flagrante, nunca visto por aquelas bandas.

Andréia — este era o seu nome — causou os mais incríveis comentários na cidade. A própria juventude local considerou "estranho" aquele tipo de garota quase adolescente, a percorrer despreocupadamente as ruas do povoado.

Naquela época, os ginásios em geral se congregavam numa espécie de clube, batizado dinamicamente com o nome de "Os Tigres". Havia cerca de duzentos adolescentes matriculados na agremiação, dedicada a mil e umas atividades, desde bailes e serenatas até campeonatos com troféus, normalmente oferecidos pela Prefeitura.

O chefe dos Tigres era um rapazinho de cor, conhecido pelo curioso apelido de "Azeitona". Filho de Serapião, "Azeitona" podia-se gabar de ser o líder de uma das maiores forças de Águas do Paraíso, cheia de independência e determinação. Podíamos dizer que a única exceção feita à tranquilidade de Águas do Paraíso estava ligada ao grupo de jovens chefiados por "Azeitona". Contudo, embora à margem de muitas das tradições locais, os Tigres não se mostravam no-



civos. Eram, apenas, rapazes e moças repletos de idealismo, refletido numa visão progressista de dias cada vez melhores para a comunidade.

Uma das atividades mais interessantes dos Tigres era o Tribunal Juvenil, espécie de Câmara de Vereadores, onde debatiam problemas relativos à cidade e de interesse mais imediato. Nessas oportunidades, promoviam campanhas, aliando, porém, às reivindicações, uma boa sucessão de esforços no sentido de ajudar a concretização daquilo que pretendiam. Esse procedimento repercutia benêficamente no seio da população e polarizava a simpatia das autoridades locais, que, muitas das vezes, se faziam, inclusive, representar nas reuniões programadas.

Para exemplificar a vigorosa atuação dos Tigres, basta citar o caso do Sr. Duarte, velho comerciante de Águas do Paraíso, que teve a infelicidade de ver sua pequenina loja de armarinho devorada pelo fogo.

Reunido o Tribunal Juvenil, ficou, afinal, comprovado que o velho Duarte sempre fora um comerciante honesto e dedicado aos interesses da comunidade. Durante longos anos, trabalhara para possuir a modesta propriedade que, destruída em minutos e sem estar segurada, levava à miséria completa um autêntico trabalhador e pai de muitos filhos. O resultado é que Duarte foi absolvido pelo Tribunal, o que se traduzia em imediata campanha de ajuda, logo disseminada pela cidade inteira. Com o pouquinho de cada um, os "Tigres" ergueram uma nova loja, e o Sr. Duarte pôde, assim, prosseguir sua vida tranqüilamente, agradecido, para sempre, àquele grupo formidável de adolescentes, cuja missão não era outra senão a de reconstruir, alicerçar a cidade positivamente, tornando-a cada vez mais digna do belo nome que possuía: Águas do Paraíso.

Quando Andréia chegou à cidade, "Os Tigres" experimentavam um final de temporada tranqüila. Pouco antes, haviam conseguido do Prefeito a reforma do cineminha local, bem como a replantação do gramado do campo de futebol.

A influência de Azeitona sobre o grupo era indiscutível. A cultura que possuía e o acentuado bom senso, notado nas horas mais críticas, davam ao jovem uma autoridade moral bem delineada e reconhecida por todos. Com tudo isso, porém, o líder dos Tigres não era despótico. Ele apenas representava o poder mais alto do grupo,

o "voto de Minerva" das grandes decisões. Por essa razão, todos os Tigres, sem exceção de sexo ou de cor, tinham voz ativa no grupo, nem que fosse para colocar em votação uma idéia particular. Uma dessas idéias foi a proposta de reunião extraordinária do grupo, tendo em vista o aparecimento inesperado de Andréia na cidade. A solicitação partia de Sandra, jovem ginasiana do terceiro ano, mocinha ativa e dinâmica, normalmente em oposição, espécie de promotora, quando em funcionamento o Tribunal Juvenil.

Sandra era a oitava de dez irmãos.

Seu comportamento jamais deixou esconder um recalque berrante pela modesta situação de seu pai, antigo operário da fábrica. Esse estado de espírito provocava-lhe impertinente conflito psicológico, que refletiria negativamente em tudo e contra todos. Os Tigres, porém, admitiam e consideravam as atitudes de Sandra. Se o grupo se orientava por princípios democráticos, nada melhor do que a vigilância cerrada de uma oposição eficaz, principalmente a de Sandra, permanentemente atenta aos mínimos deslizes.

Dessa forma, a reunião foi realizada. Houve protestos das moças, "agredidas em seus costumes por uma garota que, sem pedir licença, invadira a cidade e, em trajes exóticos, se insinuara inúmeras vezes aos rapazes do lugar". Surgiram, naturalmente, vários apartes dos próprios moços, porque, sem dúvida alguma, Andréia não fizera insinuação alguma a ninguém.

Azeitona, sentado sobre o caixote do líder, ouvia com atenção os depoimentos que desfilavam apaixonadamente, em meio à algazarra provocada pela novidade. De vez em quando, apertava o fole de uma buzina barulhenta, solicitando mais silêncio no plenário, organizado este no interior de um velho barracão abandonado, que servia de sede à agremiação. De todos os lados, vozes exaltadas explodiam na defesa ou no ataque da "intrusa" recém-incorporada, repentinamente, aos grandes temas da cidade.

As coisas já iam ficando difíceis de controlar, quando Azeitona, sempre hábil e inteligente, resolveu interferir, colocando-se de pé sobre o caixote. De imediato, o silêncio tomou conta do recinto. Ia falar o líder dos "Tigres":

— Bem, senhores, já é hora de traçarmos um quadro mais concreto. Concordam?

— Concordo!! — responderam em còro.

Azeitona prosseguiu:

— Os depoimentos apresentados não permitem dúvidas de que uma entidade estranha acaba de atravessar nossas fronteiras e se instala entre nós. Certo?

— Certo!! — responderam os jovens.

— As descrições, não obstante bem confusas, levam-nos a crer que se trata de uma menina. . .

— Sirigaita, isto sim!! — exclamou Sandra do fundo do recinto.

Um "psiu" geral lhe serviu de censura, pois fazia parte do regulamento do grupo não apartear o líder no momento da decisão.

Sandra se acomodou, enquanto Azeitona, em breve pausa, esperou que tudo voltasse à calma novamente, para prosseguir:

— . . . Como eu dizia, tudo leva a crer que se trata de **uma** menina, possivelmente de doze ou treze anos de idade, dotada de hábitos pouco compatíveis com aquêles adotados pela juventude de Aguas do Paraíso . . . Não resta a menor dúvida de que a presença de uma estranha em nosso meio precisa ser investigada com cuidado, na salvaguarda de nossas próprias estruturas.

O plenário mergulhou num murmúrio generalizado, desenvolvido por comentários, em voz baixa, de todos os presentes. Azeitona voltou a acionar a buzina, reclamando silêncio:

— Sendo assim, designo o Tigre Beбето e a Tigresa Sandra para procederem a uma rigorosa diligência, no sentido de apurar a procedência das denúncias aqui formuladas, concedendo para tanto um prazo de cinco dias para apresentação de um relatório detalhado sôbre o assunto.

— Eu penso ser desnecessária essa medida, meu caro líder, se me dá licença para apartear! — exclamou, lá de trás, um jovem aloi-rado e muito simpático.

Era Ronaldo.

A sessão tumultuou-se de uma vez, com vozerio ensurdecedor, no clímax da surpresa provocada pela intervenção do moço.

Azeitona, ainda bastante espantado, respondeu:

— Aparte concedido, Ronaldo. Que tem a declarar?

Ronaldo dirigiu-se apressado para junto do líder; voltando-se para a platéia, exclamou:

— A jovem que se tornou tema de debate nesta reunião. . .

— Licença para retificação, senhor Tigre? — replicou Azeitona.

— Pois não, senhor líder — acedeu o jovem loiro.

— A jovem não se tornou tema de debate. Talvez o senhor não esteja informado de que esta reunião foi convocada para tratar desse assunto.

— Como queira, senhor líder. Como queira — e, voltando para a assistência, prosseguiu: — Essa jovem inocente que. . .

— Protesto!! — replicou Sandra com energia.

— Que tem a dizer, Tigresa? — indagou o líder.

— Por que razões esse Tigre sustenta a tese de que a garota lunática está inocente?

Azeitona, já denotando contrariedade e impaciência, dirigiu a palavra a Ronaldo.-

— Pode responder, caro Tigre?

— Evidente que sim, meu caro líder.

— Pois sim!! — retrucou Sandra irradíssima, o que lhe valeu novo "psiu" de censura dos assistentes.

Ronaldo, sem perder a calma e a postura impecável que apresentava, continuou:

— Eu já sei quem ela é, se me permite!

Um "oh" generalizado fêz-se ouvir no velho galpão de reuniões. Murmúrios e comentários se seguiram, sem que as buzinas roucas do líder obtivessem o menor resultado.

Discussões laterais tomaram proporção, enquanto Azeitona começava a temer pelo desfecho do debate, nitidamente incendiado pela malícia de Sandra, por sua vez bastante realizada com a con-

fusão resultante. Somente minutos após, o silêncio foi conseguido, assim mesmo porque Azeitona, renunciando às velhas buzinas de sempre, resolveu apelar para a garganta, pedindo silêncio, nos mais altos brados:

— Lembra à platéia que já são vinte e uma horas. Não podemos perder tempo!

E, voltando-se para Ronaldo, determinou: — Prossiga!

— Bem, a jovem, que todos estranharam nesta cidade, se chama Andreia e é filha do Dr. Rios!

Pronto!! Agora mesmo é que o tumulto se generalizou, no meio da assistência, estupefata com a grande revelação. Reabria-se, de repente, a grande chaga provocada pela ausência de Cotrim e sua substituição pelo Dr. Rios, de direito o próprio presidente da firma. Não faltaram os que, preliminarmente, eram contrários à nova Direção e que acabaram por desentender-se com os mais sensatos que, como é óbvio, não viam motivos para reação tão injusta.

Azeitona, pela primeira vez, sentiu fugir-lhe o controle de uma assistência, que jamais se comportara com tamanha falta de senso e equilíbrio. Falavam todos ao mesmo tempo, numa gritaria cada vez mais forte, cada vez mais ensurdecidora.

Intensamente motivada, Sandra se encarregava de atizar os adolescentes, espalhando opiniões distorcidas e mentirosas, que estremeciam os ímpetos e os brios daquela massa jovem super-excitada. Na realidade, inconformada com a precariedade de recursos do pai, a moça refletia sua fúria sobre o presidente da fábrica. A inexplicável prevenção contra Andréia, que conhecia, apenas, de vista, encontrava, naquele momento crítico, a justificativa desejada para abastecer toda a revolta que consumia a garota rebelde. Sem que o soubesse, Andréia, a menina exótica, tornava-se o alvo principal, contra quem Sandra descarregaria seus recalques acumulados de anos.

Azeitona, agora, percebia tudo. Quanto a Sandra, já não se tratava mais de uma menina bravia, geniosa, porém inofensiva. Ela estava galgando uma posição muito perigosa para ele e para o grupo. De certo modo, para a própria cidade. A área de influência da jovem alargava-se dia a dia, e as eleições para a escolha dos novos líderes estavam bem próximas. Sem outro recurso, Azeitona postou-se silen-

ciosamente ante a platéia, num apêlo à normalização da reunião ruidosamente agitada, entre os rnaís acirrados desencontros de opiniões.

Somente dez minutos depois, a calma retornou ao recinto, devolvendo a palavra ao líder, a essas alturas visivelmente preocupado:

— Bem. . . — iniciou Azeitona, observando com censura um ou outro grupo que ainda se perdia na inquietação — nós precisamos ratificar alguns conceitos formulados no início desta reunião, de modo a preservar o bom nome do nosso grupo, tradicionalmente equilibrado.

— Cuidado, senhor líder! — interrompeu Sandra com ironia — buscando manter "tradições", muitas das quais superadas, caímos no terrível equívoco da "acomodação".

— Muito bem!! — gritou um outro lá de trás, seguido de aplausos inexpressivos.

Azeitona, encarando com seriedade o problema, não deu resposta. Esforçando-se ao máximo para manter-se tranqüilo, prosseguiu:

— Vejo nesta reunião, a propósito, uma oportunidade muito própria para reorientarmo-nos todos, livrando-nos da contaminação de certas idéias perigosas e dirigidas por elementos, cujos objetivos não se entrosam com a forma de viver de Águas do Paraíso.

Azeitona se expressava com uma austeridade inédita para todos. Sua força moral, indubitavelmente, se fazia sentir na alma de cada um. O líder sempre se houvera com sucesso nas rnaís difíceis situações. Jamais se mostrara covarde, e tinha como doutrina básica, por outro lado, a pacificação e o equilíbrio. Azeitona era honesto e seguro de si mesmo, além de demonstrar cultura superior, vasta demais para a sua idade.

Dessa forma, todos ouviam com atenção as palavras do líder que prosseguiu:

— Os Tigres vivem hoje, neste momento, uma noite histórica. Importante, como nenhuma de suas noites. Vital, por assim dizer. Pela primeira vez, em todo o meu período de liderança, eu assisti ao desencadear de um conflito psicológico no nosso grupo. Há muitos lembretes a fazer a todos, com a força da posição que ocupo por votação livre dos senhores que me ouvem. O primeiro deles, se refere ao programa de ação que temos que continuar a cumprir sem

desvirtuamentos e mudanças de opinião. Esse programa não foi imposto a ninguém, mas, sim, sugerido pelos Tigres, debatido pelos Tigres e aprovado pelos Tigres. Portanto, cabe única e exclusivamente aos Tigres executá-lo ponto por ponto, sob pena de vermos todos desmoralizado o nome da agremiação.

— Muito bem!! — apartearam. Houve muitos aplausos. Efusivos aplausos. Azeitona estava eloqüente. Dirigia-se a todos, como se fosse a cada um de per si, sem gritar, esbravejar ou inflamar-se. Era um líder completo. E prosseguiu:

— Dentro de dois meses, teremos novas eleições no Clube. Poderá haver mudança de lideranças e, com isso, uma reviravolta na própria orientação do grupo. A direção atual se empenha, no momento presente, em *elaborar* as condições em que se realizará o pleito, caminho único para garantir a linha democrática da entidade. Por certo e de direito, teremos vários candidatos a ocupar as lideranças dos Tigres, todos igualmente amparados pelos regulamentos estabelecidos. Cabe, porém, uma observação julgada justa: se escolhermos o sistema do voto, se esse sistema se tornou um direito, teremos obrigação de fazer jus a esse direito. Isso quer dizer que, como tudo em nossas atividades, devemos encarar nossas eleições internas com o máximo de seriedade. Da consciência de cada um dependerá o futuro dos Tigres, cujo passado tem sido reconhecido como exemplar por todos os habitantes de Águas do Paraíso. O voto é livre. Cada Tigre votará no candidato que julgar mais adequado. Contudo, este "mais adequado" se refere ao grupo e à comunidade. Apelo no sentido de que ninguém pense, apenas, nos interesses pessoais, nas vaidades pessoais ou no atendimento a paixões pessoais. Temos, neste momento, grandes problemas a enfrentar. O primeiro deles é o que diz respeito à nova Direção da fábrica de papel. Todos estão bem cientes da importância dessa empresa, face ao equilíbrio econômico da cidade. Ninguém ignora o lastro de benefícios que a fábrica tem construído para Águas do Paraíso, o que nos leva a admitir, com um mínimo de inteligência, que todos os esforços devem conduzir ao apoio máximo à firma.

— Um aparte? — solicitou um dos assistentes. Era Rosário.

— Pois não — concordou o líder.

— O prezado líder, neste momento, acaba de configurar um importante detalhe na questão.

— Faça-se mais claro, por favor — insistiu Azeitona.

— O senhor falou em condução de esforços para apoiar a firma, não foi?

— Certamente.

— Em outras palavras, o caro líder quis afirmar que tôdas as ações devem ser dirigidas no sentido da manutenção do bom nome da fábrica e do seu próprio equilíbrio, exato?

— Perfeitamente — concordou o líder.

— Ainda mais, que qualquer alteração na conduta da fábrica atingiria frontalmente o equilíbrio do povoado.

— Pleno acôrdo.

— Então, bem pode o prezado líder compreender a preocupação que nos ocupa a todos, em vista dessa mudança brusca de Direção.

Azeitona coçou a cabeça, sorrindo, e replicou:

— É claro que compreendo. Seria humanamente admissível a saída de Cotrim, sem uma lamúria sequer do nosso povo?

— O prezado líder me parece não ter entendido o que eu quis dizer — insistiu o aparteante.

— Pois, então, esclareça-me, por favor — solicitou com olhar expressivo.

— O senhor, por acaso, conhece os motivos que levaram o senhor Mário Cotrim ao afastamento do cargo? — indagou o aparteante com malícia.

— ... Penso... que sim — respondeu Azeitona, intrigado.

— Pode enunciá-los para nós? — insistiu o outro.

Azeitona, embaraçado, recomeçou:

— .. . Bem. . . o que eu sei, todo mundo sabe. . . Pelo menos, a maioria. . .

— Vejamos, então! — exclamou o jovem aparteante com firmeza.

— Bem. . . o senhor Cotrim foi convidado a exercer outro cargo noutra cidade... É só... Pronto. Êle aceitou. Direito que lhe assistia...

— Sr. líder — prosseguiu o aparteante — é justo que eu explique à assistência as razões dêste meu diálogo.

— A palavra lhe pertence, meu amigo.

— O fato é que ouvimos, "à bôca-pequena", que motivos políticos sobrepujaram a incontestável eficiência do Sr. Cotrim...

Houve um murmúrio geral, de certa forma bastante justo. Azeitona, firme no posto, não se deixou perturbar:

— Solicito ao prezado companheiro que se faça mais explícito. Que não se esqueça, porém, ser norma de conduta dos Tigres não fazer acusações injuriosas ou indignas de crédito!

— Estamos debatendo a questão, Sr. líder. . . — replicou Sandra com arzinho de deboche.

— Prossiga quem de direito! — ordenou Azeitona com energia.

Assim, o aparteante pôde continuar:

— Sr. líder, corre, por aí, um "peixe", segundo o qual o Sr. Cotrim se desentendera com o Prefeito. . .

— E daí, Sr. aparteante?

— Daí, que o Prefeito, como vingança, tratou de intrigá-lo com o Presidente da firma e. . .

— Ridículo!!! — aparteou, lá do fundo, Ronaldo, bastante exaltado.

O plenário voltou a tumultuar-se.

Novamente, Ronaldo cerrou à frente, para expressar seus pontos de vista. Antes, contudo, Azeitona, usando de energia, fêz a advertência necessária:

— Se o plenário persistir em tumultuar a sessão, sou obrigado a suspendê-la. Não me parece muito justa a acusação levantada há poucos minutos. Nem justa, nem compatível com nossa tradicional linha de ação.

Sandra interveio de repente:

— Seria o caso de perguntar ao prezado líder se, no seu dicionário, não existe outra palavra que não seja "tradição" — e riu debochadamente, entre aplausos e vaias do grupo de opiniões divididas.

Ronaldo não se conteve:

— Ao Dr. Rios cabe o direito de assumir o comando direto de sua própria fábrica!!

— Ele é burguês!! — gritou Sandra enraivecida. Novos aplausos e vaias ensurdeceram o recinto em estado agudo de excitação.

— Você nem sabe o que quer dizer "burguês", garota intrometida!! — replicou Ronaldo bastante irritado.

— Sei sim, "seu almofadinha"!!

A platéia delirava na gozação do duelo verbal estabelecido. Pouco faltava para a eclosão de uma briga de imprevisíveis proporções, quando Azeitona interferiu contrariado:

— Sentem-se todos, por favor, e ouçam o que eu vou dizer!. . . A fábrica de papel representa anos e anos de trabalho e sacrifícios da família Rios. Quem lê sua história, percebe claramente que ela nasceu de um nada. A fábrica é produto das mãos laboriosas de um operário, como são os nossos pais e alguns de nós mesmos. Ela foi edificada em bases honestas e tem fundamentos jurídicos indiscutíveis. Está legalizada. É propriedade particular, resultante da livre iniciativa. Subordina-se às leis da justiça social.

— Apoiado!! — exclamou uma jovenzinha da segunda fila.

— São inúmeros os benefícios que ela tem prestado à cidade. Dá-nos empregos e recursos econômicos. Estabelece padrões sociais e realça o nome de Aguas do Paraíso no conjunto sócio-econômico do Brasil. A fábrica redistribui lucros com os operários. Mantém nossa escola primária e o ginásio da cidade. Promove festas e garante a tranqüilidade do povo!

— Isso tudo no tempo de Cotrim!! E agora? — replicou um ginasiano, do alto de um caixote de geladeira.

— Seria ingênuo pensar que o Sr. Cotrim promovesse tudo sem a autorização do Dr. Rios. Mas que fosse este o quadro real! Não podemos ainda fazer julgamentos. A nova Direção assumiu as funções há dias. Por que hostilizá-la? Baseados em quê? Atraídos por pai-

xões pessoais? Então, não nos estamos rmais propondo a defender nossa cidade. Talvez tivéssemos que mudar nossos estatutos para passar a proteger pontos de vista individuais!!

O galpão quase veio ao chão com a tempestade de aplausos. Do seu lugar, Sandra fuzilava, com o olhar, o líder que vivia uma feliz eloquência.

Azeitona continuou:

— Querem ver uma coisa?... Meu pai é um dos melhores amigos do Sr. Cotrim. Não amigo das horas boas, só, não! Amigo mesmo!! Ali!! "No duro"!! Meu pai sentiu demais a saída dele. Tem mesmo a impressão que o Sr. Cotrim seja insubstituível.

— Estão vendo só? — replicou o opositor costumeiro.

— Ninguém está vendo nada, meu caro Rosário! — censurou Azeitona — Vendo o que não existe? . . .

— Ora, eu. . .

— Como eu dizia, meu pai não ficou satisfeito com a mudança. Questões sentimentais, naturalmente. . .

A platéia explodiu numa gargalhada de zomba. Azeitona, muito sério contudo, prosseguiu:

— Poucos, com efeito, são aqueles que sabem manter uma boa amizade. Amizade mesmo. Sem interêsses ocultos. Humana. Quando se sente amizade, não se pode pensar em rótulos de orgulho ou vaidade. Mas isto vocês sabem melhor do que eu.

O silêncio no recinto tornou-se absoluto. Azeitona não se detinha.

— Mesmo constrangido, mesmo ferido em suas opiniões, meu pai não vai deixar de ser bom operário. Continuará trabalhando como antes, porque ama a fábrica, como à própria cidade. Afinal, não foi papai que mudou. Foi a Direção. É certo que a transformação pode desequilibrar, de algum modo, a estrutura da emprêsa, mas logo tudo voltará à normalidade, disso não tenho dúvida.

— Aí é que está o problema, Sr. líder! — voltou a apartear o jovem Rosário.

— Que problema, Sr. Tigre? — indagou o líder pacientemente.

— Permita-me alertar o plenário que o prezado líder está "por fora da jogada". . .

Houve uma risada geral, pela expressão utilizada pelo jovem no debate. . .

— ... E algum dos senhores estará, então, "por dentro"? O meu caro opositor, por exemplo?

Nova gargalhada estourou no recinto. Rosário, corado, quis defender-se:

— . . . Bem. . . eu. . . eu conversei com os operários e. . .

— ... E, por certo, conduz a conversa de modo a poder assenhorear-se melhor do problema, não é isso?

— Exatamente! — respondeu o interlocutor, eufórico com a vitória aparente. Azeitona, contudo, ainda não terminara:

— Podemos saber quando o Sr. realizou sua última... "conversa"?

— Ora. . . Deixe-me ver. . . Faz um dez dias, mais ou menos. . . Ouvi muitas queixas. . .

— Ah, sim! — concordou o líder — faz uns dez dias. . . Se não estou equivocado, o Dr. Rios tomou posse há uns cinco dias. . .

— Seis! — gritaram lá de trás.

— Oh, exatamente! Seis dias! . . Bem, neste caso não me parece muito razoável que, mesmo antes da posse do Dr. Rios, algum operário já tenha queixas contra sua administração...

— Bem. . .

— A não ser que o caro Tigre esteja buscando na intriga um fundo de diversão. . .

— Mas...

— . . . Somos obrigados a pensar seriamente no seu problema. Afinal, somos parte de uma juventude que se espalha por todo este Brasil afora. Temos responsabilidade própria. Não juramos mostrar aos adultos que temos valor?

— ... Sim. . . eu. . .

— Será na intriga, na mentira, que o faremos?

Sob pesado silencio, o líder admoestou o jovem opositor.

Rosário era um menino coroadado de traumas. Chegara a Águas do Paraíso havia um ano, proveniente de Baltazar, cidadezinha bem próxima, em nada semelhante àquele pedaço de céu.

A juventude de Baltazar se organizava num grupo denominado "Os Camarões". Eram jovens inquietos, seguidores de outra filosofia de vida, diametralmente oposta à dos Tigres. Estes, aliados à Cultura, debatiam temas de interesse público e promoviam festas, dentro de um comportamento invulgar. Nas raras vezes em que se entregaram à indisciplina, nada mais fizeram além de desenroscar as lâmpadas dos postes de Águas do Paraíso, deixando o Prefeito quase louco de raiva e toda a população mergulhada no escuro!, . .

Já os Camarões eram chegados à violência. Não compreendiam que os danos, causados pelas suas arruaças costumeiras a Baltazar, eram, na verdade, ressarcidos por todos, inclusive seus pais e mesmo por muitos deles. Havia épocas, em Baltazar, que a arrecadação de impostos não cobria a metade dos prejuízos causados pelas badernas programadas com mestria pelos jovens.

A diferença de filosofias, fazia de Tigres e Camarões tenazes adversários, que não só digladiavam-se nos campeonatos esportivos, como seria lícito supor. Mais atrevidos, por várias vezes os Camarões apareceram repentinamente em Águas do Paraíso, trazendo consigo a brutalidade do seu sistema de vida, no contínuo cultivo da desordem.

Águas do Paraíso não possuía policiamento capaz de enfrentar os assaltos dos jovens de jaqueta vermelha, nem os Tigres permitiam, por seu turno, a interferência de adultos nessas questões. Via de regra, defrontavam-se os dois grupos, resultando, quase sempre, cinco ou seis contundidos de ambos os lados. Se os Camarões tinham a fúria desenfreada, os Tigres, em compensação, eram mais unidos e organizados.

Rosário fora, no passado, um "Camarão" na vida.

Mudando para Águas do Paraíso, contudo, viu-se, por assim dizer, obrigado a passar para o lado dos Tigres, muito embora não parecesse inclinado a aceitar as novas idéias que apelidava de "qua-

dradas". Por isso, aparteava e tumultuava as reuniões democráticas do grupo, não participando corretamente das iniciativas dos Tigres. Rosário encontrava em Sandra uma feliz identificação, ambos voltados para os mesmos objetivos: oposição ferrenha e permanente.

Agora, naquele momento, Azeitona o silenciava com argumentos diferentes daqueles que êle pôde conhecer com os Camarões desordeiros. Cabisbaixo, sob o pesado silêncio da platéia, Rosário recalcava uma derrota a rnaís no íntimo. Muito próxima, Sandra con templava, altiva, o líder em sua pregação:

— Conforme eu relatava, embora meu pai não compartilhe do meu ponto de vista, êle o respeita tanto como eu respeito o dele. Agimos, no entanto, para o objetivo comum, que foge completamente ao aspecto individualista da questão. Águas do Paraíso não é propriedade de um só. A cidade é de nós todos e exige a nossa contribuição. Dessa forma apelo no sentido de que todos nós depositemos um voto de confiança na gestão do Dr. Rios, de direito o presidente da fábrica e, portanto, digno do nosso rnaís profundo respeito.

— Muito bem! — exclamaram todos com entusiasmo.

— . . . Mas não nos esqueçamos do nosso papel de brasileiros. Mesmo sem perceber, representamos uma miniatura do povo; do povo e da juventude dêste Brasil. Dizem que nosso país é subdesenvolvido. Tenho ouvido isso, diàriamente, da bôca de brasileiros. Falar não adianta. Para sair desse estágio que nos humilha e constrange, só há uma solução: trabalho. Trabalho próprio, e, não fiscalização do trabalho dos outros. Enquanto perdemos nosso tempo, discutindo a eficiência ou não de um determinado setor nacional, deixamos de colaborar na grande batalha de desenvolvimento. A Pátria é indivisível. É única. Singular. Por isso, exige da juventude do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste. Águas do Paraíso, de certo modo, pode-se honrar de trabalhar pelo Brasil, e nós trabalhamos para Águas do Paraíso. Mas podemos trabalhar rnaís. Muito rnaís. Não imitando os Camarões de Baltazar. . .

Aplausos prolongados da platéia e vibração intensa.

— Não imitando os Camarões de Baltazar. Nossa rmeta não é destruir. Lutamos pelos interêsses comuns da juventude, mas com armas que nos identifiquem com a razão. Advirto-os a todos contra os perigos da disseminação do ódio em nosso grupo. Da calúnia. Da

fúria dos recalques incontidos. Ninguém é obrigado a pertencer ao grupo. Aquêles que não aceitarem nossos estatutos, aquêles que não entenderem o significado dos nossos padrões democráticos, não têm o direito de desvirtuá-los ou destruí-los. Ouvei, no meio dos debates, a palavra "burguês". Preocupa-me demais a utilização irresponsável desse vocábulo. Ele me parece rnaís um chavão de ideologia comprometedora, muito em moda nos dias de hoje. É preciso cuidado quando se usa uma arma. Ela pode ferir-nos em acidente e tornar-se fatal. A palavra "burguês", nos dias que correm, é arma psicológica, e sôbre ela, eu voltarei a falar na próxima reunião. . . Alguém tem alguma outra observação a fazer?

Não houve resposta. Azeitona, com o mais absoluto contrôle da situação, concluiu:

— Encarrego o Sr. Ronaldo de buscar contato com a jovem Andréia. Ela será a mais nova Tigresa do grupo!

A decisão de Azeitona foi muito bem recebida, tanto que, durante cinco minutos o líder foi aplaudido pela assistência de pé. Logo depois, Azeitona encerrou a reunião.

Um pandemônio de vozes e assobios, caixotes caindo e gargalhadas escandalosas, marcou, como de costume, o final da reunião dos Tigres.

De modo geral, as conversas giravam mais em tórno de Rosário, condenado por muitos peia inflexibilidade de oposição do jovem de Baltazar, julgado inoportuno e irreverente. Outros, por sua vez, começavam a delinear, no ex-Camarão, um nôvo líder para os Tigres, cujas eleições se realizariam dois meses depois. Uma terceira ala, contudo, permanecia em expectativa, diante dos radicalismos de Sandra e Rosário, coerentes entre si, mas originários de condições diferentes, talvez sem grandes probabilidades de uma aliança próxima.

A recém-surgida liderança de Rosário, se bem que justificável, trazia preocupação acentuada, já que sua inclinação para a violência tornava concreta a imagem paradoxal de um Camarão autêntico, interferindo no cotidiano de Águas do Paraíso. Isso, talvez, redundasse na própria desagregação dos Tigres, moldados já aos costumes e tra-

dições da cidade, alicerçados em seu bojo e identificados com seu sistema de vida.

Azeitona não estava errado, nem precipitado em suas preocupações. Estava evidenciada a penetração de idéias espúrias na massa jovem que liderava com carinho e dedicação, idéias essas que poderiam oferecer conseqüências catastróficas para tôda a comunidade.

Com esse problema no pensamento, Azeitona voltou para casa, modesto bangalô situado na Vila Operária. Ao chegar, percebeu que Serapião, seu pai, ainda não estava recolhido.

## Paraíso Inquieto

### **A** CASA de Serapião era modesta, mas bem construída.

Tinha dois quartos de tamanho médio e uma sala um pouco maior, em cuja parede principal sobressaía um belíssimo quadro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

De modo geral, desde os móveis até os mais privativos utensílios, tudo fora obtido no reembolsável da fábrica, que vendia barato e com parcelamento de pagamento.

Por esta razão, Serapião se dava ao prazer de assistir a programas de TV, transmitidos de São Paulo, e de poder guardar sua latinha de manteiga na geladeira branquinha, motivo dos cuidados mais especiais de D.<sup>a</sup> Almerinda, sua espôsa.

Mas o que me parecia mais bonito, contudo, naquele bangalô de Vila Operária, era o jardim, artisticamente trabalhado pelo próprio Azeitona, em suas horas de meditação e lazer.

No pequenino espaço de terra, vibrava um nôvo e pequenino universo, cujos habitantes, em forma de planêtas de variados tipos, tornavam-se os grandes confidentes do jovem líder. Roseiras de todos os tamanhos se emaranhavam umas com as outras, assediadas de perto por trepadeiras insolentes que em tudo se intrometiam sem o menor acanhamento.

Azeitona adorava aquelas plantas. Dava-lhes nome e com elas conversava, como se fossem seres humanos, iguais a êle. Ali, na tranqüilidade do recanto, o líder muitas vêzes encontrara solução para inúmeros problemas.

Agora, era tarde da noite. Azeitona retornava da agitada reunião dos Tigres.

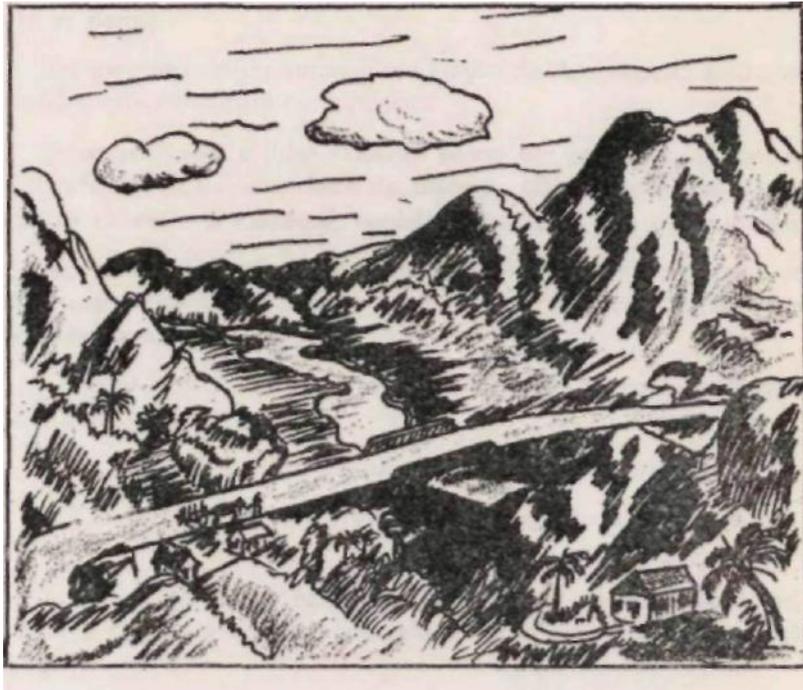
Sem resistir à beleza das flores, Azeitona não pôde deixar de parar, um pouquinho que fosse, para mimosear suas grandes amigas de tôdas as horas. Se elas falassem, quantas palavras maravilhosas seriam trocadas! Frases inteiras de amor ao dono, sob um luar prateado e apaixonante que espalhava ternura pelo povoado adormecido e quieto.

O que Azeitona sentia naquele instante, contudo, era mais do que um delicioso torpor ante a Natureza imperante. Trazia, no peito, uma espécie de angústia, quase medo, e uma vontade enorme de também ser planta, de confinar-se no doce mundo esverdeado que o cercava, junto aos vegetais. Perdido no pensamento, êle caminhava, passos lentos, por entre os galhos sinuosos e orvalhados, acariciando uma ou outra rosa, ajeitando aqui, prendendo ali, observado pelas amigas mudas, silenciosas, que, por certo, o consideravam também um líder preto, bem preto, mas de brancos ideais, nobre e muito nobre, alma pura e abençoada, produto, sem dúvida, da magia singular de Águas do Paraíso.

Nem os sapos em suas cantigas repetidas, nem os grilos, nada trazia de volta à realidade o adolescente líder, envolto em meditação.

Pela mente cansada, quase confusa, desfilavam os personagens mais importantes da cidade. Azeitona, aliado resoluto da moderação, não deixava de pensar em Rosário e Sandra, arautos, por outro lado, da violência e da desagregação dos costumes tradicionais. O líder amava Águas do Paraíso. Sabia que o povoado vivera dentro de um equilíbrio por muitas e muitas gerações. Equilíbrio que resultara do trabalho de centenas de mãos laboriosas. Da dedicação de justres homens públicos. Da seriedade de juventudes passadas. Os tempos lhe pareciam mudados. Cabia-lhe, afinal, enfrentar um problema que outros líderes jamais encontraram. Na verdade, o destino de Águas do Paraíso lhe caía, agora, às mãos, e disso Azeitona estava perfeitamente avisado. O futuro do povoado, muito em breve, passaria a ser regido por homens e mulheres que êle vira, àquela noite, trepados nos caixotes, aplaudindo ou rebatendo as teses apresentadas na reunião. Arrepiava-se em pensar que Rosário, um dia, poderia tornar-se prefeito da cidade. Ou que Sandra se elegeisse numa eleição qualquer.

Testa franzida, rosto contraído, Azeitona sentia-se tocado no seu espírito democrático. Sim. Mais tarde, tanto Sandra como Rosário, poderiam governar a cidade. O Estado. O próprio País. A Democra-



cia o permitiria, sem dúvida, e o Brasil é um País democrático. O líder, assim, compreendia a gravidade de sua posição. Tudo estava no comêço. Dependia dele. O mal deve ser cortado pela raiz. Azeitona não tinha oportunidade de omissão, mas reconhecia que, se Sandra e Rosário tivessem que ser neutralizados, êle o teria que fazer de modo democrático, com armas democráticas.

De nôvo, os personagens da cidade se intrometeram em seu pensamento. Andréia aparecia sem nitidez, desgovernando-lhe as idéias já convulsionadas. Via Rios e Cotrim discutindo em praça pública, sob os protestos de Padre Januário, que pedia paz e acôrdo entre as partes.

Um gato veio interromper a meditação de Azeitona, que se surpreendeu quando consultou o relógio.

Recompondo-se, o líder resolveu entrar em casa, indo encontrar o pai refestelado numa cadeira de balanço, olhar perdido no vazio, como se estivesse a mastigar, também, uma profunda preocupação.

Tão absorvido estava Serapião, que não deu pela chegada do líder, surpreendendo-se mesmo ao ouvir o "alô" característico da mocidade da época.

— Como é? Foi boa a reunião? — perguntou Serapião, sem desviar o olhar do infinito.

— ... Foi. . . — respondeu-lhe Azeitona sem entusiasmo.

— . . . Então, já sei que não foi. . — concluiu o velho, na mes ma posição.

— . . . É. . . Talvez não tenha sido. . . — replicou Azeitona, abrindo a geladeira colocada na sala e de lá retirando um pedaço de queijo.

Serapião, reacomodando-se na cadeira, interessou-se.

— . . . Bem... Eu posso saber o que houve?

— . . . Penso que não. .. Não há necessidade. . .

Serapião levantou-se, indo beliscar uma pontinha do queijo que o filho devorava com prazer:

— . . . Está certo. . ., mas, às vêzes. . .

— Não adiantaria, pai. Temo que você não entendesse. . . — retrucou o jovem, indo postar-se junto à janela, onde se esticava uma modesta cortina estampada.

— Não quer tentar?. . . — insistiu o pai — Quem sabe eu posso ajudar. . .

— Não, neste caso, é muito complicado — retrucou.

— . . . Entendi.

— Entendeu o quê?! — perguntou Azeitona surpreso, voltando-se para o pai que acendia um cigarro.

— Ora. . . Entendi. Só isso — respondeu o operário com um sorriso malicioso, seguido de longa baforada.

— . . . Mas eu não lhe disse nada! . . .

— . . . Não precisa. Eu o conheço, Roberto. Você não é meu filho?

— . . . Sim, mas. . .

— Então?! Tenho que entendê-lo... Pelo menos, fazer força para isso. . . — e riu gostosamente.

— ... Eu...

Serapião retornou à cadeira de balanço e, apontando para um banquinho ao lado, convidou:

— Sente-se aqui. Vamos conversar como homens, está certo?

— Mãe já foi dormir? — indagou o líder com seriedade.

— Sim. Já. Teve uma ligeira indisposição, mas isso passa. Coisas da velhice, meu rapaz. . .

Azeitona acomodou-se no banco, cabisbaixo e constrangido.

Na sua opinião, o problema não era de Serapião, nem Serapião poderia compreender seu alcance. Era uma questão nova, que Azeitona encarava com seriedade e convicção. Por certo, o velho operário acabaria por julgar que tudo não passava de bobagens, tempestades em copos d'água, muito próprios da juventude, sempre bastante atenta aos problemas sociais e pronta para consertar o que conceituar de errado. Contudo, o convite de Serapião era tentador. No

mínimo. Azeitona teria oportunidade de descarregar a angústia da alma de adolescente, saturada de temores.

— Agora, conte-me: que houve, meu filho?

— Meu pai, eu. . . eu. . .

— Diga, Roberto!. . . Não tenha receio . . .

— . . . Não é. . . não é receio, pai!. . .

— . . . Bem. . . então, diga. . . Que se passou na reunião, que deixou você tão preocupado, com esse desânimo tão grande?. . .

— ... Eu. . . eu não sei como. . . como começar. . .

— Ah, já sei! — exclamou o velho operário.

— Já sabe?.. .

— . . . Você está apaixonado! — exclamou Serapião sorrindo e fixando os olhos do filho, que não se conteve e riu prolongadamente, diante do pai, muito espantado, que nada podia entender.

— Uê!. . . Então, não é amor?! . . .

— Claro que não, pai! Ora essa! — replicou o jovem, ainda entre gostosas gargalhadas.

Serapião coçou a cabeça, tirou nova baforada do cigarro, contemplou por alguns segundos a fumaça azulada que subia e se entregou, afinal.

— É. Não adivinho mesmo. Pode começar a falar.

Azeitona, posto à vontade pelo velho pai, pouco a pouco reproduziu para Serapião as agruras dos debates da reunião dos Tigres. Falou-lhe, igualmente, das conclusões a que chegara.

Invadido por indisfarçável orgulho, Serapião a tudo ouviu com atenção e carinho. Em verdade, o operário percebia que, no fundo, Azeitona tinha razão de sobra para alimentar aquêles pressentimentos.

Serapião era um homem vivido. Mesmo dotado de pequeno grau de escolaridade, o operário amava a leitura e a ela se entregava tôdas as noites. Com isso, redimia-se um pouco do tempo perdido na mocidade, quando podia ter estudado. Naquela época, porém, Águas do Paraíso ainda não tinha um ginásio, de modo que somente em outra

cidade um paraisano poderia continuar os estudos. Serapião, contudo, não quis. Preferiu trabalho, mesmo contra a vontade dos pais, que se propunham ao sacrifício de custear-lhe a instrução. Um dia, o operário começou a perceber a falta que nos faz a cultura, a todos. Por isso, não se divorciou mais da leitura, buscando sempre mais, conhecer o máximo, pela própria necessidade de viver.

Azeitona percebia e aceitava esse exemplo. Não se dispensava nunca de consultar os livros na procura de solução para muitos de seus problemas. Acostumou-se assim e, bem cedo, começou a sentir a validade desse procedimento. Somente isso poderia explicar o desembaraço da cultura que externava em todos os momentos e a lucidez de raciocínio sempre presente.

— Não vejo motivos para alarma, mas você não acha, papai, que tenho que tomar uma atitude? — indagou o jovem, no decorrer da entrevista.

— Decididamente, filho, acho que sim.

— . . . Então. . .

— Contudo, nada de precipitações.

— . . . Sim. . .

— Talvez fosse melhor consultar o Padre Januário. . . Ele não lhe negará um conselho.

— Eu sei, papai, mas eu não queria resolver o problema desse jeito.

— Como assim?

— A tarefa é minha. Única e exclusivamente minha. O Padre, por certo, vai tomá-la para si. . .

— Você acha?

— . . . Ou, pelo menos, dividi-la com êle. . .

— Bem. . .

— Veja bem, papai: meu problema é encontrar uma explicação. . .

— Como assim?

— Bem. . . quer dizer. . . não é bem uma explicação. . .

— Não o entendo, filho. . . — comentou Serapião, preocupado.

— Eu explico — insistiu Azeitona, agora passeando de um lado para o outro, com gestos exagerados. — Eu estou fazendo fôrça para ordenar os componentes da questão.

— . . . Bem, eu não sei onde você quer chegar, mas posso sugerir que, primeiro, enumere esses componentes.

— Exato, pai! Isso mesmo! Tenho a liderança dos Tigres. Conheço-os o suficiente para saber que eles ainda não perceberam nada de anormal na cidade.

— E há, afinal?...

— Claro que há!! — replicou Azeitona muito sério.

— Como, meu filho?. . . A não ser a mudança de Direção da fábrica. . .

— É êste o primeiro componente, pai!!

— Sim, mas você já deu o seu parecer, não deu?

— E será que todos se convenceram?

— Meu filho, você sabe qual é a minha posição em relação à saída de Cotrim.

— Sim, eu..

— Mas sabe, também, que farei todo esforço possível para adaptar-me ao nôvo chefe, não é?

— Certamente, pai.

— O Dr. Rios começou bem. Muito bem. Parece-me um homem sensato e bastante eficiente.

Azeitona mostrou todos os dentes alvos num largo sorriso de satisfação. A atitude do pai, recheada de bom senso, representava uma vigorosa aliança aos seus propósitos. O líder, agora, também sentia orgulho, um orgulho intenso, mudo, na noite surda que avançava pelas horas.

Serapião continuou:

— Você vai ver que, dentro em breve, Rios estará completamente identificado com a cidade. ..

— Não sei, pai. Não sei... — replicou o líder com desânimo.

— Ora essa! — estranhou o operário. — Que pessimismo é êsse, filho?

— Pai, — prosseguiu o jovem — Águas do Paraíso está deixando de ser o que era. . . Eu sinto isso!. . . Eu farejo!. . .

— Que é que você está dizendo, Roberto?... — perguntou o operário, assustado.

— Pai, pense bem. Rosário é uma prova do que eu estou dizendo!

— Não é, meu filho!. . . Rosário.. . Rosário é uma exceção. . . E um caso à parte. . . Éle e a outra menina. . . a tal Sandra. . .

— Duas exceções perigosas, papai.

— Duas exceções necessárias, meu filho. Apenas isso. Somente isso.

— Por que "necessárias", pai?

— Ora essa! Eles são a "oposição". Faz parte do jôgo democrático.

— Bem. . .

— Você, meu filho, está preocupado e tem razão. Jamais se defrontou com um problema assim...

— Eu...

— Contudo, Roberto, o quadro agora é que ficou completo. Enfrente tudo com entusiasmo e vencerá. . . Assim espero.

— Não seria bom eu conversar com o Professor Medeiros?...

— Mas o ginásio não está de férias?

— Sim, porém o Professor Medeiros está trabalhando.

— Então, não perca tempo. Amanhã mesmo, vá bem cedinho conversar com êle. Você teve uma feliz idéia, meu filho!! Uma feliz idéia!

Azeitona respirou aliviado. Um brilho vivo de esperança despertou de nôvo nos olhos negros e arregalados. Estava encerrada uma importante entrevista, entre pai e filho, dois homens de senso moral, crentes dos valôres do espírito, que aprenderam a falar uma linguagem única e vigorosamente produtiva: a da liberdade, dentro do rnaís profundo respeito à dignidade de cada um.

## Angústia no Paraíso

Se AQUELA NOITE para Azeitona fora de ansiedade e preocupações, para Sandra foi consideravelmente pior.

Já seriam quase vinte e duas horas quando a jovem opositorista deixou o barracão, ladeada por um pequeno grupo de admiradores, entre eles Rosário.

Exausta, Sandra ainda debatia, com um ou outro, detalhes que nasceram ou se ratificaram na tumultuada reunião, enquanto percorriam todos a ruazinha estreita que dava acesso à Vila Operária.

De vez em quando, um "boa noite" ameno, seguido de estalar de ferragens de portões, vinha dizer que o grupo ficava diminuído, o que não cortava, de modo algum, a cadeia associativa de idéias que se desenvolvia.

Minutos depois, Rosário deixava Sandra à porta de casa.-

— Quer dizer, Sandra, que posso pensar numa aliança nossa para vencer as eleições?

— Pode, Rosário. . . mas dentro daquelas condições combinadas.

— Você acha que. . . ?

— Eu não acho nada, rapaz. Tenho minhas convicções e luto por elas. Se aceito as suas, divido-me e perco a batalha.

— Eu não gosto do Azeitona!

— Eu também não. É o único ponto comum que existe entre nós. Fora disso, muitas arestas precisam ser aparadas.

— Sandra, eu. . .

— Que é, Rosário?. . . Quer dizer alguma coisa?

— Não — e, consultando o relógio: — Ih ! Já é tarde! É melhor você entrar... Você não tem medo de ser repreendida?... Seus pais podem ficar. . .

— Meus pais não ficam coisa nenhuma, garoto. Quem manda no meu nariz sou eu mesma.

— Mas. . .

— Aqui em casa ninguém entende ninguém — prosseguiu a menina com voz embargada pela emoção. — Meus irmãos não se suportam... Eu não suporto nenhum deles... São uns bobos, sem idealismo. . . Nasceram para capacho e assim serão. . .

— Sandra!! — exclamou o rapaz estarrecido.

— Pura verdade, garotão!! Pura verdade!! — e, após uma pausa para enxugar uma lágrima, alinhou: — Mas a culpa tôda é de papai e mamãe... Eles discutem... Brigam como duas feras... Ambos têm razão... mas, por outro lado, são ambos também injustos...

— Sandra, eu. . .

— Mamãe não gosta de pobreza... Nem eu. . . Nem ninguém...

— . . . Mas. . .

— ... Papai é operário... Mas é do tipo "quadrado", entende?. . . Não luta por coisa melhor.

— ... Sei...

— Se eu fosse êle, largava essa fábrica e me "mandava" da cidade. . . Buscaria melhor trabalho. . . Papai, contudo, pensa diferente. . . Acomodou-se diante do poderio burguês da família Rios.

— Mas isso não é assim, Sandra!

Sandra espantou-se com Rosário. O jovem, tomado, por certo, de um impulso de lucidez, ousara desafiar os pontos de vista da moça.

Sandra parou de falar. Com brilho impressionante nos olhos alagados, fixou Rosário dos pés à cabeça. Os lábios tremiam, numa demonstração nervosa e inquietante, enquanto Rosário media a extensão das palavras que proferia.

— Que quer dizer com isso, Rosário? — indagou a jovem enfurecida.  
— Bem. . . Isso o quê, Sandra?. . . Eu. . .  
— Você acha que papai está certo? . . .  
— Sandra, já é tarde. . . Melhor você entrar. . .  
— Você ainda não me respondeu, Rosário! — retrucou a garota ameaçadoramente.

Rosário não teve escolha.

— Não, Sandra. . . Seu pai não está certo. . .

Sandra respirou satisfeita, abastecida em sua vaidade pessoal:

— Eu sabia que você iria concordar comigo! Eu sabia!

— Bem, agora. . . agora é melhor você entrar. . . A noite está fria. . .

— Rosário. . . — murmurou Sandra, acariciando uma rosa do jardim.

— Diga, Sandra. . . — respondeu o moço ainda sob tensão.

Sandra voltou-se e com o mesmo brilho impressionante no olhar, perguntou para o rapaz estarecido:

— . . . Você vai-me ajudar, não vai?

— . . . Aju. . . ajudar em quê. . . Sandra?. . .

— . . . Você vai-me ajudar a executar o meu plano!

— ... Pla. . . plano?! . . . — perguntou o jovem, engolindo em seco.

Contemplando o céu, sorriso estranho no cantinho da boca, Sandra explicou:

— Eu vou derrubar todos eles. . . — e, voltando ao rapaz, completou enfurecida:

— Todos êles!! Azeitona, Linhares, Rios!! . . Até mesmo o Padre não escapará ao meu plano. . . "Eu", Rosário!! Somente "eu" mudarei esta cidade!! Transformarei tudo!! Colocarei esta sociedade "qua-

drada" dentro dos meus desígnios!! . . Nem que tenha que destruir o povoado!! Nem que tenha que incendiar casa por casa, ouviu? Dizimarei essa burguesia hipócrita que explora a minha família e liquida com a sua, Rosário!! Você verá!!

Rosário, visivelmente nervoso e acovardado, ouviu, perplexo, as terríveis afirmações da mocinha rebelde. Sentiu a profundidade perigosa do ódio que transbordava das atitudes de Sandra e quase não podia compreender o que realmente ocorria. Agora, a moça lhe parecia um gigante de acentuado poder, de convicções estranhas e arriscadas, mas, sobretudo, do impressionante coragem.

O rapaz também já media o inestimável valor das idéias de Sandra para o favorecimento aos planos dos Camarões. De relance, êle começou a perceber a utilidade de Sandra nos intentos da juventude de Baltazar. Tudo seria bastante simples. Bastaria manter a moça em permanente estado de euforia e revolta, agravando-o nas oportunidades mais adequadas às ações dos Camarões. Sim, era isso mesmo!! Rosário tinha que comunicar a Baltazar que, finalmente, o poderio dos Tigres começava a ser realmente ameaçado. Iria, na manhã seguinte, confabular com os velhos companheiros e lhes contaria tudo. Seria, por certo, elogiado pelo Príncipe (líder dos Camarões) por bons serviços prestados. Não adiantava mentir a si próprio. Rosário jamais conseguiria ser um Tigre de verdade. Mas Camarão nenhum poderia ser mais eficiente que êle, transformado, de repente, em agente secreto do grupo de Baltazar. Sandra seria uma inocente útil e toda a sua estupidez reverteria em proveitosos avanços para os Camarões, cujo plano mestre era eliminar os Tigres como entidade e unificar os dois grupos, sob a orientação Camaroniana. Azeitona seria expurgado, bem como Ronaldo, o pretensioso antipático de todas as reuniões. Talvez até Rosário fosse nomeado interventor da juventude de Águas do Paraíso, representante do Príncipe na cidade.

A ambição de Rosário se perdeu na meditação. Tão mergulhado estava que não ouviu a despedida de Sandra. Nem viu sua retirada. Despertou falando sozinho, de pé, na calçada, junto ao portão de ferro do bangalô da moça rebelde, cujos objetivos já nem condiziam com a própria idade.

Aquela noite deixaria marcada em Sandra uma caprichosa experiência. Nem bem fechou a porta, a jovem rebelde deparou com a pessoa do Dr. Carlos, sentado à mesa da sala de jantar, ladeado da

mãe de Sandra e de três irmãos. A fisionomia grave do médico fez com que a menina mergulhasse num pânico terrível. Cautelosa, congestionada, Sandra indagou:

— ... Dr... Dr. Carlos... o... o senhor por aqui?... .

— Boa noite, Sandra.

— Por que demorou tanto, minha filha? — perguntou D.<sup>a</sup> Isaura, sua mãe, arrasada por uma berrante preocupação.

— ... Quem... quem está doente aqui, mamãe? — indagou a *moça* quase em lágrimas.

— Seu pai teve uma ligeira crise cardíaca, Sandra. Mas vai melhorar. .

Sandra não resistiu. Irrompeu em pranto convulso, num desespero fora do comum. Num passe de mágica, perdera tôda a austeridade costumeira, agarrando-se ao pescoço de Isaura, num abraço que rmais clamava por solidariedade e apoio. Foi um momento difícil, em que todos os membros da casa alí presentes choraram juntos, na perspectiva de um final pior.

Carlos, cabisbaixo, iludia-se com o balançar de uma correntinha que êle mesmo agitava com visíveis sinais de nervosismo.

Minutos depois, ainda salpicada de lágrimas, Sandra procurou refazer-se. Seu brio se redescobria, e ela sabia que precisava ser forte. Bastante forte. Era a única da família com essa característica. Os outros eram todos "uns bobalhões sem iniciativa nenhuma". . .

— Como foi, mamãe? — perguntou com firmeza.

Isaura, enxugando lágrimas repetidas, mal pôde explicar:

— Êle hoje chegou rmais tarde... Trabalhou... trabalhou de mais... Depois que chegou... tomou banho e jantou... Minutos depois. . . estava sentado alí, olhe — e apontou para uma velha cadeira — lendo o jornal, quando me chamou. . . Demorei a vir. . . Estava ocupada na cozinha, lavando a louça. . . Quando atendi. . . — o pranto aumentou de intensidade — . . . encontrei-o com a cabeça. . . caída sôbre o peito... pensei... que tivesse morrido!! Oh, meu Deus, ajudai-nos!! — e desandou num choro alucinado, entrecortado por gestos de agonia incontida.

— Psiu, minha gente! — reclamou o médico. — Não façam barulho! O doente precisa dormir. ..

Sandra permanecia estática. A demora do atendimento ao doente por parte de Isaura incendiava-lhe a alma. Sentiu mesmo pontadas de ódio e revolta incontrolável.

Que providência tomou, doutor? — perguntou com frieza.

— Apliquei-lhe uma injeção... Era o que eu poderia fazer no momento.

..

— E depois? Que pretende fazer?

— Estou aguardando notícias do vice-diretor da fábrica. Sandra

estremeceu enfurecida:

— Vice-diretor?! Que tem êle com isso?

— Calma, Sandra, eu. . .

— E o senhor ainda me pede calma?

— Menina! — replicou Isaura com energia.

— Responda-me, doutor! Que tem o vice-diretor da fábrica burguesa com isso?

— Sandra, seu pai está bem...

— ... O senhor ainda não me respondeu, Dr. Carlos!

— ... No entanto, seu estado inspira cuidados. . .

— E daí, ora essa?!

— . . . Seu pai não pode ficar aqui.

Sandra estareceu. Novamente, o brilho de fogo de seus olhos de água refletia a ira e a revolta interior.

— Que é que o senhor me está dizendo?! — perguntou cada vez mais assustada.

— Calma, Sandra!! — replicou um dos irmãos.

— Cale-se, Horácio!! — e, voltando-se para o irmão, ameaçou: — Eu já lhe disse para não se intrometer no meu caminho! Eu já lhe disse!!

— Sandra, vamos conversar... — insinuou o médico com cuidado.

— Eu já estou cheia de "conversa", doutor! Recuso-me a isso!! Quero apenas que o senhor me explique o moti. . .

— Sandra! Você me assusta, menina! — interferiu Isaura.

— A senhora, também, mamãe! Não há o que conversar. Não converso com vampiros e desalmados! — Sandra voltou a mergulhar em pranto convulso.

Carlos levantou-se e abraçou a jovem em conflito emocional intenso.

— Sandra, por favor, acalme-se e deixe-me explicar. . . — murmurou o médico bastante emocionado.

— . . . Pode. . . pode dizer, doutor. . . Eu escuto. . .

— O estado de seu pai não é grave, mas exige cuidados. . .

— . . . Mas "eu" terei esses cuidados, doutor. . . — replicou a moça, diante dos olhares angustiados dos demais presentes.

Carlos lhe sorriu com doçura e insistiu:

— ... Eu sei, minha querida, mas os seus cuidados, só, não bastam.

A expressão "minha querida" calou profundamente na alma de Sandra. Jamais ela a ouvira, sequer uma vez, dirigida à sua amargurada pessoa. Nunca. Jamais. Seu rostinho, descoberto agora da tirania dos ódios, se coloriu de ternura. Sandra levantou enternecida o olhar para o médico, alheio ao emocionante fenômeno que êle mesmo provocara. Era um doce olhar. Um olhar quase de agradecimento. Uma dívida que precisava ser paga na hora, no imediato momento. Talvez pela primeira vez, Sandra tenha sido dominada, mesmo por segundos apenas, de um sentimento de afeto, de amor na rmais frágil modalidade.

Sem perceber, Carlos prosseguiu:

— Precisamos levar seu pai para um hospital. Lá êle poderá contar com todos os recursos de que dependerá, naturalmente, seu restabelecimento. ..

— Hospital?! . . . replicou a jovem com acentuada preocupação.

— Sim. . . que tem isso? . . . Não é melhor? . . .

— Oh, claro doutor... Claro que é. . . Mas o único hospital da região fica a quilômetros daqui... Além de Baltazar... Como poderemos. . .?...

— Por isso é que mandei consultar o vice-diretor da fábrica. . .

A doçura desapareceu repentinamente do rostinho lindo de Sandra. De nôvo, as feições de ódio se apossaram da môça que se apartou bruscamente do médico.

Carlos começou a compreender e se apressou em explicar, antecipando-se a uma nova tempestade psicológica que já estava armada.

— A internação representa uma despesa muito grande. . . Você sabe. . . seu. . .

— Eu sei, doutor! Nós somos pobres! Não temos nada!! Nem um miserável dinheiro para custear a própria salvação de uma vida!

— Sandra! — replicou Isaura comovida.

— Novamente a burguesia nos tem às mãos. Por certo, nos concederão um empréstimo, que levaremos uma eternidade para pagar. . . Com isso, ficaremos escravizados de uma vez ao poderio desumano da família Rios!!

Carlos não teve tempo de responder, porque batidas na porta denunciaram a chegada de alguém.

Sandra, ainda furiosa e desesperada, apressou-se em ver quem era, deixando o médico e Isaura confabulando baixinho. As lágrimas não a deixavam em paz, por mais que se esforçasse. Antes de atender a quem chegava, contudo, enxugou o rostinho contraído. Depois, resoluta, pronta para tudo, abriu a porta. À sua frente, um homem grisalho, impecavelmente bem vestido, lhe deu boa-noite.

— Que deseja, meu senhor? — indagou a jovem intrigada.

— Não é você a Sandra? — replicou o visitante.

— Sim. . . mas que deseja? . . . Quem é o senhor?

— Eu vim ver seu pai que está doente. Meu nome é Alberto Rios. Posso entrar?



## Águas do Paraíso, Imensa Jazida de Amor



QUE SANDRA sentiu naquele momento não tem

### descrição.

Diante dela estava o homem a quem tanto combatia, embora sem conhecer. Seu ódio confundiu-se num labirinto de expectativas alucinantes que não lhe permitiam entender o porquê daquilo tudo que se desenrolava numa caprichosa jogada do destino.

Rios era uma pessoa extremamente simpática. Atraente, por assim dizer. Além do mais, dono de fina educação. Sandra era simples e ativa. Malcriada e atrevida. Mas era linda. Exuberantemente bonita. Duas gerações frente a frente naquele instante de surpresa, e a arrogância da jovem não lhe deixava compreender o olhar paternal do visitante, chegado ao lar modesto em hora tão angustiante:

— Como é? Posso entrar? — insistiu carinhosamente o industrial, tocando de leve o ombro da jovem em pânico, emudecida e assustada.

Era como se o Universo inteiro estivesse a desabar. Na mente da encantadora rebelde pairava um ponto de interrogação acintoso e perturbador.

Sandra não respondeu. Não podia balbuciar qualquer palavra. Seu olhar, cravado no de Rios, denunciava tudo o que lhe acovardava a alma no encontro imprevisto.

A resposta, afinal, foi Isaura quem deu, enquanto se encaminhava rapidamente em direção ao ilustre visitante. Acompanhavam-no o vice-diretor da fábrica de papel (Andrade) e o motorista particular de Rios (Leandro).

— Então, Dr. Carlos, como está o doente? — indagou baixinho o industrial, não disfarçando uma profunda preocupação.

— Agora, está bem, Dr. Rios — respondeu-lhe o médico. — Praticamente fora de perigo.

— Então, está ótimo! — exclamou discretamente o visitante.

Isaura, aproximando-se um pouco mais, olhar enternecido e bastante emocionado, interrompeu o diálogo:

— Dr. Rios. . . o senhor não precisava ter-se incomodado. . . Rios não lhe deu resposta, prosseguindo com Carlos:

— Posso vê-lo, doutor?

Carlos coçou levemente o queixo e retrucou:

— Não é aconselhável, doutor — e concluiu: — Deixemo-lo dormir. . . Ele precisa descansar.

— Recebi seu recado, Carlos — interveio Andrade.

— Não tive outra saída, Andrade — justificou-se o médico. — Precisei fazê-lo. O caso do doente é delicado e há necessidade de hospitalização. . . Você sabe, ele não tem recursos. . .

— O senhor fez muito bem, Dr. Carlos! — interferiu Rios. — Louvo e agradeço sua feliz iniciativa.

— Obrigado, Dr. Rios.

— D.<sup>a</sup> Isaura pode tranquilizar-se, porque já está tudo resolvido! — afirmou Andrade com um sorriso leve.

— Resolvido?! — perguntou Isaura com visível espanto.

— Sim, D.<sup>a</sup> Isaura — explicou Rios — o Hospital de Santo Ângelo já foi avisado. O doente irá para lá.

— Mas!!..

— Águas do Paraíso está horrível de telefones, Carlos! — comentou Andrade. — Foi muito difícil conseguir ligação com o Hospital Santo Ângelo!

— E olhe que já é tarde da noite! Imagine se fosse em horário comercial! — arrematou o presidente.

— É, tem razão. Falar daqui para outra cidade é a coisa mais difícil do mundo! — comentou o médico.

— Mas. . . Dr. Rios. . . o Hospital de Santo Ângelo é caríssimo!! . . . — retrucou Isaura angustiada. — Na verdade. . . é o rmais caso desta região! . . . Nós não agüentaremos a despesa.

— E quem falou em despesa, D.<sup>a</sup> Isaura? — indagou Rios carinhosamente.

— Não. . .?! — replicou Isaura, de olhos arregalados.

Andrade resolveu intervir:

— D.<sup>a</sup> Isaura, deixe que eu explique: logo que recebi o recado do Dr. Carlos, dando-me ciência do ocorrido, comuniquei-me com o Dr. Rios. . .

Rios parecia alheio às palavras do vice-diretor. Acarinhava a cabeça de um dos garotos e ensaiava uma ou outra careta para Sandra, muito carrancuda e acuada num cantinho meio escondido da sala.

Andrade, diante dos olhares espantados de Isaura, prosseguiu:

— O presidente determinou que seu marido fôsse imediatamente internado, correndo tôdas as despesas por conta da fábrica!

— Oh!! — murmurou a senhora, comovida.

— E tem rmais, D.<sup>a</sup> Isaura! — continuou o vice. — Êle mesmo, o próprio Dr. Rios, escolheu o hospital e fêz a ligação.

— Nós nunca pagaremos esse bem!. . . — exclamou Isaura, mergulhada em pranto.

— Já está pago — replicou o industrial, voltando sua atenção para a conversa — Já está pago. A fábrica deve a seu marido um bom pedaço do progresso que atingiu. Do prestígio que tem. Do poder. Seu esposo, com trabalho e dedicação, ajudou nossa indústria a crescer, para tornar-se uma das mais importantes do Brasil. Além disso, a rigor nós já deveríamos ter na emprêsa, pelo menos, uma enfermaria rmais aparelhada. Como ainda não o fizemos, achamos justo que arcássemos com os ônus decorrentes. Mais do que razoável, não é, Andrade?

— Claro. . . claro que sim! — concordou o vice, engasgado também pela *emoção* e entusiasmo pela atitude do chefe.

— Bem — replicou o médico — tratemos, então, de providenciar a remoção do doente sem rnaís demora. Já foi chamada a ambulância?

— Preferimos não chamar, Dr. Carlos — respondeu o presidente.

— Ela poderia demorar na viagem do hospital até aqui. Meu carro o levará.

Carlos sorriu comovido. D.<sup>a</sup> Isaura não conseguia conter as lágrimas que lhe rolavam pelas faces tão amarrotadas pelo tempo. Bendizia a caridade do industrial. Elevava a Deus um agradecimento imensamente sincero, humano, profundo e sobejo de amor.

Sandra continuava acuada no canto da sala. Muda e vidrada. Lutava contra si mesma para não sucumbir ante a atitude de Rios que tentava encarar como demagógica e sem sentido.

O industrial nada percebia. Se o percebesse, não teria chance de compreender.

— Se assim o desejar, D.<sup>a</sup> Isaura, poderá acompanhar seu marido — arrematou. — Na reserva que fizemos, estão incluídos dois acompanhantes. Assim, o doente se sentirá melhor. . . Mais apoiado, não é mesmo?

Isaura, cabisbaixa, balançou a cabeça, concordando.

— Bem, Dr. Rios — apressou-se o médico — posso tomar as providências?

— Sim, claro. O carro está aí fora. Meu chofer os conduzirá ao hospital — e, voltando-se para o motorista, perguntou: — Sabe onde é?

— Sim, Dr. Rios — respondeu o chofer com respeito acentuado.

— O Hospital Santo Ângelo fica entre Baltazar e Corações Partidos. Dez a doze quilômetros daqui.

— Está ótimo, então. Voltaremos de carona com Andrade... -retrucou o industrial.

— "Voltaremos"? — perguntou Isaura curiosa.

Rios surpreendeu-se com a pergunta. E respondeu em seguida:

— Sim, D.<sup>a</sup> Isaura... Voltaremos... eu e minha filhinha Andréia: ela ficou lá fora.

A revelação de Rios fez com que se desenvolvesse um verdadeiro cataclisma psicológico no espírito descontrolado de Sandra. Nem mesmo um pesadelo terrível lhe poderia impingir maior angústia. Seus dedos crispavam-se num nervosismo violento e indescritível, denunciando quase o clímax da crise emocional que se agravava.

A tensão foi aumentada ainda mais, quando Isaura sugeriu com humildade-

— E por que não mandou entrar a menina, Dr. Rios?... Ora essa! . . .

— Ela poderia incomodar, D.<sup>a</sup> Isaura. Fica para outra ocasião — replicou o industrial.

Sandra respirou aliviada.

— Está na hora, Andrade — murmurou Rios — Vamos andando? Leandro cuidará de tudo.

O grupo já se encaminhava para a porta, seguido dos olhares atentos de Sandra, quando Andrade, voltando-se, falou:

— Ah, ia-me esquecendo, D.<sup>a</sup> Isaura! Seu marido continuará fazendo jus ao ordenado. Não se preocupe que tudo acabará bem. Em breve, êle estará de volta.

— Deus o ouça, Dr. Andrade!! Deus o ouça!! — exclamou Isaura, limpando a face com um lenço amarrotado.

As despedidas foram quase festivas. Carlos, estupefato, ainda não conseguira conter a surpresa que lhe causara a visita inesperada do industrial. Isaura, por sua vez aliviada da tensão que a perseguia minutos antes e esquecida dos constantes desentendimentos com o marido, não se cansava de abençoar os jovens dirigentes da fábrica de papel, pela grandiosidade do gesto que acabavam de praticar. Os meninos, mesmo sem entenderem bem, sorriam e agradeciam por tudo. Somente Sandra, castigada por um recalque verdugo, permanecia amuada. Ela não acompanhou os visitantes amigos até a porta, em sinal de cortesia e gratidão. Simplesmente não aceitava o que via. Repelia, com vigor, as imagens de Rios e Andrade, êste considerado pela jovem nada mais do que um "capacho fiel". Na imensidão da

revolta, Sandra se esforçava para dar novas versões ao que presenciara calada e quieta. Para ela, Rios ganhara a primeira batalha, que não seria a última. Sandra tinha imperiosa necessidade de desmascarar o jovem industrial e provar ao mundo, ou, pelo menos, a si mesma, que Rios apenas exercitava um repugnante jogo de bajulação, comprando, a peso de ouro, a dignidade de seus humildes operários. No fundo, tinha certeza, Rios "zombava de tudo e de todos. Por que internar seu pai no melhor hospital? Para quê? Com que intuito? Não queria êle mostrar ao velho doente a grande realidade da vida? A condição imoral do operário-ovelha, dependente eterno da soberana vontade do patrão tirano? Removido para o hospital, por conta de Rios, seu pai nada mais fazia do que assinar uma duplicata, que venceria em todos os momentos, em todos os dias, sem poder ser paga. Era uma modalidade inteligente de escravização, e, com isso, ela não concordaria nunca. Mas era uma menina. Não tinha grande poder". Por isso, jurava um ódio cada vez mais forte contra aquilo que chamava de "hedionda burguesia Rios", um ódio cujas conseqüências poderiam ser tão terríveis, a ponto de abalar os próprios alicerces de Águas do Paraíso.

Minutos depois, um carro vistoso deixava a cidade, levando Sebastião, o humilde operário doente, sua mulher Isaura e uma garota rebelde, disposta a tudo para provar uma tese que precisava provar, para abastecer a própria ira interior.

De regresso da casa de Sandra, Andrade se mostrava sensivelmente entusiasmado com os pontos de vista de Rios. Gesticulava, na direção do automóvel, procurando exteriorizar a imensa alegria de que se deixava possuir.

Ao seu lado, Rios se mantinha na mesma informalidade, vivendo ambos a suave sensação do dever cumprido.

— Você viu, Rios, o espanto de D.<sup>a</sup> Isaura? Com aquela ninguém contava! — disse Andrade risonho e ativo.

— Vi, Andrade. Sem dúvida alguma, não há melhor recompensa do que a gratidão exuberante que percebi no olhar daquela senhora

— respondeu o presidente.

— Coitados! Já pensou se nós não o socorrêssemos?

— Nós tínhamos que fazê-lo, Andrade! Não foi favor, veja bem — replicou o industrial com convicção.

— Eu sei, eu sei, mas não é todo mundo que procede desse jeito. . .

— Não acredito. . . Naquela situação, qualquer um teria feito o mesmo.

— Você julga o mundo por você, Rios — retrucou Andrade, agora com sobriedade. — O mal da Humanidade é o egoísmo total, sem fronteiras e tréguas.

— De certa forma, você tem razão. Eu, contudo, sou um eterno pesquisador da verdadeira felicidade. Somente fugindo aos conflitos da consciência, podemos encontrar a paz interior; somente a paz interior nos dá felicidade.

— De onde você tirou esse pensamento? — indagou o vice com curiosidade.

— De mim mesmo, Andrade — e, voltando-se para o amigo, prosseguiu: — todos nós temos dois mundos, meu caro. Um é este que nos cerca, o mundo de nossas relações mútuas, das aparências e dos contornos materiais. O outro é fechado. É o que vibra dentro de nós, a quem confidenciamos tôda a sinuosidade de nossos sentimentos. Errado, ignorar um deles. Suicida, desconhecer o mundo interior. Se quisermos felicidade plena, temos que mantê-los em equilíbrio, mas o de dentro prepondera mais, porque reflete a nossa própria alma.

— Tem razão, Rios... — concordou Andrade com melancolia.

— Por isso, acho que compreendo o nível de responsabilidade da nossa função. Não me importa que haja chefes que ignorem os sentimentos de seus trabalhadores. Eu tenho as minhas convicções, e, até hoje, elas nunca me decepcionaram. .. Você falou no espanto de D.<sup>a</sup> Isaura. A rigor, esse espanto me causa uma impertinente tristeza. O espanto é a denúncia de que D.<sup>a</sup> Isaura não esperava que nós tomássemos aquela atitude. Ela não raciocinava com nosso mundo interior. D.<sup>a</sup> Isaura, por certo, somente admitia os dirigentes em seu formato exterior. Íntimamente, para D.<sup>a</sup> Isaura, nosso poder afetivo não chegaria a tanto. Seríamos apenas corpos. Somente corpos. Vazios, sem conteúdo de humanidade. . . Você notou a fisionomia da menina Sandra?

— . . . Não. . . — respondeu o vice, desconsertado.

— Ela tinha no rosto uma expressão de revolta. Revolta e medo. Tudo misturado.

— Você ficou impressionado, homem!

— Não, Andrade. Não fiquei. Mas sou bastante vivido para perceber as nuances dos conflitos emocionais do meu pessoal. Eu fui filho de operário também. Senti na carne o pavor da descrença. A desconfiança no futuro. Vi meu pai lutar para vencer na vida. Ajudei mamãe a dobrar vestidos, que fazia para ajudar no orçamento da casa. Contudo, achava que só o trabalho enobrece de verdade. Papai me ensinou, e eu aprendi. A princípio, julgava que fosse apenas um dito popular. Depois, fiquei convencido do seu fundamento. A Democracia, queiram ou não queiram, ainda é o sistema ideal. Liberdade e igualdade de escolha. Meu pai escolheu e acertou.

— . . . Tem razão. . .

— Você pode julgar: meu pai nunca foi obrigado a trabalhar. Em lugar nenhum. E, jamais, trabalhou onde não queria. Mas o trabalho se impõe como necessidade humana. Por isso êle trabalhou. Foi operário, reconheço. Mas, graças ao seu esforço, conseguiu subir. Teve oportunidade. Todos têm essa oportunidade. Muitos a desprezam. Enveredam por caminhos rnais fáceis e, para não admitir o arrependimento, o fracasso, o erro cometido, recalcam-se nos rnais odiosos complexos. Por isso, surgem os semeadores da desesperança, e aí começa a ter sentido a palavra "subversão".

Andrade parou o automóvel. Estavam já defronte à casa de Rios, um bangalô côr-de-rosa, muito bem construído e centro de imenso e colorido jardim.

Rios empolgou-se com o tema e não percebeu que era hora de saltar. No banco traseiro, encolhidinha, Andréia dormia a sono solto, inocente nos seus tenros anos de vida.

Andrade acomodou-se melhor, puxou um cigarro e perguntou:

— Você falou em subversão. Esta palavra anda muito em moda nos nossos dias. Ainda no mês passado, estando em São Paulo, verifiquei que só se falava nisso.

— Perfeitamente — retrucou o industrial.

— Você não acha, Rios, que, aqui no Brasil, esta estória de "subversão" já virou mania?

— Por que você me pergunta isso? — retrucou Rios com ares de bastante seriedade.

— Bem. . . eu tenho a impressão que as nossas autoridades estão exagerando um pouco. . .

— Você acha?. . . — perguntou o industrial surpreendido.

— Sinceramente, acho.

— Pois eu vou-lhe fazer uma pergunta só!

— Pois não, Rios.

— Onde foi parar o civismo do nosso povo? Onde, Andrade? — perguntou Rios um tanto inflamado.

— Como assim?... — retrucou o outro, sem entender bem a pergunta.

— Ora, nos meus tempos de menino, a palavra Pátria tinha um sentido sublime. . .

— E hoje não tem?

— Tem, para mim. . . ou para você. . . Mas minha gente se divorciou de seu significado há muitos anos!

— E isso o que é?

— Subversão, Andrade! Purinha! Autêntica.

— Mas o Brasil atravessa um período revolucionário!

— Sim! Concordo, homem! Realmente, com a Revolução de março de 64, as noções de civismo foram reintroduzidas nas escolas.

— E, então?

— Então?! Você já pensou nas crianças que já terminaram o primário? Que não tiveram essas aulas de Brasilidade?

— Sim, mas. . .

— Essas coitadas são vampiros cívicos, Andrade, que andam por aí.

— Você está eloqüente demais, Rios!

— Andrade, você já se lembrou que o Brasil é o maior país católico do mundo?

— Não havia pensado. . .

— Você já ouviu falar em Comunismo?

— Claro que já!

— Você admite que haja infiltração comunista no Brasil?

— Não creio. . .

— Não crê? — perguntou Rios, estarecido.

— Não, sinceramente. . . Você mesmo acabou de dizer que o Brasil é o maior país católico do mundo. Como comunizar-se?

— Espere, Andrade! São duas teses diferentes: uma, a que se refere à probabilidade de o Brasil comunizar-se ou não. Outra, a de haver ou não haver agitadores comunistas aqui.

— E daí?

— Daí, que só porque as tradições religiosas do brasileiro são muito sólidas, você acha que os comunistas nos vão riscar do mapa? Vão-se desinteressar por nós?

— Bem.. .

— Eles nada têm a perder, meu caro. Que custa tentar?

— E eu lhe pergunto: que adianta tentar?

— Você acha que não adianta?

— Rios, você deve ter sido doutrinado pelos obcecados das informações.

— Engana-se, Andrade! Tenho um parente militar. Êle participou ativamente da Revolução de março. Êle viu coisas estarecedoras nos ninhos de subversão varejados.

— Exagero, Rios! Não tenha dúvidas disso!

Rios estava a ponto de perder a calma, quando Andréia, possivelmente perturbada pelo debate, despertou:

— Oh...!!... Que sono... Uè, paizinho! Ainda não chegamos? . . .  
Como devo ter dormido. . .!

— Chegamos, sim, querida — respondeu-lhe Rios afetuosamente, apercebendo-se de onde estavam. — Já vamos saltar.

— ... E o pai da menina? . . . Melhorou? . . .

— Oh, sim, Andréia... — apressou-se o vice em responder. — Em breve, estará de volta.

— De volta? — indagou com surpresa a menina, esticando-se no banco do carro.

— Sim, minha filhinha — respondeu o pai. — Tivemos que interná-lo no Hospital Santo Ângelo. Lá êle terá melhores cuidados e atenções.

— Coitada da menina, paizinho! — exclamou a jovem penalizada. -- Deve estar sofrendo tanto!

— Sim, sim, querida. Mas tudo vai passar. Você vai ver.

— Paizinho. . . — murmurou Andréia com arzinho dengoso.

— Diga, Andréia. . .

— Você se incomoda se, amanhã, eu fizer uma visita à filhinha do operário que está doente?

Rios sorriu prazerosamente:

— Claro que não, minha querida! Pelo contrário! Acho que é uma excelente idéia. Contudo é muito longe. Acho que você não deve ir. Espere o doente voltar.

— Então, está bem! — concordou Andréia, conformada.

— Vamos embora, menina? — sugeriu o pai.

— Amanhã continuaremos a conversa, Rios! — exclamou Andrade com um sorriso malicioso.

Rios desembarcou sorridente e já ia caminhando até o portão, quando resolveu voltar.

— Ah, sim, Andrade!

— Pois não, Rios?

— Ia-me esquecendo. Quero que me lembre, amanhã, de fazer um convite.

— Convite? — indagou curioso o vice.

— Sim, meu caro. Convite, com tôdas as letras.

— Convite para quem, homem de Deus?

— Vamos convidar o Professor Medeiros para fazer uma palestra para todo o pessoal da fábrica!

— Palestra?! — estremeceu Andrade, esticando o pescoço para ver melhor o chefe.

— Sim. Palestra. Quero que nossos operários assistam a uma aula sobre "Democracia e Comunismo". Boa noite, Andrade!

— Bo. . . boa... noi-te, Rios... — respondeu o vice visivelmente surpreendido com a idéia do presidente. E, por longo tempo nesse estado, ficou a observar o industrial e sua filha que se afastavam lentamente e logo penetravam no seu lar.

Por fim, Andrade murmurou, ainda perplexo:

— Esta cidade. . . esta cidade está ficando melhor do que a encomenda! . . .

E arrancou com o carro, rua a tora.

## Tragédia no Paraíso

UMA NOITE tão agitada não poderia ser omitida nas páginas históricas de Águas do Paraíso.

Foram horas dramáticas, vividas isoladamente por personagens importantes, na constituição de uma trama caprichosamente concebida pelo Destino. Reunidos, os Tigres surpreenderam sua própria liderança, com a modificação de um comportamento tradicionalmente retilíneo e conservador, torpedeado, em todos os sentidos, pelas tentativas tendenciosas de Sandra e de Rosário, seu assessor. Para Azeitona, com efeito, foi uma dura noite. Pontilhada de sintomas alarmantes e dignos de estudo delicado e paciente. Parecia-lhe que a juventude de Águas do Paraíso, alucinada, talvez, por uma força impiedosa e fria, ensaiava mergulhos audaciosos contra um punhado de estruturas comprovadamente aceitáveis, na busca, por certo, de aventuras perigosas que, decididamente, a conduziriam ao próprio e inexorável extermínio. O sexto sentido de Azeitona o avisava disso, e o líder, afinal, não deixava de ter indiscutível razão.

Por outro lado, o diálogo posterior de Sandra e Rosário não se limitou, apenas, a uma necessária oportunidade de descarga psicológica da moça. Muito mais grave, êle fêz nascer, na mente revoltada de Rosário, a idéia crítica do aproveitamento da cólera da jovem, em benefício dos interesses coletivos dos Camarões, o que, por sua vez, redundaria numa subida de posição do Tigre traidor e ambicioso.

Foi uma noite importante para a cidade. Mas, muito mais do que isso, fêz-se noite de ameaças, atraindo, para os céus do Paraíso, negras nuvens, silenciosas, pérfidas, símbolos assustadores da eversão do povoado, agora em fase inicial de execução.

A ira prolongada da jovem Sandra, inabalável mesmo diante da belíssima demonstração cristã de Rios, era um dos ingredientes da grande crise que já se delineava nos horizontes da cidade. Do mesmo modo, a descrença de Andrade nas possibilidades trágicas de uma invasão materialista nos destinos de Águas do Paraíso reforçava, no espírito de Rios, a certeza de que providências deveriam ser tomadas urgentemente. A primeira, o industrial não tornou demorada: solicitou uma reunião dos grandes líderes de Águas do Paraíso, entre eles o Professor Medeiros, digníssimo diretor do ginásio da cidade e especializado num assunto bastante oportuno e importante: Democracia. Data da reunião, cinco dias depois. Tema da reunião, confidencial.

Por sua vez, Ronaldo, cumprindo solicitação de Azeitona, apressou-se, na manhã seguinte, em estabelecer contato com Andreia, a fim de convidá-la a incorporar-se ao grupo, já que se tornava parai-sana também.

Assim é que não seriam ainda nove horas quando o moço simpático deparou com a belíssima casa, onde residia a futura tigresa.

O sol maravilhoso parecia brindar o festival de encanto que se desenvolvia no jardim dos Rios, entre flores lindas e incontáveis, a namorar passarinhos dos coloridos mais variados.

Ronaldo, por assim dizer, enfeitiçou-se com o espetáculo. Olhos fixos na cenografia gratuita que somente a Natureza tem o dom de oferecer, êle nem se apercebeu da chegada sorrateira de Andréia, regressando de uma boa caminhada matinal.

— Oi! — exclamou a jovem, provocando um súbito despertar no rapaz, mergulhado nas delícias da paisagem.

Ronaldo não pôde disfarçar o susto. Logo, porém, compreendeu que não lhe ficava bem uma reação daquele gênero, principalmente diante de uma tão gentil senhorita. Por isso, com idêntica rapidez, recompôs-se, alargando um sorriso profundamente amistoso no rosto ainda enrubecido da surpresa.

— Deseja alguma coisa? — insistiu Andréia, curiosa.

— Oh, sim... Sim, senhorita... — respondeu-lhe cerimoniosamente o moço.



— Então, pode dizer — estimulou a jovem com delicadeza e de terminação.

— Bem, eu...

— Diga! — insistiu ainda.

— Bem, eu... eu... eu desejo falar com você — explicou Ronaldo, ainda mais corado e desajeitado.

Andréia não se conteve. Julgando-o um galanteador precoce, irrompeu numa gargalhada gostosa, que lhe deixou à mostra a coletânea de marfim dos dentes alvos e maravilhosos que escondia na boquinha rósea.

Ronaldo, terrivelmente engasgado, sentindo uma decepção tirana misturada a um terrível arrependimento, pasmou diante de Andréia, que mostrava um riso perigosamente tentador. Pânico total na mente do jovem visitante!

Percebendo, porém, a situação embaraçosa do rapaz, Andréia pôde conter-se em seguida. Agora, não era mais o semblante de zombaria que iluminava o seu rostinho feio. Armada de seriedade impressionante, sobrancelhas franzidas sobre os óculos enormes e arredondados, a jovem balbuciou:

— Não me leve a mal. . . Perdão, ouviu. ..?...

Ronaldo nada respondeu. Não podia. Em tudo, parecia vítima da ação sublime de um magnetismo pessoal que, partindo de Andréia, vinha atingir-lhe a alma, nas mais remotas profundezas.

A jovem continuou:

— Desculpe-me... Eu sei que fui... que fui indelicada com você. Mas. . . mas peço-lhe um pouquinho de compreensão. . . Eu sou muito menina ainda!...

Ronaldo retomou a coragem. Ainda um tanto desajeitado, perguntou:

— Menina...? Para... para desfeitear um rapaz?...

— Oh, não é isso!. . . — retrucou a jovem aborrecida.

— Então, acho que mereço uma explicação!

Ronaldo, refeito dos embaraços, se pôs em atitude altiva e atrevida. Atitude forçada, contudo, porque se sentia tremendamente ameaçado pela meiguice especial da moça.

— Meu caro... você disse que... que queria falar comigo, não foi? . . .

— Exatamente, senhorita! — respondeu o moço, com a austeridade rnais fingida dêste mundo!

— Mas eu não posso. . . — retrucou angustiada.

— Não pode?! — irritando-se.

— Papai *não* iria deixar. . .

— Seu pai. . . Seu pai não iria deixar?! . . .

— Sim. . . Você não vê?. . . Eu sou muito menina! Eu sou muito menina! . . .

— Eu já sei! Eu já sei! — retrucou com impaciência. — Mas o que tem isso?

Andréia se mostrava aborrecida. Balançava com a cabeça, em sinal de protesto. Depois de alguns momentos, resolveu ser incisiva:

— Bem, moço, não adianta! É melhor eu entrar. . . Meus pais já devem estar preocupados!... Outro dia... Outro dia, nós falaremos, está bem?... — e, ensaiando uma retirada, concluiu: — Até qualquer dia!

— Espere! — replicou Ronaldo, agora bastante irritado. Andréia voltou-se impaciente:

— Já lhe disse, "cavalheiro"! . . . Não posso falar com você!

— Você tem que falar!! — insistiu Ronaldo, quase furioso.

— Petulante! Insolente! — explodiu a jovem, querendo contornar o rapaz, que, a essas alturas, lhe obstruía a passagem.

— Você não vai passar! Insisto! Quero falar com você!

— Mas, eu não quero ouvir, pronto!... Está acabado! — exclamou fazendo beicinho.

— Andréia, escute-me. . . — replicou Ronaldo, controlando-se ao máximo.

— Andréia?! — surpreendeu-se. — Como sabe meu nome?

Ronaldo entusiasmou-se com o interesse de Andréia e, com um sorriso feliz, explicou:

— Você é a garota mais conhecida da cidade!

— Eu?! — exclamou a jovem, arregalando os olhos, num espanto enorme.

— Sim. . . — confirmou. — Agora, pode-me ouvir? Sou portador de um recado. . . Um convite!

Andréia, com essas palavras, começou a cair na realidade. Mão-zinha à boca, olhos bem vivos por detrás das grossas lentes, reproduziu, bem maior, o espanto de minutos antes. Depois, hesitou *um* sorriso meio constrangido, indo, afinal, estourar em nova gargalhada, dessa vez acompanhada também pelo rapaz aliviado da tensão incômoda que reinara até então.

Entre risos, pôde ela comentar:

— Quer dizer. . . Quer dizer que você não queria namorar?. . .

— Claro que não. . . — respondeu-lhe Ronaldo em meio a gargalhadas.

— Que tola eu fui. . . você não acha?. . .

— Oh, não!... Não tem importância... Já passou.

Passada a euforia, o diálogo se estabilizou. Ronaldo, recomposto e sério, tomou a iniciativa:

— Andréia, a juventude de Aguas do Paraíso se reúne num grupo só: os Tigres.

— Oh, que emocionante! — exclamou a jovem com entusiasmo.

— Os Tigres constituem assim como que uma força expressiva dentro da cidade. Somos organizados e temos um líder. Aliás, líder eleito livremente. . .

— Que ótimo !

— Você não pode imaginar como você foi discutida ontem à noite na nossa reunião!

— Eu?! — replicou espantada.

— Sim. .. Vendo-a na cidade e sem conhecê-la, julgaram-na *uma* estranha no povoado.

— Quem? — indagou Andréia, sem entender bem o que Ronaldo queria dizer.

— Alguns Tigres. . .

— **Ah...**

— E algumas Tigresas também...

— Vejam só! — exclamou, revirando os olhos.

— Então, foi convocada uma reunião de emergência. Você virou tema de debate!!

— Meu Deus do Céu!!

— Claro! Ninguém a conhecia!

— Sim. .. é claro!

— No meio da confusão, eu entrei com meu esforço.

— Esforço? . . .

— Sim... Eu era o único que sabia quem você era.

— Como conseguiu?

— Você não tem uma ama?

— A Benedita? Sim, sim. Ela é minha ama.

— Pois bem. Eu ouvi um pedacinho da conversa de vocês duas ontem no mercado.

— Espião?... — insinuou, sorrindo, a jovem.

— Pura coincidência.

— Mas, e daí? Que aconteceu na reunião — insistiu a moça com animação.



— Bem. . . eu expliquei. . . Contei ao grupo tudo o que sabia de você...

— Continue.

— Houve apartes, discussões, etc., etc., etc.

— Ora, por quê?

— Bem. . . talvez por causa da sua. . . posição.. .

— Meu pai? . . .

Ronaldo respondeu que sim, com um aceno de cabeça.

— Mas é ridículo! — exclamou Andréia irritada.

— Bem, afinal, você acabou levando a melhor. . .

— Como assim? — perguntou a jovem, intrigada.

— O líder é um rapaz de bom senso e decidiu convidá-la a fazer parte do grupo.

Andréia sorriu satisfeita. Uma alegria intensa lhe engalanou as faces, ante a agradável notícia.

— ... E. . . será que serei bem aceita? . . .

— Oh, é claro. O líder decidiu, e a maioria aprovou. É o quanto basta.

— . . . Mas isso é maravilhoso!!

— Folgo em saber que lhe agrada a idéia de se tornar uma Tigresa.

— Oh, Ronaldo! Você não pode avaliar o meu contentamento!!

— Muito bem, menina!

— Pode adiantar ao líder que eu serei uma Tigresa ativa!

— Bem percebo! — exclamou sorridente o jovem, já bastante entusiasmado.

— Quando será a próxima reunião? — indagou animadíssima.

— Ainda vai ser marcada. Eu aviso.

— E a roupa?

— Que roupa?

— O uniforme!!

— Uniforme?

— Sim!! Os Tigres não têm uma roupa característica?

— Oh, ainda não! . . Mas, sabe, você acaba de dar uma boa idéia.

— Conte-me mais sobre os Tigres! Conte-me!! — insistiu Andréia, sapateando de entusiasmo.

— Calma, menina! Vamos com calma! . . Os Tigres se organizam, há anos, dentro de padrões de independência e honestidade. Isso quer dizer que não somos, em absoluto, controlados, em nossas atividades, diretamente por ninguém. . . Eu disse "diretamente", porque, "indiretamente", sofremos a influência dos nossos pais e dos nossos mestres, através da educação que deles nós recebemos.

— Muito justo — murmurou a moça com seriedade.

— Temos uma liderança jovem que elegemos anualmente. São companheiros escolhidos pelo voto livre, entre todos os que se apresentam como candidatos.

— Muito bem — replicou Andréia.

— Essa liderança cumpre à risca um programa traçado previamente e tornado público antes das eleições.

— ... E esse programa? Em que consiste?

— Bem, o programa tem inúmeras facetas. Ele atinge interesses peculiares aos Tigres e interesses da comunidade em geral.

— Fantástico!

— Nosso líder e sua assessoria, se necessário, ligam-se com o Prefeito, com o Padre ou com outra qualquer autoridade. Contudo, é ponto de honra para os Tigres o exercício pleno da lealdade. Por isso, quase sempre somos atendidos e prestigiados.

— Formidável!!

— Já conseguimos muitas melhorias para Águas do Paraíso. A fábrica de seu pai, inclusive, já colaborou conosco.

— ... E vai continuar colaborando, é claro!!

— É provável, Andréia, mas é bom que entenda que, no grupo, você é uma Tigresa e, não, a filha do presidente da fábrica. Como disse, os Tigres primam pela independência.

— Espetacular, Ronaldo!! Espetacular!!

— Você vai-se acostumar a ouvir falar dos Camarões. . .

— Camarões?! — retrucou a jovem, franzindo as sobrancelhas.

— Sim, Andréia. Os Camarões são os jovens de Baltazar. Consideram-se nossos adversários e têm doutrinas diferentes. Você vai ver.

— É...

Benedita vem despontando no jardim, por entre as coloridas flores. Parece apreensiva, mas a fisionomia de preocupação dá lugar a uma doce expressão de alegria, ao avistar Andréia no portão. A ama não pôde conter uma exclamação de prazer:

— Andréia, querida!! Felizmente você chegou!! Já "tava" todo mundo preocupado com você, menina!

— Venha até aqui, Dita. Vou-lhe apresentar um Tigre!! — exclamou a menina de longe.

— "T'esconjuro", menina!! — replicou a ama, apavorada. — Leva esse bicho prá lá!!

Andréia e Ronaldo riram a valer da inocência da preta velh3 amiga, diante da situação. Foi um custo convencê-la de que o tal "Tigre" era Ronaldo, já que, desde o instante em que ouviu essa palavra, Benedita empacou e não saiu mais do lugar, trêmula até as pernas roliças e reluzentes.

O primeiro contato com Andréia semeou, na alma jovem de Ronaldo, a melhor das impressões. Diferente, de certa forma exótica, a jovem deixara transparecer espírito elevado e uma educação que, sem chegar a extremos negativos de apuro exagerado, delimitava uma personalidade viva, repleta de cultura e sociedade. Andréia não lhe parecera bonita, mas possuía, isso sim, invulgar poder de se fazer

simpática, talvez porque exteriorizasse atitudes espontâneas, simples e bastante humanas. Aquela "burguesia" tão comentada por Sandra não se fizera presente num só momento de diálogo, e isso era muito importante.

Ronaldo, de volta a casa, cumprida a agradável missão, vinha refletindo sobre a menina exótica com quem confabulara pouco antes. Tecia mentalmente considerações infundáveis sobre o que se passara, desde a inocência do equívoco que ela cometera, até a maneira como dele desembocara, sem complexos e revoltas, ou dramas, ameaçados de se tornarem tragédias.

O coração de Ronaldo, sem ser notado, começava a pulsar de forma diferente. Atraía-o o dono incauto que, mergulhado em profunda crise de melancolia, se fazia alheio a uma subversão afetiva, em pleno desenvolvimento no peito jovem e atlético. Ronaldo não percebia, mas, inegavelmente, estava ficando apaixonado por Andréia, e o que era mais bonito, mais sublime: nascia, naquele instante, um amor verdadeiro, amor da alma, espiritual, muito embora não tivesse encontrado eco no coração semi-adolescente da menina-moça, de sonhos doirados e castelos de areia.

Se Ronaldo foi feliz no cumprimento da missão, Azeitona não encontrou a mesma sorte, embora, ainda bem cedinho, procurasse o Professor Medeiros no ginásio.

Premido por compromissos inadiáveis, Medeiros deixara repentinamente a cidade, à qual só regressaria dias depois. Com isso, o vazio de Azeitona ficou mais acentuado, certo estava o jovem da necessidade de tomar medidas eficazes, na salvaguarda dos interesses do grupo que liderava. Era preciso pensar bastante. Muito mesmo. Algum tempo de meditação no alto do Morro do Cruzeiro valeria a pena. Aqui, Azeitona encontraria a paz necessária para pensar no problema, materializado na imagem altiva e, sobretudo, dinâmica de Sandra, força atuante e ameaçadora na linha de programação dos Tigres.

Sandra, por sua vez, quilômetros afastada de Águas do Paraíso, passou o dia junto ao leito do pai, cujo estado voltara a se agravar. Era sua intenção retornar ao Paraíso antes do almoço, pelo ônibus das onze, a fim de começar a articular uma nova e gigantesca ofensiva, dessa vez diretamente contra o próprio Rios. Disposta, agora, a aceitar de verdade a colaboração de Rosário, Sandra não perdia

um minuto sequer. Enquanto velava o sono do pai, em repouso obrigatório devido ao seu estado, a jovem rebelde rascunhava planos e enumerava medidas prévias ou conseqüentes que atingissem seus objetivos. Um amiguinho de outra cidade lhe enviara, certa vez, dois ou três livros que ela sorvera em leituras cuidadosas e que lhe trouxeram ensinamentos bem úteis aos seus intentos. Tratava-se da enumeração de técnicas e processos, envolvendo inúmeros fatores sociais, entre eles o relativo ao chamado "imperialismo burguês", alvo principal e preferencial da mocinha rebelde.

Ao seu lado, Isaura se preparava para sair. Voltaria a Águas do Paraíso, para reabastecer-se de roupas e tomar providências domésticas, já que a demora no hospital seria mais prolongada.

A jovem, contudo, parecia alheia aos movimentos da mãe, absorvida que estava na definição de seus planos e na maneira de sua execução com bom êxito.

Antes de tudo, Sandra tinha necessidade de sensibilizar os Tigres, desviando suas atenções dos problemas já delineados, para outros que conduzissem a um objetivo muito seu, que ela determinaria mais tarde. Azeitona era o primeiro grande obstáculo, ficando Ronaldo em segundo lugar, já que "começava a se insinuar também para o campo puramente burguês", no qual, fatalmente, poderia contar com o apoio irrestrito de Andréia. A presença de Andréia, porém, era ainda um fator favorável às intenções doentias da jovem recalcada. Atingir Andréia era o mesmo que atingir o industrial, exatamente a grande finalidade de sua tarefa. Sandra sabia muito bem que dispunha de ingredientes consideravelmente valiosos para incrementar a diluição das influências conservadoras e semear as próprias. Inocularia o germe da desconfiança na massa dos Tigres. Arrastá-los-ia a reivindicações de atendimento difícil ou impossível. Deturparia fatos, jogando no ridículo Azeitona, Ronaldo, Andréia e "tôda a casta burguesa". Provocaria ampla divulgação disso tudo e, com o auxílio de Rosário, para ela um "covarde útil", transformaria a força dos Tigres em poder de pressão, atuando junto às autoridades, cada vez mais intensamente.

Sandra, como vemos, aprendera bem as lições dos livros que recebera do amiguinho da cidade próxima. Lições que, sistematicamente, eram complementadas por cartas e relatórios de mesma origem e facção. No fundo, ela fazia parte, sem saber, de uma trama, cuja amplitude se alargava, de muito, para fora das fronteiras de

Águas do Paraíso, adquirindo características nacionais e, mesmo até, mundiais. Era a "contribuição" inocente de uma jovem revoltada, a quem faltava uma orientação verdadeira, um caminho luminoso a seguir, antes que a grande tragédia chegasse, e fosse tarde demais.

Às três e meia da tarde, Sandra teve, afinal, que interromper seus planos. A copeira viera trazer o lanche para o velho operário, semi-apagado no leito branco do hospital. Isaura viajava de volta ao Paraíso.

— Então, D.<sup>a</sup> Sandra, — murmurou a copeira — como está passando o "Seu" Sebastião?

— Está melhor — respondeu-lhe a môça com indiferença e austeridade.

O diálogo terminou aí, já que Sandra eliminou, com duas lacônicas palavras, qualquer possibilidade de sua continuação.

Por isso, desconsertada, a humilde copeira se retirou do quarto, deixando sôbre a mesa de cabeceira do doente uma bandeja com leite, pão sem manteiga e geléia.

Sebastião não parecia aquêle matuto forte de todos os dias. Quem o vira em plena atividade na fábrica, levantando pesados fardos ou acionando máquinas diversas, não o reconheceria ali no hospital. Fora tomado de palidez acentuada, e os olhos, antes tão vivos, eram, agora, pouco mais do que um lamento.

Sandra o contemplava séria e preocupada. Se ainda o considerava culpado pelo que chamava de "fracasso na vida", por outro lado se apiedava, como filha, do mísero estado do pai. Teve mesmo alguns impulsos de remorso e vontade de chorar. As lágrimas, porém, revelariam uma fraqueza que abominava, que não queria ter, nem mostrar. Por isso, esforçou-se e não chorou.

Sandra não podia pensar. Bastava contemplar o pai, e o velho trauma se lhe reapossava da alma ferida, enaltecendo o ódio e a desesperança. Mesmo que Sebastião morresse, ela ainda ficaria devendo um favor aos Rios, "cujos planos foram traçados e executados com mestria".

Sebastião a contemplava com ternura. Mal escondidas, duas lágrimas, pousadas indiscretamente sôbre as faces enrugadas, denuncia-

vam uma emoção qualquer. O operário tinha-se tornado trapo. Fraco, vencido pela doença, nem bem podia falar. Também não lhe era permitido pelo médico.

Sandra se lembrou do café.

Indiferente, preparou-o para o pai. Depois, teve que abraçar Sebastião e levantar-lhe a cabeça para que pudesse comer.

Houve uma troca de olhares, e mudas mensagens atravessaram a luz, para se projetar na alma de cada um, no diálogo quente das emoções intensas.

Lá fora, um dia maravilhoso convidava à esperança. Era o conselho natural para doutrinar o bem, abolir paixões e renunciar aos ódios. A fôrça da Vida se alevantava no cântico adorável dos passarinhos e no colorido deslumbrante de mil flores, que levavam à sedução quantos poetas as contemplassem descuidosos. E o céu azul imenso, alargando-se pelo infinito espaço que se perdia ao longe, parecia tudo abençoar, glorificando um Poder Maior, uma Vontade, a mais alta, suprema, a de Deus, Nosso Senhor.

Corriam céleres os segundos.

Sebastião, ensaiando uma mastigação difícil, insistia em contemplar a filha, envaidecido pela beleza singular que ostentava *no* ros-tinho altivo. Seu amor de pai foi mais do que suficiente para apagar da mente os tantos desgostos que Sandra lhe dera em tôda a sua vida. Perdoava-a. Resignava-se a somente ver, sem poder falar, e, assim fazendo, poder reportar-se a um passado longínquo, quase escondido na memória cansada. Agora, era Sandrinha que lhe ocupava a mente. Pequenininha. Engraçadinha. Atrevidinha, em seus tenros anos de existência. Ousada precocemente. Sandrinha de camisolinha, debruçada-dinha sôbre as grades da cama de madeira. Sandrinha com o rostinho lambusado de caldo de feijão. Sandrinha de marinheira. Sandrinha de pijaminha. Sandrinha descalça. Sandrinha calçada. Era um álbum de recordações a desfolhar-se à sua frente, entre suspiros de saudades e frustrações.

Sebastião, porém, ignorava tudo. Não pressentia que a Sandrinha do presente era a triste metamorfose da menina do passado. Que Sandra já não passava de um caprichoso labirinto de mágoas que centelhavam numa cadência perigosa e plena de ameaças. Sebastião desconhecia tudo. Que sua filha já fora despojada de quase tôda a

alma. Que pouco mais representava que um autômato, obediente, fiel, maquinado de longe por mãos ocultas, invisíveis, cujo grande objetivo, o único talvez, era a destruição total e inapelável das estruturas milenares de uma sociedade, em troca de uma nova ordem, indesejável, tirana, anticristã, apavorante e colorida de vermelho.

Duas batidas na porta vieram interromper o doce transe do operário enfermo.

Sandra, altiva e desconfiada, franziu as sobrancelhas, mal adivinhando a identidade do inesperado visitante. Logo em seguida, contudo, recompôs-se. Possivelmente, seria uma pessoa amiga que viera ver seu pai. Ou mesmo, talvez, o médico, uma enfermeira, etc.

A jovem levantou-se rápida e, por via das dúvidas, retocou a arrumação do quarto. Uma ligeira passagem frente ao espelho não seria novidade. . .

Agora, tudo novamente em ordem, a moça resolveu abrir a porta, armando-se de um sorriso amistoso que cancelou bruscamente, ao deparar com a ilustre personalidade visitante. À sua frente, bem pertinho, ao alcance de suas mãos, estava Andréia.

— Boa tarde. . . É aqui o quarto do Sr. Sebastião?. . . — indagou Andréia, inocente, diante de Sandra, pálida de furor.

— Sim! — respondeu-lhe austera. — Que deseja?

— . . . Bem, eu e a Benedita queremos fazer uma visita e. . .

— A visita já está considerada. Muito obrigada! — replicou Sandra, ameaçando fechar a porta. — Agora, se me dá licença. . .

— Espere. . . — retrucou Andréia, sob os olhares surpreendidos de Benedita, cristalizada peia frieza e grosseria de Sandra.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou Sandra com arrogância.

— Quem é você? — indagou Andréia com delicadeza.

— Isso não faz diferença! — replicou.

Benedita resolveu intervir. Dessa forma, com cuidado especial, murmurou:

— Se me dão licença para um palpite, eu. . .

Mas Sandra foi contundente-

— Eu lhe nego essa licença, ama! Não temos mais o que conversar! Saíam da frente! Eu quero fechar a porta!

Andréia recuou desconsertada.

Benedita emudeceu estarelecida e confusa.

Em agudo conflito, Sandra, desgovernada, agredia psicológicamente a menina rica, curvada humildemente à sua frente.

A porta, afinal, não se fechou. Vencida pela ternura de Andréia, pela magia de sua tranqüilidade, a môça rebelde acabou por fraquejar.

— Entrem! — ordenou. — Mas não se demorem muito! Meu pai não pode fazer esforço!

A ira de Sandra não lhe deixou perceber uma lágrima cristalina que rolava pela face da visitante indesejável. Somente Deus poderia avaliar, naquele momento patético, o sentimento de profunda consternação que avassalava o coração de Andréia.

Benedita, por sua vez, acompanhava bem de perto a decepção e o vazio da patroazinha. Seus olhos, negros e azeitonados, em contraste com o branco límpido que lhe fazia fundo, denunciavam uma mistura de curiosidade e temor, de surpresa e quase arrependimento.

Delicadamente, Andréia passou a mãozinha clara e sedosa sobre o peito rude de Sebastião. Sorriu-lhe afetuosamente, recebendo, em troca, a expressão mais pura e reconfortante de um agradecimento sincero, de uma gratidão profunda.

Afastada, Sandra se alheava à cena. Buscava, no azul do céu, algum motivo que a mantivesse à margem do comovente espetáculo. Relutava em assistir. Fugia, apavorada, do quadro de sentimentos maravilhosos que anunciavam a presença de Deus. Seus dedos nervosos esmagavam convulsivamente pedacinhos de papel. Um ardor no rosto lindo quase a fazia febril. Era uma batalha encarniçada, pensada e executada pela garôta rebelde, na evasão de seus recalques, na exteriorização de uma amargura incoerente e inadequada a sua bela e doirada idade de menina-môça.

Vencido esse primeiro impacto, Andréia insistiu em dialogar:

— Você é Sandra, não é?

Sandra não lhe deu resposta. Optou pela arrogância insensata, cuja maior validade era estabelecer uma intransponível barreira entre as duas.

Andréia, porém, não se deu por satisfeita:

— Você é Sandra, não é?

Sandra suspirou, demonstrando irritação. Mas a jovem rica não se deixou perturbar:

— ... Que há?... Alguma dificuldade?... Por que não fala comigo? . . .

— Andréia, já é hora de voltarmos — interveio Benedita prudentemente. — Seus pais podem ficar preocupados!...

— Espere um pouco, Dita. . . Tenho a impressão de que Sandra tem algum problema. . . Talvez possamos ajudar. . .

Sebastião a tudo contemplava angustiado. Ele sabia da bondade dos Rios. A presença de Andréia, ali naquele quarto, era uma demonstração maravilhosa do sentido espiritual da nova Direção da fábrica. Sebastião sofria. Sofria, por não entender o alcance do procedimento da filha, armada em austeridade contra um anjo que viera do Paraíso para transmitir amor e bondade.

— Penso que já terminaram, não? — indagou Sandra com a mesma insolência, encaminhando-se já para a porta.

— Ainda não, Sandra. . . Nós. . . — replicou Andréia embaraçada.

— Minha cara burguesa, queira fazer a gentileza de se retirar! — ordenou a outra, no auge das arrogancias.

Andréia exasperou-se, enquanto Benedita já procurava retirá-la do quarto.

— Faça-me você o favor de ser mais educada!

— Retire-se, burguesa!! Suma-se daqui!! — reagiu a moça rebelde com grosseria.

Andréia não suportou mais. Dentes trincados, advertiu:

— Baixe essa voz, "sua gata grosseira"! Respeite o estado do seu pai!!

— Retire-se, burguesa! — insistiu Sandra, colocando, agora, as duas fora do quarto.

O duelo de olhares tornou-se feroz. Benedita, visivelmente nervosa, não lograva êxito na tentativa de arrefecer os ânimos.

Furiosa, descontrolada, Sandra arremetia-se com palavras ásperas contra Andréia, agora mergulhada em pranto convulso de revolta:

— Suma-se daqui, Andréia!! E não se atravesse nunca mais no meu caminho!! Nunca mais, entendeu?!! Nunca mais!! — advertiu Sandra, ameaçadora e fora de si, batendo, em seguida a porta, ante o olhar horrorizado de Andréia, ferida e desconsertada pelo comportamento injustificável e selvagem da moça que acabava de conhecer.

Sandra, furiosa, trancada no quarto com seu pai, esbravejava frases sem nexos, assustadoras. Rápida, passeava de um lado para o outro, dirigindo, em tom de voz nada moderado, impropriedades e desaforos a Andréia, que profundamente chocada, deixava, agora, o hospital.

Endemoniada por obsessão venenosa, Sandra se entregava a um desvario sinistro e avassalador.

Nervosamente, sentou-se e recostou na cama do acompanhante, olhos vidrados de ódio e congestionados de mágoas. Sua respiração ofegava descompassada, enquanto os lábios trêmulos injuriavam e amaldiçoavam Andréia, inimiga gratuita, a própria Cruz para Satanaz.

De repente, porém, o ruído estridente de quebra de louça lhe feriu os ouvidos.

Seu pai havia deixado cair a xícara que, com dificuldade, manuseava, para tomar o café.

Sandra levantou-se impaciente.

— Só faltava agora esta, papai! — esbravejou. — Agora, vamos ter que pedir. . .

Sua frase não chegou ao fim. Ao contemplar Sebastião, uma palidez violenta amarelou o rosto encantador da jovem. Os olhos de Sandra quase saltaram das órbitas, e uma expressão de pavor a tomou como um todo:

— Papai! . . . Papai! . . . — gritou, em desespero, para o pai imóvel, olhos semicerrados, bôca meio aberta e fisionomia de desgosto.

Sandra atirou-se agoniada sôbre o corpo do pai. Um pranto convulso acompanhou movimentos desordenados das mãos que buscavam reanimar o velho Sebastião. Depois, um grito só, agudo, estridente, lancinante, *da* jovem revoltada, ecoava pelos corredores frios do hospital, anunciando o trágico desfecho: Sebastião acabara de morrer, e, para Sandra, Andréia era a culpada!

## Tristeza no Paraíso

ENQUANTO o Universo desabava sôbre a cabecinha tonta da jovem Sandra, roubada, repentinamente, da vida de seu pai Sebastião, Andréia e Benedita regressavam a Aguas do Paraíso, ainda bastante constrangidas, nervos abalados pela violência de Sandra, pouco antes, no Hospital Santo Ângelo.

Leandro, atento à direção do carro, mantinha-se aparentemente alheio a tudo o que se passava. Também não falava. Parecia surdo aos lamentos murmurados com indignação incontida por Andréia e "Dita" durante a viagem.

A preta velha, coitada, não encontrava, no seu vocabulário, pa-lavras que arrefecessem a amargura da menina e, por causa disso, mastigava um nervosismo bem mais acentuado.

"Dita" fora a herança mais valiosa do velho Rios. Já bem antes de Alberto Rios se formar em Economia, ela trabalhava em casa dos Rios, sempre com impecável dedicação e retidão de atitudes. Viúva muito cedo, não se dispôs a casar. Preferiu a companhia dos patrões generosos e amigos, que lhe ofereciam o carinho e a consideração tão necessária.

Depois, Alberto Rios casou. Benedita assistiu ao nascimento de Andréia. Ajudou a criá-la, e seu amor pela menina seria capaz de levá-la, mesmo, às últimas conseqüências.

Andréia sempre foi uma menina de saúde delicada. Talvez por essa razão, "Dita" lhe dedicasse ternura toda especial. E sua influência acabou acentuada. Na própria educação da menina rica, podíamos encontrar a marcante parcela de ajuda da preta velha, dona de in discutível caráter.

Leandro já não era tão antigo. Conhecia os Rios havia apenas quatro anos, tempo, aliás, rmais do que necessário para devotar-lhes a rmais sincera amizade.

Alberto Rios, liberal por excelência, humano e inteligente, adquirira, desde cedo, o hábito salutar de conquistar bons amigos. Mas Leandro, embora gozasse de profunda consideração por parte do po-trão democrata, não se extravazava em liberdades exageradas. Mantinha-se, isso sim, na honrada posição que lhe cabia na sociedade, sem pretender alcançar horizontes impossíveis e privilégios comprometedores. Para Leandro, bastava a distinção permanente de comportamento dos Rios, inabaláveis respeitadores dos direitos humanos, defensores incondicionais da dignidade do Homem.

Andréia, olhar perdido na paisagem, levava para Águas do Paraíso uma dolorosa decepção. Não conseguira ainda entender as razões da atitude tomada por Sandra. As palavras rudes que ouvira no quarto branco e gelado do hospital martelavam-lhe na lembrança, num desafio ao seu próprio equilíbrio emocional. Por que fora chamada de "burguesa"? Qual seria o significado daquela palavra, arremessada ao seu rosto pela outra jovem num momento de fúria incontrolável, quase selvagem. Benedita, não muito entendida também do Português, nada podia fazer para satisfazer a curiosidade da pa-froazinha, cuja perplexidade levava a uma triste expressão de vazio psicológico.

Não demorou muito e, afinal, chegaram ao Paraíso.

— Fica combinado que nenhum de nós três vai comentar esses fatos lá em casa, certo? — recomendou Andréia, antes de desembarcar.

— Que fatos, senhorita? . . . — indagou o motorista com sobriedade.

— Esses todos de que você deve ter ouvido nós falarmos na viagem — respondeu-lhe a môça.

— Mas eu não ouvi nada, senhorita! — exclamou Leandro, com inteligência e habilidade.

Andréia ensaiou um sorriso malicioso. Em seguida, desembarcou, às pressas, acompanhada de perto por Benedita, já um tanto idosa para fazê-lo com tanta rapidez.

Uma desculpa qualquer contornou o verdadeiro motivo da saída de Andréia, cujo grande desejo era encontrar urgentemente um dicionário e verificar o significado do "apelido" que ganhara de Sandra, no momento crítico da discussão.

A biblioteca da casa, porém, estava iluminada, e isso Andréia percebeu pelo risco da luz que aparecia debaixo da porta.

Rios chegara mais cedo e, de imediato, se entregara a ávida leitura de livros importantíssimos, recebidos de uma editora de São Paulo. Sendo assim, Andréia não encontrou outro remédio, senão o de esperar que o industrial desocupasse a biblioteca, para que ela, discretamente, pudesse, afinal, decifrar a charada. Dessa forma, fechou-se em seu quarto, onde pôde, sozinha e entregue aos próprios pensamentos, mergulhar numa profunda meditação. Assim, entre aquelas coloridas paredes, esteticamente ornamentadas por cortinas de valor considerável, Andréia, estirada no colchão macio, dava asas à imaginação, buscando encontrar em seu mundo côr-de-rosa a explicação mais tênue, mais frágil, do furor de Sandra, naquela tarde nefasta.

De repente, porém, batidas nervosas na porta, fizeram-na sobressaltada.

— Andréia! Andréia!! Abra depressa, filhinha!! — era Rios, visivelmente afobado.

A jovem, colhida na melancolia tecida em minutos, apressou-se em atender. À sua frente, deparou com a figura do pai, olhos vidrados, em expressão patética:

— Arrume-se depressa, minha filha!! Vamos sair agora mesmo!...

— ... Mas que houve, paizinho?... — indagou com nervosismo pleno de curiosidade.

— Sebastião faleceu!! . . — e concluiu: — Venha! Sandra deve estar precisando muito de você!

Notícia nenhuma deste mundo teria provocado tão violento impacto na alma doirada de Andréia. Um imenso vazio, acompanhado de insuportável sensação de vertigem, veio assolar a juvenzinha rica, que tombou desfalecida. Em frações diminutas de tempo, o pânico terrível se apossou daquela casa, acionando simultaneamente patrões e empregados, em desastradas correrias para todos os lados. "Dit?",

solidária com Maria Helena (esposa de Rios), não sabia o que fazer. Todos os santos foram convocados, através de inúmeras orações, que se cruzavam no vozerio ensurdecedor.

Minutos após, Andréia voltava a si.

Trazia consigo uma palidez mais triste, que não contrastava com o olhar apagado e melancólico. Mas parecia bem. Pelo menos, melhor, para descanso de todos.

— Uil. . . Que. . . que. . . me aconteceu?. . . — perguntou, alisando as faces esqueléticas.

— Já passou, minha filha — murmurou Helena, acariciando-lhe a cabeça.

— Você está bem, filhinha?... — indagou o industrial bastante emocionado.

— Sim, paizinho. Já estou boa. . . Agora, me lembro. . . Você... você queria que. . . que eu fosse. . . não é?. . .

— Oh, querida! Papai irá sozinho — replicou Helena com um sorriso.

— Isso mesmo, filhinha. Você deve ficar — confirmou o pai.

— Mas. . . mas eu já. . . já fiquei boa. . .

— É melhor não ir, meu amor. . . — replicou Benedita, espremendo um pequenino rosário entre os dedos trêmulos.

— Coitada da Sandra, Benedita!. . . — murmurou Andréia, olhos alagados.

— Você a conhece, filha?. . . — indagou-lhe com ternura a mãe.

Andréia embaraçou-se. Detestava mentir e já houvera mentido àquele dia.

— . . . Eu?!. . . Oh, sim.. . Quero dizer. . .

— Alberto, você acha interessante que Andréia vá?... — perguntou Helena ao marido, desinteressando-se pela resposta da filha.

— Bem, querida, achar, eu acho, mas neste estado é melhor que fique em casa e descanse.

— É! Eu também acho — reforçou Benedita, intrometendo-se na conversa e fazendo pose de entendida.

— Você teria alguma objeção, Helena? — perguntou o industrial à esposa.

— ... De ela ir doente? — retrucou.

— Não, querida. Caso ela estivesse boa. . .

— Mas eu estou boa! — exclamou Andréia.

— Bem, Alberto, essas coisas não são muito próprias. . . Andréia poderia ficar muito chocada. . .

— De certa forma, sim — concordou Rios; e prosseguiu: — Mas, por outro lado, seria uma ótima oportunidade de praticar o hábito da solidariedade humana, você não acha?

— Você também tem razão, querido — acedeu a senhora.

— Se ambos estão com a razão, — interveio Andréia, já com certa vivacidade — por que não me deixam sugerir a solução?

— Pois bem, filhinha, — respondeu Rios sorrindo ao ver a filha rnais animada — que sugere?

À retaguarda, sem que ninguém percebesse, "Dita" fazia sinais insistentes para Andréia.

— Não vá! Não vá! — queria dizer a ama com os dedos.

— Eu sugiro. . . acompanhar papai! — afirmou decidida a menina, surpreendendo a todos, especialmente Benedita, que quase teve um colapso de decepção, o que, aliás, ia ocorrendo novamente, quando Andréia arrematou.-

— E posso levar a "Dita" comigo!

Minutos depois, o carro de Alberto Rios deixava, ainda uma vez, a cidadezinha. No seu interior, Rios e Leandro, conversavam discretamente sobre as últimas novidades do mercado de automóveis.

Já era noite, e um luar deslumbrante era o grande companheiro de viagem. Andréia, como se contasse as estrêlas espalhadas por todo aquele céu abençoado, fingia não notar o aspecto carrancudo de Benedita, que, somente uma vez ou outra, arriscava-lhe um olhar,

assim mesmo de esguelha, tão aborrecida estava por não ter a menina atendido ao seu conselho.

"Dita", fundamentalmente, era credora de incontestável razão. Havia presenciado, estarecida, as cenas dolorosas ocorridas à tarde, quando Sandra, em injustificável procedimento, desfeiteara Andréia, com palavras desconexas, de alto poder ofensivo, quase diabólico. A experiência de Benedita também seria capaz de fazê-la jurar que a agressividade de Sandra não se esvaziara com o falecimento de Sebastião. Mais do que garantido que a ira, alicerçada, agora, no desespero da perda do pai, ficaria agravada no coração da mocinha rebelde da Vila Operária. "Dita" não estava enganada, ao acreditar que Andréia, sua querida e meiga Andréia, caminhava, a passos largos, para nova e brutal desilusão, exatamente ela que, não acostumada a situações dessa natureza, absorvia inocente e sobejamente o impacto das violências.

A menina, contudo, assumira uma atitude que parecia irreversível, não demonstrando vontade de recuar na decisão tomada.

Via de regra, Andréia poucas vezes na vida aderira a qualquer comportamento que não fosse seguramente regido pelas mais expressivas leis do bom senso. Naquela noite, contudo, "a menina rompera tôdas as fronteiras da prudência e do equilíbrio mental". Benedita não se conformava com a intransigência da jovem e remexia tôdas as molas do pensamento para neutralizar o problema. Dizer tudo ao Dr. Rios não seria justo nem leal. Havia o compromisso firmado de guardar segredo, "até o momento decisivo"! Andréia jamais a perdoaria se revelasse tudo. Por isso, a arma a ser usada tinha que ser diferente. Uma que não modificasse o quadro determinado pela "sinhazinha".

Andréia, por sua vez, ostentando uma segurança psicológica que não existia realmente, experimentava a sensação incômoda que lhe provocava a tentativa de adivinhação do que iria acontecer dali a pouco. Ensaiaava, mentalmente, mil formas de comportamento a adotar, em função do estado de espírito de Sandra, agora ainda mais infernizada pela desgraça suprema de perder o pai.

Faltavam poucos minutos para a comitiva atingir a capela onde jazia provisoriamente o corpo de Sebastião, quando o inesperado aconteceu: Benedita começou a debater-se tôda, olhos revirados e assustadores, boca torta, emitindo gemidos impressionantes.

De imediato, Leandro parou o automóvel, auxiliando Rios e Andréia, nos socorros iniciais, ali mesmo esfregando pulsos, acomodando a preta velha que, decididamente, não retornava ao normal, por coisa nenhuma dêste mundo. Estava armado o dispositivo concebido e executado por Benedita, para desviar a jovem Andréia da rota que a conduziria a um novo encontro com Sandra, dessa vez, porém, com negras possibilidades de conseqüências gravíssimas.

O que Benedita não previra, porém, era que os Rios, considerando-a de modo tão especial, não renunciariam a todos os recursos, na manutenção de sua integridade. Por isso, vendo que "Dita" não melhorava mesmo, não tiveram outra decisão: conduziram-na de imediato para o hospital mais próximo, casualmente situado a pouco menos de duzentos metros — o Hospital Santo Ângelo.

Na farsa que entabulara e que se desenvolvia, "Dita" não havia inserido esse capítulo. Que faria agora, diante de médicos e enfermeiras, que, por certo, descobririam a verdade, jogando-a numa situação terrivelmente complicada? Como explicar a mentira?

Algum tempo depois, a velha preta contrastava com o fundo branco do lençol da Sala de Emergência do hospital. Por segurança, Benedita resolveu dar por encerrada a sucessão de tremeliques, razão de pesadas preocupações por parte de todos. Isso, naturalmente, acabou por excitar a perspicácia dos quatro médicos colocados à sua cabeceira, completamente confusos com a cessação repentina dos sintomas que, sem nenhuma base fisiológica aparente, lhes parecia um caso novo na História da Medicina.

O resultado, afinal, foi o início de mil exames realizados às pressas, todos em clima de apreensões indisfarçáveis, inclusive por parte e principalmente de Benedita, emaranhada na própria trama que traçara, e de onde não sabia mais sair.

De qualquer modo, o objetivo fora alcançado com sucesso: Andréia não podia deixar sozinha "a pobre Dita tão doente", razão pela qual, sem a filha, Rios compareceu, com Leandro, à capela do hospital, onde, sob forte consternação, já encontrou Isaura, Linhares, Padre Januário e Sandra.

Logo que avistou o industrial, Padre Januário correu nervoso ao seu encontro. Trazia no rosto ameno a marca acentuada de uma preocupação violenta. Rios o recebeu num aperto de mão:

— Boa noite, Padre. Como foi?...

— Rios, venha até aqui — murmurou o sacerdote, conduzindo-o de volta, sob admiração do industrial. — Eu preciso falar-lhe.

— Mas que houve, Padre? — indagou curioso.

— Você já vai saber. . .

Os dois caminharam até um canto mais discreto. Lá, com um tom de profunda gravidade, Padre Januário falou:

— Rios, eu precisava conversar com você primeiro. . .

— Já sei, Padre! Pode ficar tranqüilo. A fábrica de papel arcará com as despesas. D.<sup>a</sup> Isaura não ficará sem amparo, e Sandra. . .

— Não é nada disso, meu filho — retrucou impaciente o sacerdote.

— Não?! — perguntou o industrial com espanto.

Padre Januário confirmou com um gesto de cabeça.

— Como assim?... — insistiu Rios, agora com ares de preocupação.

— Você pode preparar-se para enfrentar uma batalha — declarou o Padre com gravidade.

— Batalha?! — surpreendeu-se o outro.

— Sim, filho. . . Uma batalha. . .

— Mas. . .

— Dessas batalhas difíceis e tiranas. Singularmente perigosas.

— Padre, eu não estou entendendo nada. . .

— Custou-me entender também. . .

— Padre, por favor, seja claro! — encarceu o industrial, em tom dramático — seja franco!. . .

Padre Januário respirou fundo. Um franzido bem pronunciado na testa, maltratada pelos anos, denunciava a Rios uma gravidade nunca vista. Depois, o sacerdote, talvez criada a coragem, iniciou:

— Trata-se de Sandra. . .

Rios empalideceu bruscamente. Em frações de segundo, imaginou centenas de coisas horríveis. Mas não concluiu pela verdadeira.

— Que houve com ela, Padre?...

— Sandra. . . Deixe-me ver como é que eu vou explicar. . . Sandra está tomada de um. . . de um profundo. . . sentimento de. . . de. . . ódio. Deus que a perdoe, contra você. . . e sua família.

— Quê?! — exclamou o industrial perplexo, agora ainda mais pálido e visivelmente emocionado — ... Por... por quê... Padre?. . . Que fizemos nós. . . de errado?

Padre Januário deu de ombros. Não sabia a resposta também. ava-se apenas a contemplar o chão, preocupado e sem palavras.

Rios, faces contraídas, aproximou-se mais e murmurou:

— Como. . . como soube, Padre?. . .

— Rios, sente-se aqui — sugeriu o sacerdote, sentando-se também num banco situado a poucos metros.

O industrial obedeceu. Estava exausto. Profundamente exausto.

— Agora, conte-me. Padre...

— Rios, eu fui um dos primeiros a chegar até aqui... Talvez porque tivesse sido o primeiro a ser avisado. . .

— Sim, Padre... Por favor, prossiga. . .

— Quando cheguei, o corpo de Sebastião ainda estava no hospital. Na cama, onde faleceu. ..

— E aí, Padre?...

— Ao lado do falecido, Isaura chorava desesperadamente. Foi emocionante. . . Ninguém quer admitir a morte física, meu caro. . . Pouco adiante, mais chegada à janela, Sandra me pareceu mortificada. De pé, rígida, olhos vidrados e fixos na imensidão da noite, a menina demonstrou completo alheamento à minha chegada. Logo que me viu, Isaura se lançou sobre mim, gritando alucinadamente. . .

— Continue, Padre. . . Por favor. . .

— Profundamente chocado, procurei levar uma palavra de consolo ao coração da mulher, angustiada e divorciada de Deus.. . Aos

poucos, fui acalmando-a, fazendo-lhe ver suas convicções religiosas... em suma, assistindo-a espiritualmente em tão difícil momento. . .

— E daí, Padre? . . .

— Enquanto procurava amenizar os sofrimentos atrozes de Isaura, reerguendo-lhe o moral e lembrando os Sagrados Ensinamentos de Jesus, eu observava com atenção a conduta estranha de Sandra, imóvel, petrificada, muda, insensível, entende?...

— Compreendo. . .

— Eu sabia que esse comportamento interiorizado poderia trazer péssimas conseqüências para a própria Sandra. . .

— Realmente, Padre. . .

— Então, criei coragem e resolvi provocar. . .

— Pois não. . .

— Lentamente, com muito cuidado, aproximei-me da jovem...

— Sim. . .

— Toquei-lhe o ombro. . .

— Sim...

— Sandra não reagiu.

— Não?!

— Continuou estática. Terrivelmente estática — concluiu o sacerdote sensivelmente amargurado.

— Mas, Padre, — replicou o industrial — até agora eu não vi relação com o que. . .

— Espere um pouco, Rios. Deixe-me prosseguir.

— Pois não. . .

— Vendo que Sandra não reagia, resolvi falar-lhe. . .

— Sim?! ..

— Não obtive resposta ainda.

— Não? — perguntou intrigado.

— Não, Rios. . . Contudo, percebi que, pouco a pouco, seu corpo se reanimava novamente. . . Os olhos iam-se congestionando, simultaneamente com um tremer de lábios, cada vez mais intenso, mais intenso! . .

— Horrível, Padre! — exclamou Rios, escondendo a cabeça entre as mãos.

• — Era a explosão da crise psicológica que despontava... Preparei-me para escorá-la. Volvi meu coração para o Senhor, rogando-lhe fôrças para superar aquêle grave momento.

— . . . Sim. . .

— . . . Depois, num crescendo de intensidade, Sandra estremeceu como que. . . apavorada. . . Seus lábios começaram a balbuciar palavras que eu não entendia... a essas alturas, Isaura, espiritualmente fortalecida, se juntava a mim, olhos esbugalhados de terror. . . Sandra dizia algo. . . Algo que me parecia muito horrível. . . Depois, tudo começou a ficar muito claro. . . Sandra, cada vez mais alto, dizia palavras sem sentido. . . Completamente sem sentido! . . Parecia louca!

— ... Mas que dizia ela, Padre? Diga!

— Ela dizia...: ..."Assassina!! Você matou meu pai!... Burguesa assassina. . ." ... Oh, Rios, foi demais para mim!

Rios estava angustiado:

— ... Mas, Padre, qual a relação?...

— . . . Sandra se referia a Andréia, meu filho. . .

Alberto Rios estremeceu. Uma expressão violenta de pavor, algo assim de indescritível, metamorfoseou-lhe as feições. Estava pálido, olhos arregalados, horrorizado:

— Que é que o senhor me está dizendo, Padre?. . .

— Isso mesmo, Rios. . . Sandra se referia a Andréia. ..

— Andréia?... — perguntou o industrial estarecido. — Mes como?. .

— . . . Oh, Rios, eu entendi tanto quanto você! . .

— Mas como sabe que Sandra se referia à minha filha, Padre? Como? . . .

— Ela disse o nome, meu filho. . . Uma, duas, várias vezes. . . Com o decorrer dos minutos, mergulhou em histeria total. . . Passou a repetir, aos gritos, o que antes apenas murmurava. . . Foi necessária a intervenção dos médicos e enfermeiras. . . A moça parecia tomada do demônio... Esbravejava contra você, Rios, e toda a sua família. . . "Burgueses", dizia ela, enfurecida e incontrolável. . .

— Meu Deus do Céu!

— Tivemos que levá-la. . . Somente um sedativo forte a trouxe de volta à tranqüilidade.

Rios não sabia mais o que sentia. Um peso parecia esmagar-lhe o cérebro debilitado e confuso. Não havia explicação plausível para aquilo tudo. Por que, meu Deus, aconteciam coisas assim? Por quê?

Padre Januário voltou a falar:

— Você sabia que Andréia hoje à tarde esteve no hospital? Rios

reergueu-se zangado:

— O senhor não está querendo supor que...?

— Eu não estou querendo supor coisa nenhuma, Rios! Agora, diga-me: você sabia?

Rios respondeu cabisbaixo:

— Não, Padre.

— Mas estêve, Rios. Veio ela junto com a ama... Por certo, queriam fazer uma visita ao doente. . .

— Aonde quer chegar, Padre?

— A lugar nenhum, filho. Estou apenas relatando. . . Um doente presenciou parte da cena. . .

— Cena?! — replicou Rios, mais intrigado e confuso.

— Elas discutiram, Rios...

— Mas Andréia é incapaz de fazer uma coisa dessas!

— Aonde disse que foi?

— Disse-nos que tinha ido ao cinema com Dita.

— Andréia alguma vez já lhe mentira, Rios?

— Penso que não, Padre.

— Quer dizer que, há dois dias atrás, você poderia dizer que Andréia fosse incapaz de mentir, não é, meu filho?

— Bem, eu...

— Eu não estou contra Andréia, Rios. . . Mas coloco-a dentro do plano mais humano possível. . . Ela é humana! Pode errar.

— Tem razão, Padre. . . Conversarei com ela sobre isso. Depois lhe direi.

— Sandra me preocupa demais, Rios. A gente sente que algo de anormal se passa no seu íntimo. Há muito venho observando isso. . . Sandra está-se consumindo numa revolta que se agiganta a cada minuto! . .

Rios já não estava mais ouvindo. Absorto, procurava ligar os fatos. A fria recepção de Sandra na noite anterior, quando êle fora levar ajuda ao seu pai... Depois, o comportamento estranho de Andréia, logo que chegou de volta a casa... A doença de Benedita. . . Sim!! Era uma doença falsa, para impedir o reencontro entre as duas jovens!. . . Então, por isso os médicos não conseguiram formular uma diagnose! Como êle fora tolo, não percebendo tudo!

Padre Januário prosseguiu:

— Sandra é uma menina ainda. Por si mesma, não reagiria desse modo. . .

Rios ficou intrigado:

— Que quer dizer, Padre?

— Quero dizer que. . . Bem, macacos me mordam, se mãos mal intencionadas não estiverem maquinando a moça!

— Mãos criminosas, Padre?

— Sim, Rios. E quase não tenho dúvidas disso.

— Mas Águas do Paraíso é uma cidade mansa, praticamente sem problemas!

O Padre coçou a cabeça e murmurou:

— Aí está um grande problema de uma cidade. . . "sem problemas". . . meu caro Rios.

— Padre, vamos raciocinar. . . Que interêsse teriam essas tais "mãos" em jogar. . . Espere, Padre. . . Penso que compreendo agora... Começa a fazer sentido!...

— Que tem em mente? — perguntou o sacerdote, intrigado.

— Padre, vamos raciocinar — sugeriu o industrial com visível interêsse. — Que objetivos teriam. . . Espere um pouco. . . O senhor disse que Sandra usou o termo "burgueses" em sua preleção de revolta?

— Disse, Rios, e exatamente isso é que me deixa apreensivo. Não estaria ela usando um chavão muito conhecido? . . .

— Padre — prosseguiu Rios com determinação, aconchegando-se ao sacerdote — o senhor foi avisado de uma reunião que propus realizar?

— Avisado ou convidado? — perguntou num gracejo.

— Convidado, é claro! Essa reunião tem em mira inúmeros aspectos, todos diretamente ligados ao fortalecimento de Águas do Paraíso, contra certas tendências modernas, importadas de regimes exóticos, e que insistem em dominar o mundo.

— Não entendo, Rios. Que lhe deu na cabeça para tomar essa iniciativa?

— Padre, ontem à noite, quando estive na casa de Sandra, tive a impressão de que todos me olhavam como um ente de outro planeta.

— Como assim?

— Senti a existência de uma barreira monstruosa entre mim e os familiares do falecido Sebastião.

— Barreira, meu filho?

— Sim. Deu-me a impressão de que o encontro se realizasse entre "ricos" e "pobres". Isso não pode ser assim. . .

— Você tem razão, "menino".

— Na volta, alertei o Andrade sôbre o problema.

— E êle?...

— Bem, Andrade não quis levar em consideração. . .

— Não?

— Não. Rebateu com aquela velha tônica bem brasileira de que está tudo muito bom, para que mudar, etc., etc., etc.

— Mas você não lhe explicou...

— Expliquei, Padre. Expus, embora rapidamente, meus pontos de vista. Estou chegando a Águas do Paraíso agora. Talvez seja ainda cedo demais para fazer ou emitir conceitos, mas. . .

— Prossiga, Rios!

— ... Eu acho que a cidade está inocente demais.

— Como assim? — indagou o Padre, franzindo a testa.

— Águas do Paraíso está fechada em si mesma.

— Você quer dizer. . . "adormecida".

— Exato, Padre.

— Mas...

— Eu estou vindo de São Paulo. Já viajei por êste país inteiro... Tenho visto exemplos. Em suma, eu creio que os paraisanos precisam despertar urgentemente! Não basta esta tranqüilidade presente. É preciso que todos se convençam de sua responsabilidade no conjunto do Estado e do Brasil.

— Bem, eu penso que isto já acontece. . .

— Veja bem, Padre. Há uma diferença entre "admitir a responsabilidade" e "assumir a responsabilidade". Concordo que todos amem nossa Pátria. Concordo que todos já saibam que fazem parte dela. Concordo com tudo, mas estou certo de que somente isto não é o suficiente para tornar esta Pátria maior, mais rica, mais desen-

volvida e, principalmente, vacinada, Padre, contra ideologias estranhas que a rodeiam e que a tentam impertinentemente.

— Sim, mas. . .

— A parte religiosa de Águas do Paraíso vai bem. Muito bem.

— Sim. . .

— Então, o conceito de Deus, bem desenvolvido como é, estabelece uma noção exata de sociedade, colocando em letras douradas o culto da moral. Neste ponto, Águas do Paraíso é uma cidade perfeita. Uma comunidade integrada.

— Mas, e então? . . .

— Contudo, Padre, — continuou — fala-se muito pouco em Pátria. . . Raciocina-se muito pouco em termos de Brasil. . .

— Compreendo, Rios.

— Isto em outras palavras: por mim, no meu entender, em Águas do Paraíso, a rigor, falta Civismo — e arrematou: — E só o Civismo pode enfrentar as crises importadas e que estremecem o mundo.

— Prossiga, Rios!

— O conceito de Civismo deve ter em vista três aspectos fundamentais: Caráter, Patriotismo e Ação.

— Pois não. . .

— Caráter, com base na moral, originária da ética, tendo por fonte Deus. Já alcançamos esta filosofia, Padre.

— Graças a Deus, meu filho.

— Mas. . . o que me diz o senhor do Patriotismo? Cultuamos o Patriotismo nesta cidade?

— Razoavelmente, sim, meu filho...

— Mas o necessário? — insistiu o industrial.

— Bem, eu...

— Temos um ginásio e uma escola primária. Acredito que ali se pratique ou, pelo menos, se doutrine Patriotismo. Mas, Padre,

com isso, só atingimos crianças. . . No máximo, jovens adolescentes... E os adultos? E nós, Padre?

— Certamente. ..

— Então, não somos integrados. Nem em nós mesmos.

— Mas qual a providência que sugere?

— Já solicitei a reunião, na qual o senhor também tomará parte.

— Muito bem.

— O Prof. Medeiros já está viajando e voltará amanhã, talvez, eem os resultados da missão.

— Missão? — perguntou o sacerdote, sorrindo espantado.

— Sim. Pedi-lhe que fosse a São Paulo e, até mesmo, à Guanabara, se necessário, buscar material para planejarmos imediatamente a execução do terceiro fator fundamental do Civismo: a Ação.

— Mas...

— Não quero, entre meus operários, a sensação do binômio "ricos e pobres". Nada disso! Quero que eles compreendam democraticamente. Que eles admitam que, somente com trabalho, melhorarão cada vez mais.

— Esplêndido, moço! Excelente!!

— Pediremos a participação ativa da juventude paraisana.

— Os Tigres?

— Quem? — indagou curioso o industrial.

— Os Tigres, ora essa!

Padre Januário teve que explicar, em pormenores, a existência do grupo liderado por Azeitona. O entusiasmo de Rios, no decorrer do relato do sacerdote, atingiu o clímax da vibração.

— Padre, os Tigres não poderão ser desperdiçados. A eles caberão as maiores percentagens de nossa campanha. Agora, vamos, Padre! Vou comparecer ao velório! D.<sup>a</sup> Isaura e Sandra precisam muito de ajuda!

Logo que presentili a presença de Rios na capela, Sandra, deliberadamente e sem ser percebida, se afastou.

De certa forma, isso facilitou a tarefa de Rios, visivelmente consternado com o ocorrido, principalmente diante das acusações da menina rebelde sobre Andréia.

Andrade já ali estiverà, tomando as providências materiais que o problema requeria, inclusive tranquilizando Isaura, quanto ao futuro da família. Por isso, o presidente apenas teria que cumprir a obrigação cristã de levar à viúva e seus filhos o apoio moral, o prestígio de sua visita e a certeza de que Isaura não estaria só.

Logo depois, o industrial retirou-se, seguindo imediatamente para o hospital, onde foi encontrar toda uma equipe médica desorientada com a súbita "melhora" de Benedita, face às inúmeras complicações surgidas.

Com muito tato e sem revelar os verdadeiros motivos, Rios, fingindo ainda uma grande preocupação pelo "estado" de Benedita, conseguiu retirá-la do hospital, sob velados protestos dos clínicos que acabaram por não entender coisa nenhuma do que se tinha passado.

A caminho de Águas do Paraíso, Andréia, exausta com os incríveis acontecimentos do dia, adormeceu, cabeça apoiada no ombro de Dita, cujos olhos insistiram, contudo, em ficar arregalados e cheios de apreensão.

No banco da frente, Rios meditava sobre os fatos ocorridos. Não quisera interpelar Andréia sobre seu comportamento estranho, nem exteriorizar à Dita suas preocupações. Nada melhor do que uma boa noite de sono, entre dois dias! Na manhã seguinte poderia, já mais tranqüilo, conversar com a filha e pedir os esclarecimentos de que precisava. Por enquanto, não lhe restava nada mais do que aproveitar o ventinho fresco da noite, que penetrava descuidadamente pela janela do carro.

A chegada ao lar fez com que Andréia despertasse.

Helena esperava todos, com indisfarçável inquietação. Andrade já lhe havia transmitido, por telefone, as desagradáveis notícias de comportamento de Sandra em relação à menina Andréia, e isso a deixava constrangida e, sobretudo, bastante preocupada.

Não seria, porém, adequada uma conversa com a filha, àquela hora da noite, e, principalmente, sem confabular, previamente, com o marido. Dessa forma, o tratamento familiar desenvolveu-se dentro do normal, sem demonstrações que pudessem intrigar a jovem acusada.

Nem uma hora se havia passado, e as luzes do casarão se apagaram, ficando aceso, apenas, o abajur de cabeceira de Helena, que não pôde resistir ao desejo de desfiar com o esposo a teia de suas preocupações.

Helena e Alberto Rios se conheceram em São Paulo. Naquela época, ela lecionava numa escola primária do Jardim América, entregue a uma dedicação enorme, exigida pelos elevados ideais de professora por convicção.

Helena era uma moça simples e de origem modesta.

Rios, por sua vez, homem dotado de fortuna, morava numa das avenidas mais aristocráticas do bairro, em luxuoso palacete branco, de jardim maravilhoso.

Um dia, bela tarde de verão, sol intenso e abracador, realizou-se, na escolinha primária, uma linda festa cívica. No pátio fronteiro, as crianças reunidas cantaram o Hino Nacional e assistiram, movidas por uma força interior pujante, ao hasteamento da Bandeira. Num palco improvisado, Helena, com profundo entusiasmo, comandava aquela massa infantil com mestria inaudita.

Rios vinha passando e, patriota como sempre, não hesitou em mandar parar o automóvel para apreciar o espetáculo. Achou-o deslumbrante. Ouviu com nitidez inúmeras exaltações à Pátria, feitas por crianças. Como enchiam o peito os meninos para dizer "Brasil"! Como ficavam altivas as meninas nas sucessivas declamações, em homenagem àquela data sagrada de "Sete de Setembro".

Rios não se continha de tanto entusiasmo. Sentia, naquele grupo feliz de crianças, a própria pulsação da Pátria, agigantada mil vezes nas vozes agudas, estridentes, que lhe faziam sorrir de orgulho e emoção.

Depois, a festa teve fim. Mas, por muitos minutos mesmo, o jovem industrial permaneceu ali, imóvel, embebido ainda nos efeitos maravilhosos que lhe atingiam a alma.

Ficou, assim, parado, até que seu motorista resolveu interferir.

— Vamos, Dr. Rios? Senão chegaremos atrasados à recepção do cônsul francês...

E o carro prosseguiu a viagem, conduzindo um jovem brasileiro incendiado em suas rmais íntimas convicções de Brasilidade.

Naquele "Sete de Setembro", o jovem não teve rmais sossego. A impressão que lhe ficara do espetáculo cívico-infantil fora demasiadamente intensa para apagar-se assim, sem rmais, nem menos. Rios se sentira, súbitamente, prêso àquela escolinha simpática e não descansaria enquanto não pudesse exteriorizar o que sentia.

Não lhe foi muito difícil convencer o velho pai da validade de um intercâmbio entre a indústria e o estabelecimento de ensino tão exuberante de espírito patriótico. Por essa razão, dias depois, o próprio Alberto Rios, em pessoa, visitava a escola acompanhado de Arnaldo Couto, relações-públicas da firma.

Recebeu-os a Professora Esteia, ilustre diretora e dona de uma capacidade de liderança muito conhecida.

Simpática e altiva, Esteia acomodou-os ambos em seu gabinete e tomou a iniciativa da conversa.

— Em primeiro lugar, Dr. Rios -- disse ela — demonstro meu particular agrado com esta inesperada visita. Faço votos que possa mos nós, componentes da Escola Tiradentes, atender aos anseios de tão ¡lustres visitantes.

Rios sorriu discretamente. Depois de acender um cigarro, explicou:

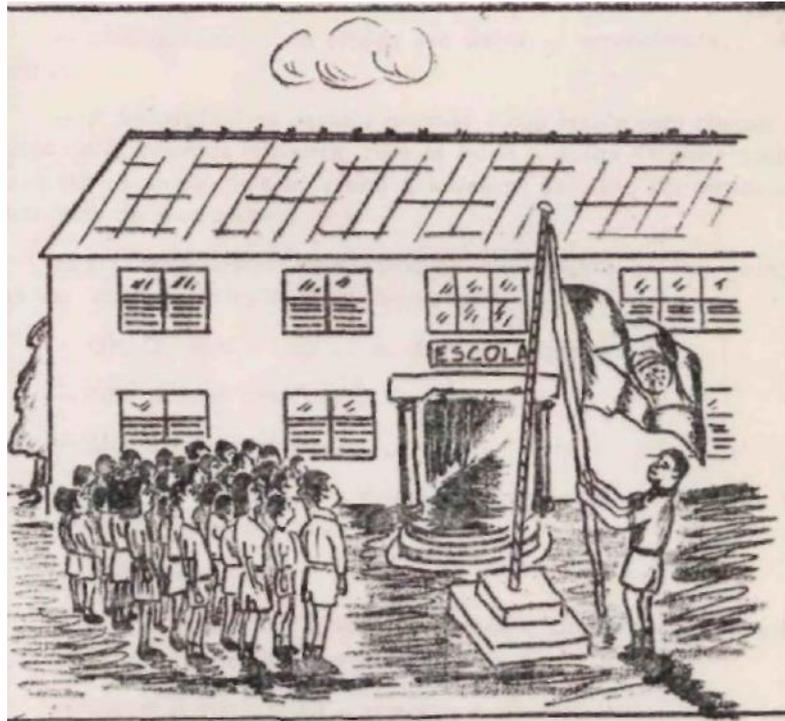
— Professora, estamos certos de que a senhora não pode imaginar os motivos que nos trouxeram até aqui.

— Pois não. . . — murmurou a mestra, intrigada.

— Viemos ver de perto êste monumento de Brasileirismo representado por esta querida escola.

\_ ?

— Não posso esquecer, e sou sincero, a mágica impressão que me ficou, ao assistir à solenidade do Dia da Independência no seu estabelecimento. Foi maravilhoso, Diretora!



— Bem, meu senhor, — replicou Esteia, vencida peia modéstia — não houve nada demais... Fizemos apenas uma festinha singela, embora bastante fiel aos nossos conceitos de civismo. Comemoramos, com os recursos de que dispomos, uma data de significação especial... Pena não pudéssemos fazer melhor.

— Professora, — replicou o industrial — eu sempre admirei a grandiosidade das pequenas coisas. Vi naquilo que a senhora, modestamente, chamou de "simples festinha", o grito mais pujante de Brasilidade. Amo essas iniciativas, e é em razão de sua "singela festinha" que estamos aqui.

— Sinceramente. . . o senhor me deixa. .. envaidecida. . . Afinal. . .

— A Indústria Rios decidiu premiar a sua escola com cheque no valor de quinhentos cruzeiros, com os quais a ilustre Diretora poderá capacitar-se ainda mais ao pleno e louvável exercício do sentimento patriótico de seus alunos.

Esteia empalideceu. Uma emoção muito forte se lhe apossou do ser, enevoando-lhe a mente conturbada:

— Oh, Dr. Rios. . . eu. . . eu nem sei o que dizer. . .

— Não precisa dizer nada, Professora.

— Mas é muita bondade. ..

— Não, Diretora! Não o é! Admito mesmo que esta nossa atitude mais configure um dever.

— Sim, mas. ..

— A Indústria Rios também se propõe, Diretora, a apadrinhar esta encantadora escola a partir desta data. . .

— Oh, que maravilha!! — retrucou a diretora imensamente feliz.

— Isso quer dizer que, pelo menos, papel a escola terá gratuitamente, daqui para a frente! — exclamou Arnaldo Couto, que, até então, se mantivera calado, mas que, agora, se abria num largo sorriso

Esteia, emocionadíssima, já não sabia o que falar.

Arnaldo Couto,-retirando do bolso um envelope, explicou satisfeito:

— Aqui dentro está o cheque, Diretora.

— Muito obrigada, senhores! Muito obrigada, mesmo!! — exclamou a diretora.

— Bem, Arnaldo, penso que já poderemos ir. . . — disse Rios ao auxiliar.

Mas a Diretora interferiu:

— Não, senhor! Nada disso! Primeiro, quero que conheçam a idealizadora e coordenadora da festa de que tanto gostaram.

— Com prazer, Professora — disse o industrial, acomodando-se de novo na poltrona.

Esteia, através de uma servente da escola, solicitou a presença de Helena, no gabinete.

Enquanto a jovem não chegava, Esteia explicou:

— Os senhores vão gostar de Helena! É uma de minhas melhores professoras. Dedicada ao trabalho como Helena, nunca vi!

— Muito bem. . . — murmurou Arnaldo Couto.

— Helena é uma moça pobre. Nem deveria estar nesta escola. . .

— Ora, por que diz isso, Diretora? — perguntou o industrial apreensivo.

— Há muitos pais aqui que têm mania de grandeza. . . Pressionam a escola.

— Não diga, Diretora! — exclamou Arnaldo Couto muito espantado.

— Helena é pobre. Mora com a tia, numa casa modesta do centro da cidade.

— Tôdas as outras professoras da escola têm recursos? — indagou Rios curioso.

— Oh, não tanto assim. São menos modestas. Classe média, compreende? — explicou Esteia.

— Ah, sim. . . Quer dizer que Helena. . . — replicou Rios.

— . . . Helena, no final, sempre vence. É inteligente e estudiosa. Tem cultura, mas falta-lhe a malícia, sei lá... a posição, a origem, para enfrentar os embates iniciais com aqueles que não a conhecem...

— Mas o que costumam exigir? . . .

— Não querem, de início, aceitar a soberania da professora Helena, de origem pobre, sôbre a vontade dos alunos, seus filhos, quase sempre bem favorecidos da sorte.

— E aí?...

— No início do ano, as coisas se repetem. Pressões sôbre a escola para afastar Helena da turma "tal", etc. Depois, caem na realidade. Acabam por aplaudi-la. Helena, realmente, tem valor! Posso dizer que, agora em setembro, por exemplo, é a professora mais querida desta escola!!

— Formidável!! — exclamou Arnaldo Couto.

Minutos depois, a figura de Helena aparecia à porta do gabinete da Professora Estela:

— Boa tarde... Chamou, D.<sup>a</sup> Estela?

Foi exatamente naquele momento que o coração do jovem Alberto Rios resolveu pregar-lhe uma peça! E que peça! Ao vislumbrar a imagem de Helena, bem à frente, Rios sentiu-se repentinamente nervoso. Um vazio imenso se misturou a uma sensação de simpatia, jamais experimentada em tôda a sua vida.

Rios não tinha muitas pretensões de casamento. Faltava-lhe tempo, enquanto, simultâneamente, lhe sobrava um acentuado espírito crítico, que o *tomava* o homem mais exigente do mundo, nesses assuntos.

Naquele momento, porém, o que sentia fazia-o sabedor de que qualquer engrenagem do seu sistema afetivo se desajustara, sem explicação.

Helena estava com as mãos cheias de giz. Mas não só as mãos. O rosto, os cabelos, os braços e a roupa.

Rios achou-a linda! Quase sublime! Simples. De plena simplicidade.

— Muito prazer, Dr. Rios. . . — disse Helena, balançando a cabeça com humildade.

Logo depois, feitos os elogios, a reunião chegou ao fim, entre sinceros agradecimentos de Estela.

Alberto Rios deixou a escola apreensivo. Seria capaz de jurar que estava apaixonado por Helena, que nada percebeu, afinal.

No dia seguinte, Rios se preparava para sair de casa, quando o motorista lhe comunicou que o carro já estava pronto.

— Não vou precisar, meu caro. Hoje sairei a pé.

O ineditismo dessa decisão deixou todo mundo intrigado, no palacete branco. Sem ser obrigado a dar satisfações a ninguém, o jovem industrial, com efeito, se dispensou do conforto do carro particular, para pegar um táxi na primeira esquina.

Nas proximidades da escolinha de Helena, Rios desembarcou, liberando-se do carro.

Já era quase hora da saída, e Rios procurava rever Helena, falar-lhe, declarar-se, se possível fosse. Por isso, ocultou-se nas proximidades, até o momento em que, enternecido, percebeu que a jovem, sem vê-lo, caminhava na calçada, em sua direção.

Rios, recompondo-se, partiu em sentido contrário. Estaria provocado, dentro de segundos, um encontro "casual", entre ambos, encontro cujos resultados não corresponderam, em nada, ao que fora planejado com carinho e operosidade.

Maria Helena, ao avistá-lo, limitou-se a acenar-lhe com breve sorriso e delicado "boa tarde". Nem mesmo se propôs a reduzir a marcha que desenvolvia na apressada caminhada. Fora, apenas, um segundo de infrutífero contato, para decepção completa do industrial, agora declaradamente apaixonado pela môça.

Helena já se acostumara a ser assediada por conquistadores de toda ordem e, por isso, adquirira o hábito salutar de se manter distanciada, garantindo, assim, uma posição de sobriedade bastante elo-giável. Encarara aquele "casual" encontro, exatamente como um encontro casual e não deixara perceber nenhum outro sentimento que não fosse o demonstrado pelo delicado "boa-tarde", sem outras intenções.

Alberto Rios, frustrado nas intenções, praticamente não pôde mais reencontrar o equilíbrio psicológico de sempre. Fora covardemente traído por um coração até então mascarado de terrível insensibilidade matrimonial. E o pior de tudo: não encontrava solução adequada e eficiente para provocar a aproximação com a moça.

Um dia, resolveu convidar as crianças da escolinha de Helena para uma visita à monumental fábrica de papel em São Paulo. Tinha certeza de que Helena seria necessariamente designada para acompanhar os alunos, e, assim, estaria estabelecida a aproximação não desejada.

Infelizmente, porém, houve um novo fracasso. D.<sup>a</sup> Estela determinou à Professora Flosilda que coordenasse a visita, para grande decepção do jovem industrial.

Flosilda era uma solteirona inconformada. Desprovida de qualquer beleza física, apresentava, além disso, a característica dramática de apaixonar-se à primeira vista, com a maior das facilidades. Dessa vez, Rios foi o vitimado. Durante a visita, tal foi o assédio de Flosilda, que Rios, embaraçadíssimo, não teve outro remédio, senão retirar-se, deixando como cicerone substituto o delicado Arnaldo Couto, imediatamente transformado em objetivo conjugal pela nariguda e decidida Professora Flosilda. . .

Com o passar do tempo, Alberto Rios já quase desanimava na concretização de seu intento.

Helena, por outro lado, alheia ao que se passava, continuava na trilha de uma atividade nobre, que jurara cumprir com amor e fidelidade. Ignorava o profundo interesse que Rios secretamente lhe devotava. Era uma professora. Apenas isso. Não se fazia insinuar. Não abria a menor oportunidade que propiciasse a Rios revelar-lhe seu segredo.

Rios, contudo, não descansava. Mais cedo ou mais tarde, descobriria um jeito de fazer saber a moça de todo o amor que crescia sem cessar.

Certa manhã, numa conversa com Arnaldo Couto, afinal, a solução:

— Dr. Rios, estamos chegando a dezembro. . . Repetiremos a tradicional festa de promoção no palacete branco?

Rios respondeu desanimado:

— . . . Acho que não. . . Deixe-me ver. . . Que fizemos mesmo no ano passado, hein?

Bem, fizemos a festa do "jornalista do ano", não se lembra?

— Oh, sim, sim!. . . Como anda a minha cabeça!! — resmungou o industrial.

— Excesso de trabalho, doutor. Precisa de um descanso.

— Cem Helena no pensamento? — murmurou o industrial entre dentes.

— Como disse, doutor? — indagou o auxiliar curioso. Rios embaraçou-se:

— Oh, nada, nada! Eu não disse nada, Arnaldo. Estava somente pensando em voz alta. . .

Houve um silêncio pouco demorado, até que o auxiliar voltou a solicitar:

— ... Ea festa, Dr. Rios?

— Já falou com papai?

— Já, doutor.

— E êle? Que disse?

— Disse o que diz todos os anos: "esse problema de festa é com Alberto Rios, que é moço e tem tempo para esses assuntos".

Rios não conteve o riso, principalmente pela sobriedade com que Arnaldo Couto repetira as palavras do pai:

— Ah, o velho Rios! Sempre gracejando! — comentou o industrial.

Por alguns segundos, o silêncio voltou a dominar o escritório de Rios. De pé, muito sério, Arnaldo Couto contemplava pacientemente o chefe, à espera, afinal, de uma resposta.

De repente, quase com um salto, Rios exclamou:

— Já sei! Já sei!

O rosto de Arnaldo Couto iluminou-se.

Levantando-se, Rios, cheio de animação, prosseguiu:

— A professora do ano!! A professora do ano!!

— Como assim, doutor? . . .

— Ouça, Arnaldo! Faremos uma festa em homenagem à professora do ano! Ligue-se imediatamente com a nossa escolinha afillhada!... Diga à Diretora que faremos uma festa à sua melhor professora. . . a professora Helena Vilaça!

— E se D.<sup>a</sup> Helena não fôr a melhor professora escolhida, doutor? — perguntou Arnaldo Couto com frieza.

Rios parou de sorrir. Desviando o olhar, pleno de seriedade, resmungou:

— Tem que ser! .. Tem que ser! . . .

— Compreendo. . . — murmurou o auxiliar, com um sorriso significativo.

— Compreende o quê, Arnaldo?... — perguntou o industrial apreensivo.

— Posso ser franco, Dr. Rios? . . .

— Ora essa! Claro que pode !— exclamou Rios, caminhando até a geladeira, de onde tirou uma garrafa de água.

— Minhas modestas observações pessoais me levam à conclusão de que...

— Prossiga, homem!

— . . . Não devo.

— Arnaldo, meu velho! Que bobagem é esta?! Sente-se aí e fale-me tudo, vamos.

— Bem, — prosseguiu o outro — parece-me que o doutor está apaixonado pela professorinha...

— Como é que você sabe?... — perguntou Rios, espantado, engasgando-se com a água que bebia.

— Não precisava ser inteligente, doutor... E digo lhe que o senhor tem plena razão. ..

— . . . Você acha? . . . — indagou o industrial com brilho significativo nos olhos.

— Sim, doutor. D.<sup>a</sup> Helena é ótima moça... Depois, é muito bonita!

Rios não se conteve de alegria:

— Você é espetacular, Arnaldo! — e enlaçou-o num abraço tão informal que deixou embaraçado o auxiliar.

Passada a euforia, Rios prosseguiu:

— Quer dizer que você me ajudará?

— Evidente que sim, Dr. Rios!

— Oh, muito obrigado! — e concluiu: — Mas você vai guardar segredo, não é, homem?

— Claro, doutor. Não se preocupe.

— Obrigado. Mantenha-me informado sobre o desenrolar das providências.

— Sim, senhor. Eu o farei.

A tarefa a que se propôs Arnaldo Couto não foi difícil. Por indicação espontânea de Estela, Helena foi mesmo consagrada a "Professora do Ano".

Contudo, não seria muito fácil o seu comparecimento ao grande baile de promoção, no palacete branco dos Rios. A jovem não tinha recursos nem temperamento para essas empreitadas, muito embora não lhe faltasse a necessária classe.

Ante a ameaça de uma polida recusa por parte de Helena, Rios não hesitou em ir às últimas conseqüências: convidou o Governador e o Secretário de Educação, além de outras altas autoridades. Antecipou-se em divulgar pelos jornais a proximidade da festa, seus objetivos e significados. O prazer, então, se transformou em indiscutível dever. Helena sabia que representaria não só sua própria personalidade. Na festa, ela seria a própria profissão que abraçara.

Na manhã do dia da festa, o palacete branco foi alvo da ação de complicadíssimo dispositivo de faxina e culinária. Um corre-corre impressionante sacudiu-o até à noite, chegando tôdas as providências aos mínimos detalhes.

Rios, pessoalmente, assumiu a liderança, ditando ordens impacientes aos empregados da casa.

Benedita, naquele tempo mocinha, era a arrumadeira favorita. Ela parecia ler os pensamentos do patrão e não esperava que as ordens chegassem.

Um pandemônio de medidas revitalizou a casa, nos dois imensos andares que tinha, porém todos trabalhavam sem conhecer os motivos verdadeiros do interesse particular do jovem Rios.

A noite chegou.

Seriam quase nove horas, quando o carro particular, que fora buscar Helena, estacionou à frente do palacete branco. Ao som de bela melodia, executada ao mesmo tempo por duas orquestras, Helena penetrou nos jardins, passando entre as fileiras de crianças, que lhe jogavam pétalas de rosas. Seu coração só faltava pular-lhe do peito, tamanha a emoção. Mais à retaguarda, sua tia Constança a seguia comovida. Todos estavam no jardim para aplaudir a linda professora, realizada e reconhecida. Não podendo comparecer, o Governador e dois Secretários de Estado mandaram representantes.

Rios caminhou em direção a Helena, na passagem pelo jardim. Sorriu-lhe e beijou-lhe a mão. Seu coração pulsava violentamente, diante da deusa que, ali presente, ainda mantinha a natural sobriedade de sempre.

Depois, a valsa, no salão bem iluminado, decorado artisticamente pelos especialistas caríssimos. Luzes, sorrisos, sonhos a rodopiarem em alegorias que fascinavam!

Aos poucos, Rios foi-se chegando à personalidade de Helena, cuja gratidão, embora farta, não lhe abria horizontes de um sentimento mais especial.

A festa foi sucesso inédito, dentro de São Paulo e do Brasil. Toda a imprensa, em todas as modalidades, ocupou-se do assunto por muitos dias ainda. A promoção, em si mesma, atingira o grande objetivo social de prestigiar uma classe laboriosa.

Helena, porém, homenageada de todas as formas, soube viver as homenagens, à margem de sentimentos pessoais, que, na verdade, já existiam, mas que ela tentava controlar, guardando-os sigilosamente no coração.

Dias mais tarde, Rios, não refeito ainda da nova decepção, resolveu, finalmente, conversar com Helena sobre o assunto e dizer-lhe do seu amor. Telefonou-lhe. Disse que queria falar-lhe. Declarou-se.

— . . . Lamento, Alberto. . . mas eu não posso casar com você... — disse ela, quando se encontraram à porta da escola.

— ... Mas... mas por quê,... Helena?... — perguntou angustiado.

— . . . Por nada. . . ou melhor,. . . algo muito secreto. . . — respondeu-lhe a jovem, cabisbaixa.

— Secreto? — perguntou o jovem assustado.

— Sim... Secreto, porque você não precisa saber... — disse Helena com meiguice.

— Mas eu a amo, querida!!

— . . . Amo-o também, Alberto. . . Desde o primeiro momento. . . na secretaria da escola, lembra-se?... — murmurou a professora com ternura.

— Oh, sim, sim! Você estava linda. . . Mesmo lambuzada de giz até os cabelos! — e sorriu.

— . . . Você vê, Alberto? — replicou Helena. — Eu sou assim. . . Para você. . . tem que ser uma moça que esteja sempre. . . — concluiu, fazendo beicinho.

— Não diga mais nada. Helena! Você não me conhece. . . Nem sabe como sou. . .

— Eu sou uma moça modesta, Alberto. . . Não sirvo para você...

— . . . Você acha?... — perguntou amargurado.

— . . . Sim. . . — respondeu a moça, com voz embargada.

— Então... neste caso... nem me adianta tentar... — concluiu o industrial entristecido.

— Como assim, Alberto? — replicou Helena, interessada.

— Tentaria levá-la ao casamento. . . mas você faz um juízo tão mau de mim, que. . . — explicou-lhe o industrial.

— Mas eu não disse isso, Alberto!! — defendeu-se Helena enternecida; e continuou:

— Eu disse que você tem a sua sociedade. . . Eu tenho a minha... Seria uma intrusa no seu mundo, onde deve haver muitas mocinhas também. . .

— Mas eu não me apaixonei por nenhuma. Helena... — acentuou Rios, entre gestos significativos.

— ... Nunca?... — perguntou dengosa.

— Helena, eu. . .

— Que quer dizer?

— Helena, eu. . .

— Diga, querido. . .

Os olhos de Alberto Rios brilharam outra vez.

— ... Você... você me chamou de "querido"?...

— ... Fiz mal. ..?... — indagou meigamente a professora.

— Oh, claro que não!! Claro que não!!!. . . Helena!

— Diga, Alberto!. . .

— Aceita casar-se comigo?

Helena respondeu que sim, com aceno de cabeça e um belo sorriso.

Rios quase saiu correndo de tanta alegria. Sorria num sorriso largo, comprimindo, entre as suas, as mãozinhas delicadas de Helena, espantada e feliz.

As crianças que passavam perceberam a filosofia da cena e começaram a gritar, igualmente satisfeitas: — "Queremos doce! Queremos doce!!" — o que fez com que o nôvo parzinho corasse num irrefutável acanhamento. . . Estavam lançados os alicerces de uma união maravilhosamente pura. Rios não perdera. Helena, jamais deixara de vencer.

O amor conjugal de Helena e Alberto Rios não teve deslizes; não seria, aliás, mais feliz a combinação de pontos de vista e de temperamentos.

Ambos sempre souberam encarar, com lucidez absoluta, o papel da família e sobretudo da mulher, na sociedade em geral. Na influência da mãe, esposa ou irmã na formação do caráter e das virtudes cívicas de um povo.

Rios e Helena sempre se deram bem. Eternos apaixonados. Eternos namorados. Mas, sobretudo, eternamente os mesmos: donos de uma dedicada sensibilidade cívica, atendida por um e por outro de modo próprio e indiscutivelmente muito atraente.

Agora, sob a morna luz do abajur comum, o casal amargurava-se na mesma preocupação.

Helena tomou a iniciativa:.

— Alberto. ..

— Hum, hum... — respondeu-lhe o marido, pensativo.

— . . . Que está acontecendo?.. .

— ... Acontecendo, como?... — replicou o industrial, fingin-do-se desentendido.

— Em Águas do Paraíso!.. .

Rios, sem desviar os olhos, insistiu:

— Ora, querida, muitas coisas. . . Por exemplo, ontem a fábrica inaugurou outro. ..

Helena interferiu:

— Alberto.. . Não finja para mim. . . Você nunca me mentiu. . .

Rios voltou-se intrigado:

— Que é que você já sabe, menina? — indagou êle, em tom de gracejo.

— Andrade telefonou para cá.

— Andrade? — perguntou Rios, preocupado.

— Sim... Queria falar com você. . . Como você já tinha saído, falou comigo mesmo. ..

— E o que disse aquêle maluco? — perguntou o industrial já impaciente.

— Contou-me tudo...

— Tudo. . . o quê? — perguntou o industrial, sentando-se na cama, num pulo.

— Querido. . . Sandra. . .

— Oh, meu amor!. . . — murmurou Rios, acariciando os cabelos de Helena. — Tudo não passa de um mal entendido. . .

— . . . Você acha?

— ... Bem...

— Andréia esteve no hospital hoje. . . Por que não nos disse nada?...

Rios respirou profundo e respondeu com seriedade:

— . . . Não sei. . . Não sei. . .

— Não falou com ela?... — insistiu Helena, angustiada.

— Não tive oportunidade. . . Depois, era já muito tarde. . . Amanhã. . .

— Você acha que. . . ?

— Não, querida. Claro que não. Pelo visto, Sandra está automatizada.

..

— Automatizada?. . . — perguntou a espôsa, sem entender.

— Sim. . . Ela não está agindo por si mesma. Está sendo envenenada por terceiros. . . — murmurou com convicção.

— Mas. . .

— Já conversei hoje, durante longo tempo, com o Padre Januário. Tíramos algumas conclusões.

— E o que decidiram, querido?. . .

— Eu vou contar-lhe. Escute.

Enquanto o casal conversava baixinho, Andréia, supondo todos dormindo, resolveu ir à biblioteca para, à luz de um dicionário, descobrir o significado da palavra "burguês". Tinha que descobri-lo!

Dessa forma, sorrateiramente, pé ante pé, deixou o quarto, percorrendo longo corredor pontilhado de pequenas estátuas, no fim do qual podia divisar a porta da biblioteca. A qualquer ruído, parava muito assustada, permanecendo imóvel por alguns minutos, até absoluta convicção de que não estava sendo seguida. Sua respiração era ofegante. Não poderia, contudo, recuar, pois precisava saber exatamente das intenções de Sandra. Não dormiria antes de solucionar o problema.

Andréia, de camisolão branco, rnaís parecia um fantasma. E ainda mais que, para não fazer barulho, andava com jeitinho especial, como se bailasse no espaço. Assim, ja consumindo, metro a metro, a pequena distância que a separava da porta almejada.

Por outro lado, Benedita, não conseguindo dormir, resolvera, pouco antes, dirigir-se também à biblioteca, da janela da qual poderia contemplar as águas do rio Paraíso, onde a Lua se refletia com beleza indescritível. Era um costume que começava a adquirir, naturalmente, pela grandeza do espetáculo noturno.

Estava, assim, Benedita, em sua contemplação, quando um barulho na maçaneta da porta lhe despertou a atenção. A criada gelou. Congelou-se, talvez. Sentiu um friozinho enjoado percorrer-lhe a espinha.

Fixou os olhos, arregalados de medo, na maçaneta da porta, que girava lentamente, movimentada por Andréia, que, do outro lado, o fazia devagar para ser discreta.

A cada centímetro girado, o pavor de Benedita crescia. Teve vontade de pular pela janela, mas a altura não se apresentava muito convidativa. A velha preta maldizia a triste idéia de contemplar as águas do rio! "Tolice! Devia estar em seu quarto, bem quieta! Fora inventar idéia, e o resultado ali estava: não havia dúvida que alguma coisa estava querendo abrir a porta... a única porta, por falta de sorte". . .

Pensamentos horrorosos aturdiavam a cabeça da preta. Poderia ser um ladrão e, nesse caso, Dita não escaparia! Credo!. . . Mas, também poderia ser coisa... muito pior!... A alma do falecido Sebastião, por exemplo...! Que viria vingar-se por ela ter impedido Andréia de visitar o corpo!. . . Dita estava gelada. As pernas tremiam frenéticas, e os olhos já pareciam saltar das órbitas. Seu coração, dis-

parado, denunciava pânico terrível! Pânico que chegou ao clímax, no instante em que a porta se abriu, e Benedita deparou com um vulto branco prateado de luar, cujo rosto não pôde identificar, mesmo porque não tentou. O que sucedeu, depois, foi difícil descrever. Um grito lancinante de Benedita ecoou no casarão. Foi um grito seco. Apavorante. De imediato, Benedita arremessou-se contra aquilo que lhe parecia visão, procurando a fuga desesperada. Houve um choque de corpos, com gritarias de ambos os lados, seguidos de uma ba-rulheira infernal, muito aumentada, quando, na correria espetacular, Benedita tropeçou numa grande estátua, indo ambas ao chão. Parecia que um quadrimotor havia caído sobre o palacete branco. Em minutos, toda a casa estava iluminada, e, para surpresa de todos, o quadro que restara era impressionante e grotesco: Benedita procurava levantar-se, lá embaixo, ao pé da escada, pela qual rolara, após colidir, com violência, com a estátua de Bolívar, espatifada no corredor. Na biblioteca, uma montanha de livros se movimentava, assustando, ainda, um dos criados inadvertidos — era Andréia que, no susto, na agonia, acabara por virar uma pesada estante sobre si mesma e, coberta de grossos volumes, tentava livrar-se do problema.

Atônitos, Helena e Rios não sabiam a quem socorrer primeiro. As duas gemiam, como se estivessem à morte; tudo efeito do pânico gerado, naquela noite agitada, na cidade mais pacata deste Brasil imenso.

Duas horas depois, Benedita e Andréia estavam, exatamente, à frente da mesma equipe médica do Hospital Santo Ângelo, equipe cuja surpresa não pôde esconder a dúvida ou a certeza de que a família Rios, afinal, era constituída de doidos!... E doidos dos mais varridos!!

## Sombras no Paraíso

### ÁGUAS DO PARAÍSO amanheceu sombria.

Nem o Sol, eterno galanteador, mostrou-se por detrás das montanhas, semicobertas por bruma manhosa e sem vida.

A pálida luz daquela manhã nublada se adequava curiosamente às fisionomias dos paraisanos, chocados com o súbito desaparecimento de Sebastião.

Pairava no ar uma tristeza esquisita. Como se mergulhado numa única dor, o povoado inteiro se afogava na mais enjoada melancolia.

Não houve comércio naquele dia, e a fábrica, por determinação do presidente Rios, dispensou-se do expediente costumeiro, limitando-se, apenas, a prestar as homenagens derradeiras ao falecido, trazido do Hospital Santo Ângelo e velado, agora, no salão nobre da empresa, por dezenas de familiares e amigos.

Natureza triste, povo triste, Águas do Paraíso emudeceu. Desapareceram os sorrisos e as conversas mais informais. Reunida numa única família, a cidadezinha acabava de perder um de seus membros e chorava por ele, na plenitude de uma sinceridade indubitável.

Ventava. Vento frio. Frio e ameaçador. O céu azul de sempre se reduzia, pouco a pouco, a uma imensa toalha acinzentada que prometia chuvas torrenciais.

Ventava. Vento frio de saudade, a excitar os lamentos incontidos da população ferida e traumatizada.

No velório, os personagens mais importantes da nossa história se agrupavam numa tristeza só. Lá estavam Rios e Maria Helena a

murmurar palavras carinhosas e consoladoras à família de Sebastião, violentada pelo desenlace brusco.

— Oh, Dr. Rios, que será de nós agora!? — exclamou Isaura em prantos comoventes.

— Calma, D.<sup>a</sup> Isaura. . . — pediu Helena emocionada — Deus é grande! . . . A senhora não está só. . .

— Êle era tão bom! . . . — murmurou Isauia, ante o cadáver.

— Tão trabalhador. . . Tão dedicado. . . — e irrompeu em pranto convulso.

— Chegou. . . chegou o seu dia. . . — disse Rios. — Todos nós temos o nosso dia, D.<sup>a</sup> Isaura.

— Mas êle partiu muito cedo. . . — replicou Isaura, entre soluços, esmagando um lenço alagado de lágrimas.

— Foi a Vontade de Deus, D.<sup>a</sup> Isaura... — retrucou Padre Januário, também presente, cheio de consternação.

— E por quê, Padre? . . . Por quê? — perguntou a viúva embargada pela emoção.

— Deus. . . Deus é dono de nós todos. . . Seu marido já cumpriu a missão.

— O senhor acha, Padre? — replicou Isaura, revoltada. — Deixando filhos pequenos... Filhos que crescerão sem pai?

Padre Januário, tocando ternamente o ombro da viúva, respondeu:

— Quem somos nós, D.<sup>a</sup> Isaura, para tentar entender os Desígnios de Deus?...

Isaura não respondeu. Continuou chorando.

Mais adiante, sentadinhos todos, os filhos mastigavam a imensa dor da saudade. Não falavam. Apenas consumiam-se em prantos. Sentidos prantos.

Sandra não estava presente. Tomada de uma sucessão violenta de crises emocionais, foi conduzida para a casa de uma família amiga.

O povo, em extensa e interminável coluna, desfilava diante do caixão. Em todos, a expressão de tristeza. De abalo. De profunda consternação. Depois, as palavras de conforto para a viúva, mergulhada em intenso desespero. Para cada um, novo acesso de prantos, entre abraços que exprimiam a solidariedade autêntica de uma população genuinamente cristã.

Lá fora, um mundo de pessoas, aglomeradas à espera da saída do féretro.

Azeitona, visivelmente chocada, liderava a representação de Tigres junto à família enlutada. Ele sabia ou, pelo menos, podia pressentir as conseqüências psicológicas acarretadas pelo acontecimento, no comportamento de Sandra. Já lhe havia chegado aos ouvidos as acusações da menina órfã contra Andréia Rios, objetivo visado na luta que começava.

O líder não escondia a preocupação. Assessorado pelos elementos de sua comitiva, buscava veladamente colher melhores informes sobre a situação e, nessa tarefa, pôde perceber, bastante surpreendido, que Rosário, cercado de um grupo razoável de adolescentes, fazia estranha e inconcebível pregação:

— É o que estou dizendo, pessoal! — dizia Rosário. — A "tal" de Andréia é que foi a responsável pela morte do "seu" Sebastião! Ela não tinha nada que ir ao hospital. Se quisesse tomar satisfações com Sandra, que tomasse aqui na cidade. Não respeitou nem o velho doente!!

— Mas ela discutiu com Sandra dentro do quarto? — perguntou um dos assistentes revoltados e já enfurecido.

— Se discutiu? — respondeu-lhe Rosário, com tendenciosa tonalidade de voz. — Forçou a entrada! — arrematou.

— Que menina "danada"! — exclamou uma Tigresa estarrecida.

— E Sandra deixou? — perguntou um outro, indignado.

— ... E tinha jeito? — respondeu Rosário. — Se resistisse, seria pior!

— Impressionante! . . — exclamou um Tigre.

— A "burguesinha" estava uma "fera"! Só faltou bater em Sandra — prosseguiu Rosário.

— Atrevida!! — exclamou alguém lá de trás.

— Coitada de Sandra! — arrematou outro Tigre.

— E tem rnaís! — disse o intrigante.

— Mais? — perguntaram em coro.

— Muito rnaís!! — confirmou Rosário.

— Oh! — exclamou uma menina, cerrando os punhos e enfurecida.

— A "tal" Andréia ameaçou influenciar o pai...

— Influenciar, como? — perguntou uma jovem, indignada.

— Ora, para despedir o pai de Sandra da fábrica!

— Oh! — exclamaram em nôvo coro.

— Agora, vocês imaginem que o doente ouviu isso tudo! — acentuou Rosário, feliz da vida com o êxito de sua iniciativa.

— Que barbarismo! — exclamou uma Tigresa, que chagara minutos antes.

— O resultado só poderia ser êste! — concluiu Rosário.

— Precisamos tomar uma providência! — esbravejou alguém.

— Não, por enquanto! — replicou o mentiroso.

— Como assim? — perguntaram.

— Sandra decidirá. Esperemos sua palavra de ordem — sugeriu Rosário, olhos de vitória, entusiasmado com os resultados da pregação.

— Não podemos admitir essa "burguesa" no nosso grupo! — murmurou um outro.

— Nada disso! — retrucou o jovem agitador. — Esperemos a orientação de Sandra. Ela dirá o que devemos fazer.

Azeitona, colocado em posição estratégica, pasmou diante de tão terrível diálogo. Não querendo interferir, preferiu escutar com atenção, para ver até onde Rosário pretendia chegar em sua pregação maldosa, que dali começou a alastrar-se para outros grupos esparsos que se encontravam nas proximidades.

De repente, um murmúrio surdo, rmais semelhante a uma vaia, veio chocar seus ouvidos.

Perplexo, viu quando Ronaldo chegava, trazendo consigo a figura diferente de Andréia, cuja surpresa não foi menor. Nem mesmo o respeito à memória de um morto foi considerado naquele momento crítico. Envenenados por obra de Rosário, os Tigres presentes reagiram sem comando contra a menina rica, enrubescida de vergonha e desapontamento.

Ronaldo, em face da imprevista e desagradável recepção, não teve outra solução, senão conduzir Andréia diretamente para o interior do salão nobre da fábrica, onde foram encontrar Rios e Maria Helena.

Andréia havia chegado do Hospital Santo Ângelo, onde deixara Benedita, em recuperação das escoriações resultantes do tombo que levava.

Ao avistá-la, Helena apressou-se em falar.

— Como vai, filha? — perguntou com carinho.

Andréia, profundamente chocada, preferiu não responder. Limi-otu-se a beijá-la ternamente, escondendo a lágrima tímida que lhe escorria pelo rosto pálido. Depois, postou-se diante do cadáver de Sebastião, angustiada por tantos dissabores, tantas decepções.

A verdade é que Andréia, ainda sem compreender a atitude de Sandra, desfeiteando-a com brutalidade no hospital, crescia, naquele instante, ao seu imenso rosário de dúvidas, a surpresa da estranha recepção que lhe ofereceram, lá fora, os jovens presentes ao velório. Simplória, porém, e, sobretudo convicta de suas intenções, Andréia procurava, a qualquer preço, guardar os segredos de suas mágoas, até que pudesse decifrar o enigma, cuja solução Azeitona, agora chegando-se a Ronaldo, já conhecia, pelo menos em grande parte.

Minutos depois, Ronaldo, tocando delicadamente o braço de Andréia, retirou-a para junto de Azeitona.

Andréia, — disse êle um tanto embaraçado — apresento-lhe Azeitona, o líder de todos os Tigres.

Andréia, não conseguindo disfarçar uma revolta, naquele caso injusta, murmurou com altivez:

— Como se sente, Sr. Azeitona, liderando "vândalos"?

Azeitona surpreendeu-se. Ronaldo, muito mais ainda.

— Andréia!... Não entendo... — disse Ronaldo, arregalando os olhos.

— Muito prazer, senhor líder! — exclamou a jovem, estendendo a mão alva para Azeitona, constrangido.

— Andréia. . . eu. . . eu não estou. . . entendendo. . .

— Explique-lhe, Ronaldo. Eu estou muito cansada... — disse Andréia, com pouco caso.

— Andréia, você não está pensando que. . . — murmurou Ronaldo.

— Deixe-a, Ronaldo — replicou Azeitona, muito sério. — Ela associou a. . . a via lá fora com a minha liderança. . .

— Esqueçamos tudo — replicou a menina. — Já passou.

— Mas, Andréia, Azeitona não tem nada com isso!... protestou Ronaldo.

— Como "não", Ronaldo? — indagou Andréia ainda indignada.

— Ora. . . ora. . . eles vaiaram porque quiseram. . . Eu. . .

— Senhor líder, não podemos... — replicou Andréia.

— Eu vou explicar, Andréia. — interferiu Ronaldo.

— Mas não precisa, Ronaldo!. . . — retrucou a moça, exausta.

— Precisa, sim — acentuou Ronaldo, com profunda determinação.

Andréia voltou-se com atenção. Pressentiu a mensagem secreta que corria nas palavras do jovem.

— Há... há, afinal, algum problema?...

— Sim... — respondeu Azeitona, cabisbaixo.

— A liderança de Azeitona corre perigo, Andréia — murmurou Ronaldo com gravidade.

— Perigo? — perguntou espantada a jovem.

— Bem, não é tanto assim. . . — retificou o líder.

Ronaldo prosseguiu:

— Há um grupo dissidente.

— Sandra? — indagou Andréia, preocupada.

— Sim — concordou o líder. — Mas não só ela. . .

— Quem mais então? — disse a jovem, intrigada.

— Sandra tem um aliado — explicou o líder.

— Chama-se Rosário, Andréia — completou Ronaldo.

— Ambos têm aparecido com idéias "novas"... Idéias estranhas. . .

— E. . . então. . .?

— Tentam, a todo custo, sensibilizar a massa dos Tigres — disse Ronaldo, apreensivo.

— Mas qual a finalidade, Ronaldo?...

— Ainda não sabemos — respondeu o líder entristecido. — Mas de uma coisa temos certeza: não pouparão esforços para arrastar a juventude daqui. . . Você sabe por que foi vaiada?

— Não, Azeitona... — respondeu, pálida.

— Minutos antes, Rosário espalhava entre os presentes a idéia de que Sebastião morreu por sua causa — confessou Azeitona, embaraçado e inquieto.

— Bandido! — exclamou Ronaldo com indignação. — Eu vou tirar isso a limpo! — e já ia saindo, quando Azeitona o impediu.

— Espere, Ronaldo! Tenha calma!! Qualquer reação violenta será muito pior. . .

— Pior, como, homem? — insistiu Ronaldo, sem perceber a palidez acentuada de Andréia, terrivelmente chocada e emudecida ao seu lado.

— É isso que "eles" querem! Temos que usar a cabeça. Neutralizá-los, sem nos expormos.

— Ronaldo. . . — murmurou Andréia, chamando a atenção de Ronaldo que se assustou ao vê-la pálida, quase a desfalecer.

— Está sentido alguma coisa, Andréia? — perguntou Azeitona, preocupado.

— Já... já estou bem. Obrigada. Agora, contem-me! Que fiz eu a Sebastião? Digam, por favor! — suplicou, quase chorando.

Azeitona resolveu contar a Andréia tudo o que sabia sobre o caso. Desde a fúria de Sandra, na reunião, até a pregação insensata de Rosário, entre os adolescentes que velavam o corpo do operário.

— Mas eu não fiz nada disso. Azeitona! — replicou Andréia chorando. — Eu juro!

— Calma, Andréia... Podem-nos notar... Não convém... — aconselhou Ronaldo.

— Eu já esperava que tudo não passasse de mentira — disse o líder, revoltado.

Andréia parou, de repente. Fixou com determinação o líder e perguntou incisiva:

— E você, Azeitona, por que acredita no que eu digo?

Ronaldo não entendeu.

Azeitona, voltando à tranqüilidade, respondeu:

— Porque nunca cheguei a acreditar em Rosário, Andréia...

Andréia engoliu em seco. Não esperava resposta tão plena de adultismo e equilíbrio.

Com firmeza, o líder prosseguiu:

— Nunca tive dúvidas quanto ao comportamento de Rosário. . . e de Sandra também. Dos perigos que esse comportamento oferece à comunidade.

— Mas, nesse caso, Azeitona, urge reagir! — exclamou Ronaldo com indignação.

— Concordo, Ronaldo, mas não podemos reagir do modo como você deseja — argumentou Azeitona com tranqüilidade.

— Mas é simples, Azeitona — disse Ronaldo, chegando-se mais para perto do líder. — Eu pego aquele garoto mentiroso na esquina e boto-lhe o nariz para dentro!

— ...E, com isso, você vai transformá-lo em mártir — replicou o líder. — Acabarão todos dizendo que "perdemos a esportiva e apelamos para a ignorância".

— Azeitona tem razão, Ronaldo — disse Andréia, já refeita.

— Mas, então, Azeitona, que fazer?. . . — Bater palmas de encorajamento? — perguntou irritado o jovem Ronaldo. — Esta não!

— Ronaldo, — disse o líder — a primeira coisa a fazer é manter a calma.

— Mas como? — replicou descontrolado.

— Rosário e Sandra estão unidos. Não hesitarão em provocar-nos, para que nos coloquemos expostos — argumentou Azeitona inteligentemente. — É isso que eles querem!

— Bem, Azeitona, eu penso que também estou metido neste barulho. .

— Sim. . .

— Por isso, estou pronto a colaborar. Que acha que devemos fazer?

— Bem, por ora, é melhor observar, entende?

— Desculpe-me, meu caro líder, mas eu não concordo — replicou Ronaldo com firmeza. — Nada de passividade!

— Bem, Ronaldo, — disse o líder — você é dono de sua vontade. Se quiser, tenha outra atitude.

Ronaldo recuou constrangido:

— Desculpe-me, Azeitona. Seguirei o líder. . . — Que sugere?

— Vamos fazer o seguinte: — explicou o líder, diante dos vivos olhares dos seus interlocutores — *marcarei* para amanhã a reunião de integração de Andréia ao grupo. Será, fiquem certos, uma batalha!

— Batalha, Azeitona? — perguntou a moça, espantada.

— Sim. Mesmo que Sandra não compareça, Rosário não faltará. Além disso, irmão, também, todos os tolos que ele já envenenou.

— E daí? — indagou Ronaldo com descrença.

— Haverá, certamente, um debate.

— E se não houver? — perguntou Andréia.

— Eu provoco! — exclamou o líder.

— Provoca? — indagaram os outros dois.

— Sim, meninos! Eu provoco! — disse Azeitona, com determinação.

— Mas... com que objetivo?... — quis saber Ronaldo, intrigado.

— Precisamos fazer "nossos amiguinhos" mostrarem as unhas. Quanto mais eles falarem, melhor!

— Não entendo, Azeitona! — murmurou Andréia.

— O peixe morre pela boca, Andréia. Eles falarão, sob nosso controle. A platéia julgará.

— Excelente!! — exclamou a jovem entusiasmada.

— Modere o entusiasmo, Andréia — advertiu Azeitona. — Você não conhece Rosário e Sandra. Ainda é cedo para sorrir. . . Muito cedo...

O diálogo foi interrompido por Helena que, de regresso à casa, pretendia levar Andréia consigo.

No salão da fábrica, ficaram os demais, inclusive Rios, cercado de todos os assessores, até o momento crítico em que seriam feitas as despedidas derradeiras ao operário falecido, cuja herança a Aguas do Paraíso incluía Sandra, um problema sério e perigoso para toda a cidade.

## Domingo no Paraíso

NO DIA SEGUINTE, Águas do Paraíso amanheceu inquieta.

Já não parecia mais a cidadezinha morna e adocicada dos tempos passados, ostentando, mesmo, um visível sintoma de tensão psicológica.

À noite, os Tigres estariam reunidos para promover a integração de Andréia, cujo nome ficava cada vez mais comprometido pela ação subterrânea de Rosário, em apoio completo aos propósitos de Sandra.

Padre Januário, prevenido, foi eloqüente no sermão que repetiu em todas as missas rezadas no domingo de apreensões.

Disse êle a seus fiéis, na missa das sete horas:

— Segundo São Paulo, "a caridade é paciente". "A paciência é a virtude dos Santos", afirmou Santo Tomás de Aquino. "A alegria perfeita é a que nasce da paciência", canta S. Francisco de Assis. E Jesus disse: "Bem-aventurados os mansos, os pacíficos". Esses conceitos, caríssimos irmãos, vocês poderão encontrar num livro muito bonito e de alto valor cristão, chamado "Teu Outro Eu". É uma obra do Cônego Jean Vieujean e fica desde já recomendado a todos os fiéis, adeptos da Sagrada Doutrina de Jesus e que superlotam êste templo. Aqui está um exemplar de "Teu Outro Eu" — continuou o Padre, mostrando um pequenino livro à massa de católicos que o ouvia atentamente. E foi adiante — No capítulo XIX desta valiosa obra, o Cônego Jean faz referência especial à Paciência e seus sete segredes. Diz êle: "Somos a favor da ação, e a paciência é virtude passiva". E, mais adiante, conclui: "Agir é tão cristão quanto suportar. São dois aspectos complementares da vida que é preciso coordenar entre si". Cônego Jean diz, linhas depois: "Os violentos, que

não dominam a sua violência, são dominados por ela. Tornam-se simples agitadores que perturbam os meios por onde passam. São eles que põem o mundo em fogo e sangue".

O sermão atendia não só a católicos adultos. Boa parte dos Tigres se distribuía pelos horários de missas, no cumprimento correto de um culto religioso sempre prioritário.

Padre Januário continuou a comentar o conteúdo do livro:

— Aqui, à página cento e quarenta e cinco, diz o autor a respeito dos dramas que costumamos criar: "A maioria das brigas se originam em ninharias que dramatizamos.

De uma fagulha, vem o incêndio.

De uma gota d'água, o dilúvio.

De uma simples divergência, um violento conflito".

Os fiéis ouviam atentamente os comentários do Padre, embora sem perceberem muito bem os objetivos imediatos que êle desejava alcançar. Mas sabiam que, no conjunto, Padre Januário transmitia uma mensagem qualquer, de muita importância, sem dúvida alguma.

O sacerdote prosseguiu:

— Cônego Jean Vieujean fala também do ressentimento. Diz êle aqui: "O ressentimento consiste em hostilidade surda a um conjunto de valores nos quais não se pode nem se quer participar, embora se lhes deite um olhar nostálgico. No fundo, é a história da raposa e das uvas, mas uma história muito mais sombria e mais trágica.

Há inúmeros exemplos de ressentimento, tanto na vida individual como na vida social. Êle viceja nos seres pouco dotados, em solteronas, em velhos, em certas classes sociais e nos apóstatas de toda espécie".

Padre Januário fechou o pequenino livro e se dirigiu novamente à platéia:

— Meus amigos, por certo todos devem estar intrigados com os meus objetivos, ao citar, nesta missa, trechos preciosos de uma obra realmente valiosa e à qual jamais fiz referência. Contudo, foi necessário alertar esta cidade para o clima de inquietação que começa a ser pressentido por nós todos, em vista dos acontecimentos recentes.

Primeiro, a partida de Cotrim e o aparecimento da ilustre família Rios, em Águas do Paraíso. Depois, o falecimento de Sebastião, de forma repentina e inesperada. Águas do Paraíso parece querer virar "notícia". . . — e sorriu levemente. — Hoje, contudo, preocupam-me dois aspectos, que considero importantíssimos: está sendo desenvolvida, nesta cidade, uma campanha injusta e insensata contra uma menina mal chegada ainda a Águas do Paraíso. Acusam-na de uma dezena de pequeninos crimes, obviamente não cometidos, fato que, absolutamente, não se enquadra dentro do panorama religioso dêste povoado. Chamo a atenção dos pais aqui presentes e, em particular, dos Tigres, para que não se iludam com conversas estranhas ao modo de pensar e de agir de Águas do Paraíso. Sem querer tomar partidos, advirto-os contra impacientes e agitadores que pretendem, e disso já deram prova, transformar a cidade, impondo-lhes características repelidas, durante anos, por gerações e gerações. O mundo inteiro se agita, numa confusão sem precedentes, e o incêndio universal parece querer alastrar-se também até Águas do Paraíso. Observem e verão que algo de anormal, ainda sem forma definida mas de alto poder, ameaça envolver nossa comunidade. Deturpa fatos e seduz nossos jovens, sensibilizando-os e armando-os com perigosas armas, de manejo diabólico e conseqüências imprevisíveis.

Por isso, temos que nos resguardar. Fixar, no pensamento, a Sagrada Imagem de Jesus. Receber, no coração, Seus ensinamentos. Depois, fugir à omissão. Devemos abster-nos, isto é, afastar-nos das posições agressivas. Fechar os ouvidos à intriga e à injúria. Repelir, com vigor, os motivos de discórdia. Não transformar pequenas diferenças de opinião em ressentimentos que, fatalmente, conduzirão ao ódio.

Não pretendo falar demais. Não estou admoestando. Apenas alertando. Só isso. Vocês julgarão depois. O que eu já disse será o bastante, servindo de ponto de partida para a adoção de um comportamento seguro que não trará, certamente, arrependimentos futuros. Os interessados mais diretos saberão perceber o alcance de minhas palavras — e retornou ao Altar visivelmente emocionado.

A celebração da missa continuou em seguida.

Logo depois, a pequena multidão, circumspecta, abandonava respeitosa-mente a igreja, terminado o ato religioso, levando no coração as sementes de sabedoria do velho sacerdote.

Durante todo o domingo, o sermão do Padre Januário foi comentado.

Os mais astutos procuravam descobrir as nuances motivadoras da preleção, enquanto outros, naturalmente mais acomodados, não prestavam maior importância ao sucedido.

Por outro lado, os Tigres, excitados pela previsão de duelos sensacionais na reunião, antegozavam o acontecimento, no calor da sua idade.

Sandra fora aconselhada a comparecer. Seria uma maneira de distrair-se um pouco, diminuindo a tensão provocada pela morte do pai. Embora sem confirmação, esperavam todos que a menina rebelde não se fizesse ausente, mesmo porque Rosário, possivelmente, não teria condições de defender a tese comum, diante de toda a massa dos Tigres.

Na cidade, não se comentava outra coisa. Sandra, sem dúvida alguma, lançaria oficialmente acusações contra Andréia, de modo a impedi-la de confirmar-se como Tigresa. Rosário, como sempre, endossaria os pontos de vista da jovem rebelde, ao passo que Ronaldo, em defesa de Andréia, não iria, naturalmente, aceitar com passividade as insinuações dos opositores. Azeitona, como é óbvio, ocupava a posição mais incômoda. Mesmo tendo conceitos pessoais firmados, não se afastava, de modo algum, das idéias da maioria do grupo, de forma a não comprometer as estruturas democráticas da entidade, tão propaladas e alicerçadas.

Ainda mal refeita do golpe sofrido na véspera, Sandra não passou o domingo na cidade. com pretexto de visitar uma amiguinha que morava em Baltazar, a jovem conferenciou, a convite de Rosário, com o Príncipe dos Camarões, um rapaz bastante simpático e dotado de grandes recursos pessoais, inclusive cultura.

O Príncipe era o jovem Roberto Martins, estudante do Clássico, em Baltazar. Sua inteligência era acentuada, não obstante ele a utilizasse para reger o comportamento quase sempre condenável de seus seguidores.

Sandra e Rosário chegaram a Baltazar já pelas duas da tarde. Na rodoviária, Roberto os aguardava, acompanhado de Caramujo, jovem delinqüente e seu braço-direito em todas as ações.

— Muito prazer, Srta. Sandra! Bem-vinda a Baltazar! — exclamou o Príncipe, ao receber a moça rebelde.

Em poucos minutos, o pequenino grupo de adolescentes se reunia numa lanchonete afastada.

Príncipe, com habilidade e astúcia, tomou a iniciativa:

— Rosário contou que você está sendo "perseguida" em Águas do Paraíso. . .

— Bem, não é bem assim. . . — replicou Sandra acovardada, diante dos dois estranhos rapazes de jaqueta vermelha.

— Não?... — perguntou o Príncipe, fazendo-se desentendido.

— Bem,... eu explico, Príncipe... — interferiu Rosário.

— Fale logo! — determinou Caramujo com austeridade, fazendo Rosário estremecer.

— Bem,. . . Sandra não está. . . não está satisfeita com a situação em Águas do Paraíso. . .

— E quem pode estar satisfeito, meu caro Rosário? — perguntou o Príncipe com ironia. — Somente os mais passivos capachos se acomodam sob a força do "imperialismo burguês" da família Rios. . . — comentou.

Sandra sorriu satisfeita. Plena de euforia.

Roberto continuou:

— . . . Azeitona, por exemplo.

— . . . Mas êle é o líder. . . — replicou Sandra, com ironia.

Roberto, irritando-se abertamente, perguntou:

— Líder de quem? Só se fôr dos "trouxas"!

— O Príncipe tem tôda a razão! — acrescentou Caramujo, introduzindo na bôca um tablete de goma de mascar.

— Sandra é uma menina inteligente, vê-se logo! — acentuou o líder dos Camarões.

— Obrigada, Príncipe — respondeu a jovem, sorrindo.

— Você, menina, parece que sabe o que quer. Por isso, mandei convidá-la para conversar conosco. . . como você sabe, os Camarões são a grande barreira com que se deparam os Tigres, em suas ações atrasadas, interioranas e quadradas — e concluiu: — Menina Sandra, tenho a honra de passar meu grupo à sua disposição!

— Que "cartaz", hein, garota! — exclamou Caramujo, numa fre-nélica mastigação.

— Você. . . Você tem algum plano, Sandra? — perguntou o líder.

— Bem, tenho o primeiro. . . em execução — respondeu-lhe a moça, embaraçada.

— Em execução? — indagou o líder, fingindo-se surpreendido. — Vejam só! Que dinamismo!

— Sandra está atuando em vários setores, Príncipe — explicou Rosário.

— Muito bem... — murmurou Roberto, sorrindo.

— Primeiro, parte para uma sabotagem total à administração de Azeitona.

— Ótimo! — aplaudiu Caramujo, brilho estranho no olhar.

— Agora, cumulativamente, bombardeia Andréia, na certeza de que não só atingirá a família burguesa, como, também, desgostará Azeitona, certamente do lado da riqueza.

— Excelente! — exclamou o Príncipe.

— É seu objetivo — prosseguiu Rosário — desnostrar a liderança de Azeitona nas próximas eleições.

— Muito inteligente, meu caro Rosário... Já pensaram na festa? — retrucou o líder.

— A do aniversário da cidade? — indagou Sandra.

— Sim. Podem crer que seria uma ótima oportunidade para desbancar de uma vez o repugnante Azeitona.

— Sem dúvida alguma, Sandra! — comentou Rosário, com um sorriso ameaçador.

O Príncipe prosseguiu:

— Nessa festa, meninos, os Camarões pretendem tomar parte... — e riu sinistra e ameaçadoramente.

— Você tem alguma idéia, Príncipe? — indagou a jovem.

— Por enquanto, não, Sandra, mas terei, logo que vocês dois me fornecerem a programação dos festejos — respondeu-lhe o líder.

— Mas. . .

— . . . É claro que vocês não vão dizer a ninguém que vieram a Baltazar. . . — advertiu o líder, com malícia.

— Oh, claro que não...! — apressou-se Rosário em concordar.

— Ficamos assim, Sandra. Aliados! Só isso! — concluiu o líder com frieza.

— ... E os objetivos são os mesmos? — indagou a jovem, astuciosamente.

— Evidente que sim, minha cara! — disse o líder. — Todos nós queremos a mesma coisa: mudar a liderança dos Tigres para outra da nossa linha; e, com esta, pressionar a burguesia dos Rios a dar condições de vida rmais decente aos operários.

— . . . Mas por que você se interessa pelos operários de Águas do Paraíso? — perguntou Sandra, intrigada.

— O Brasil não é um só, menina?

— E, aqui... conseguiram alguma coisa? — indagou a moça, com inocência.

— Nós só não conseguimos o que não queremos, Sandra — acentuou, com vaidade, o líder. — Estamos quase no final da meta.

— Muito bem, cavalheiro! — concluiu a moça. — Eu aceito o acôrdo!

— ótimo, mocinha! — aplaudiu o Príncipe. — Você é uma menina "prá frente"!

— Eu não lhe disse, Príncipe? — perguntou Rosário, eufórico.

O Príncipe, porém, não gostou da intervenção, reagindo com expressão de censura, que silenciou o paraisano infiel.

Precisamente às vinte horas, barracão lotado e consideravelmente agitado, Azeitona chegou para a reunião. Vinha acompanhado de Andréia, Ronaldo e mais dois Tigres de sua assessoria. Imediatamente, todos se colocaram de pé, seguindo-se a isso um pesado silêncio, somente quebrado pelo líder, logo depois:

— Boa noite, meus senhores!

As reuniões da juventude paraisana obedeciam, normalmente, a uma seqüência pré-estabelecida. Presente o líder, o secretário convidava a platéia a cantar com êle o Hino à Cidade, como primeira atividade a ser desenvolvida. Foi assim que tudo exatamente começou naquela noite de inquietação. Ainda de pé, convictos, os Tigres fizeram ecoar, uma só voz, a canção da cidade, abertura oficial dos trabalhos ansiosamente esperados.-

"Águas do Paraíso, Minha cidade-  
amor, Doce cantinho do Bem, Do  
Brasil, a mais meiga flor.

Águas do Paraíso, Meu colorido  
rincão, Que se abre num sorriso  
No mapa do meu coração.

Neste céu abençoado, Mil  
estrelas vêm brilhar,  
Ofuscando o prateado Do  
mais vaidoso luar.

E nos campos verdes, lindos,  
Passarinhos em liberdade Cantam  
todos — festejos infintos! A beleza da  
minha cidade.

Águas do Paraíso, como eu  
lhe quero bem! No seu chão,  
eu me criei. Em você, conheci  
alguém.

Seu nome mora no fundo Dêste humilde  
coração. É a cidade mais linda do  
mundo, Doce tema da minha canção".

Enquanto cantavam, Azeitona os observava com atenção, fixando-se num ou noutro, na tentativa de adivinhar-lhes o comportamento futuro.

Sandra, surpreendendo a assessoria do líder, ali estava, lado a lado com Rosário, possivelmente em estado similar de expectativa e tensão.

Pareciam os Tigres, naquele momento, razoavelmente moderados e bem intencionados, o que provocava, no coração de Azeitona, um alívio maravilhoso.

Encerrada a canção, os aplausos de sempre, entre os próprios jovens, que, assim, se prestigiavam mutuamente e à própria cidade.

Logo em seguida, Azeitona, dono daquela postura irrepreensível de sempre, tomou a palavra:

— Meus senhores, esta reunião de hoje se reveste de singular importância. . .

— . . . Porque, meus senhores, — interferiu Sandra, com ironia, pondo-se de pé — incorporaremos, hoje, ao nosso grupo, uma burguesa insolente!!

Imediatamente, o auditório explodiu, numa onda de discussões de intensidade sem precedentes.

Estourava, no recinto, brutal confusão, diante dos olhares de perplexidade do líder, estarecido com o resultado de uma intervenção bem forjada e de conseqüências premeditadas.

Azeitona tremia de emoção.

Ronaldo, mal feito da surpresa, discutia lateralmente com dois companheiros mais próximos. Reinava quase o pânico.

Preparada psicologicamente para o pior, Andréia procurava manter-se controlada. Sem baixar a cabeça um só minuto, ela se esforçava, pelo contrário, em encarar, com determinação, cada um dos Tigres ali presentes e alvoroçados. Fazia por tocá-los no cerne da própria alma. Era uma forma eloqüente de defesa.

Azeitona se colocou de pé sobre o caixote. Angustiado, passou a aguardar um silêncio que parecia não mais voltar. Sabia que, ao menor gesto impensado, jogaria por terra o restante da influência

que tivesse sôbre os Tigres, e isso representaria a grande derrota, o final inexorável de tudo.

Admirado, pasmado, o líder assistia, impassível, ao vendaval que ameaçava arrasar todo o galpão. Mas, por outro lado, media e louvava o comportamento de Andréia, acusada e ofendida por Sandra.

A nobreza ímpar da menina magricela e feiosa fazia-a bem distanciada dos ataques da adversária inconseqüente.

O silêncio, afinal, retornou ao recinto.

Sob tensão violenta, o líder deixou que todos parassem de falar. Esperou e contemplou seus seguidores com firmeza. Por fim, retomou a palavra:

— Não fosse o respeito que devo a todos os senhores, o res-peito que devo a mim mesmo, e eu teria dado à senhorita Sandra uma resposta muito adequada!

— Solicito que seja mais claro. Sr. líder! — interferiu Rosário, querendo popularidade.

Azeitona não lhe deu resposta.

— Contudo, minha cara Tigresa, — prosseguiu o líder — embora líder, não me cabe enunciar ou pregar as dezenas de normas de boa educação! . . .

Um "oh" de surpresa invadiu o plenário.

— Falta de capacidade, Sr. líder?... — indagou Sandra num deboche.

— . . . Falta de tempo, Tigresa! — respondeu-lhe Azeitona. — Além disso, educação é problema. . . "doméstico".

Sandra fulminou-o com o olhar. E insistiu:

— Admira-me o Sr. líder, deixando se envolver por uma jogada tão perigosa.

Azeitona não entendeu:

— Peça-lhe que seja mais clara!

— Ora, "Azeitona"! . . . — replicou a jovem com deboche acentuado e ferino.

uma gargalhada geral estourou no recinto. Rompendo propositalmente a ética, Sandra se dirigiu ao líder, usando o apelido jocoso de "Azeitona", na tentativa de achincalhá-lo diante dos assistentes.

O líder sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Sua condição de negro fora maliciosamente realçada pela jovem, já entregue aos desmandos de uma ira incontrolável.

Azeitona entristeceu. Acabrunhou-se. A fisionomia de preocupação, superpôs-se outra de mágoa. Profunda mágoa, mesmo. Os Tigres o perceberam. Sentiram o drama do líder. Por isso, logo que deram por si, silenciaram de todo. Sandra, afinal, acabara atingida pelas próprias armas.

Recomposto e prestigiado, Azeitona retomou a palavra:

— Quando fui eleito líder dos Tigres, fiz solene juramento da am3r a agremiação e honrar o grupo. Na época, eu sentia, talvez, pouco rmais do que um entusiasmo de jovem... Hoje,... comovido,. . . eu vejo quanto custa amar o grupo. . . Amar o grupo exige renúncia sobre-humana. Amar o grupo exige silêncio. . . Exige paciência. . . Mas. . . vale a pena. . . Eu agradeço a vocês. . . o silêncio que fizeram... Quanto respeito, meus amigos!... Quanta solidariedade. . . nesse brusco silêncio que. . . vocês fizeram. . . para devolver-me a palavra... — Azeitona chorava de emoção. — Sou negro, sim, Tigresa Sandra. . . Negro, filho de negros. . . Mas, mesmo negro, elegeram-me os Tigres o seu líder. . . Confiaram-me a direção do grupo rmais formidável. . . rmais honrado. . . Sou negro, Tigresa,. . . não sou branco. . . como você. . . É pena, porém,. .. que a alma da gente seja invisível. . . Se pudéssemos ver a alma, saberíamos, também, a côr. . . Se é que alma tem côr. . .

A platéia se mantinha presa às palavras de Azeitona. Palavras puras. Humanas.

Sandra, por sua vez, cabisbaixa, remola mágoas na fivelinha do cinto que lhe abraçava a cintura. Mas não se envergonhava ainda. Alimentava o mesmo furor, escondendo-o, contudo, agora, face à reação de uma platéia sadia e reconduzida a rmais correta postura.

Todos escutavam a voz de Azeitona. Voz firme. Sensata.

Azeitona prosseguiu:

— Tigresa Sandra, eu não tenho mágoa de você. . . Perdô-a, porque imagino como deve estar ferida essa alma de menina adolescente. . . Mas peço-lhe... pelo menos... que não seja tão pesadamente. . . injusta. . . Esta moça que está aqui ao meu lado — e tocou o ombro de Andréia — não tem culpa de nada. . .

— Ela matou meu pai... — resmungou Sandra, sem levantar a cabeça.

— Não, Sandra. . . — replicou Azeitona pacientemente — ... E você, melhor do que ninguém, sabe disso. . .

— Protesto, Sr. líder! — esbravejou Rosário.

— Cale a boca, "bobalhão"! — gritaram lá de trás.

— Eu protesto! — insistiu Rosário. — O líder não tem o direito de proteger os interesses de privilegiados burgueses!!

— Que quer dizer com isso, Rosário? — perguntou Ronaldo, perdendo a calma.

— Quero dizer que o líder, temendo a desforra da burguesia Rios, insiste em defender **uma** tese injusta!

— Que tese, meu caro Tigre? — insistiu Azeitona, ainda paciente.

— Andréia Rios não pode ser uma Tigresa! — respondeu Rosário.

— O problema já foi debatido na reunião passada — replicou o líder.

— Mas, agora, é diferente! — disse Rosário.

— Por quê? — perguntou Ronaldo, enfurecido.

— De lá para cá, essa garota teve atitudes que. . .

— Senhor Tigre, pode responder-me a uma pergunta? — perguntou Andréia, com serenidade, surpreendendo a platéia e aumentando a expectativa geral.

Rosário perturbou-se:

— . . . Bem. . . eu. . . Sim. . . Sim. . . É claro. . .

— Eu penso que compreendo os motivos de apreensão dessa platéia, repleta de rapazes e moças. Também levo em conta essa reação natural ao ingresso de. . . de uma nova menina. . . no grupo. . .

Fiquem certos de que eu teria o maior orgulho se fosse aceita pelos Tigres. .  
. Mas, Sr. Rosário, eu pergunto: . . . Que pretende, isolando-me assim? . . .  
Por que insiste em falar de "burguesia"? . . .

— Eu não pretendo isolar ninguém, menina! — respondeu Rosário. —  
Apenas acho que você e Sandra não poderão fazer parte do mesmo grupo.

. .

— Mas por quê? — indagou Azeitona.

— Ora, . . . Sandra faz acusações sérias. . .

— E prova? — replicou Ronaldo, incisivo.

Sandra levantou-se:

— como poderei provar, burguesa, se tudo se passou entre mim,  
Andréia, meu pai e . . . e . . . aquela empregadinha "asquerosa"...?

Enquanto o diálogo se desenvolvia, a platéia delirava de emoção no  
antegozo de cada momento.

Andréia, dona de cultura razoável, sabia rebater, com classe, os  
apupos, cada vez mais descontraídos de Sandra e Rosário, ativos,  
decididos e ousados. Em determinada oportunidade, Azeitona interveio:

— Na qualidade de líder, não vejo razões concretas para impedir o  
ingresso da Andréia no nosso grupo.

— Vocês estão de trato feito! — replicou Rosário, inflamado.

— Não adianta discutir, Rosário! — interferiu Sandra — o "im-  
perialismo busguês" é mais forte. . .

— Que pretende insinuar? — perguntou Andréia, irritada.

— Nada, "querida". . . Nada — respondeu, irônica, a jovem  
acusadora.

— Vamos embora, Sandra!! — disse Rosário — este ambiente me  
causa asco!

— Ora, seu malcriado...!!! — explodiu Ronaldo, partindo para  
Rosário que se refugiou entre outros companheiros.

Ronaldo foi contido por um grupo moderador. Estava indignado e fora  
de si.

— Senhores, — retornou Andréia — como eu dizia, compreendo a reação de vocês. . . Mas, agora. . . eu sou paraisana também. . . Moro aqui. . . Em breve, freqüentaremos o mesmo ginásio. . .

— Isso não vem ao caso! — replicou alguém.

— Vem, sim, meu amigo — retrucou a moça. — Não conviverei com vocês somente neste galpão. . . Por longo tempo, talvez para sempre, ficaremos sob o mesmo céu. . . Respiraremos o mesmo ar. . . sentindo problemas idênticos! . . Meu desejo não é incorporação pura e simples ao grupo. . .

— Como assim, "burguesinha"? . . — indagou Sandra com perspicácia.

— Muito simples, minha cara — respondeu-lhe Andréia. — Faz-se necessária minha integração à sociedade dos jovens de Águas do Paraíso. . .

O galpão foi estremecido por significativos aplausos, que tranquilizaram Azeitona e Ronaldo, até então em permanente tensão.

A jovem ricaça continuou:

— Vejo Águas do Paraíso como uma encantadora cidade, cujo futuro depende de nós. — E prosseguiu com determinação: — Depende de nós. Exclusivamente!.. . Minha presença aqui não tem relação com a posição de meu pai.

— Essa é boa! — exclamou Sandra, num gracejo inconveniente.

— Êle tem suas ocupações. . . seus encargos. . . como o pai de qualquer um de vocês. . . — explicou Andréia.

— Seu pai não é operário!! — gritou um anônimo, recalado.

— Mas é "filho de operário", meu caro — replicou a moça, causando impacto na assistência. — Sim, meus amigos. Meu pai é filho de operário. Por isso mesmo compreende os servidores da fábrica e lhes respeita a dignidade.

— Ela está querendo envolver a gente! — protestou Rosário.

— Não, Rosário — disse Andréia, tranqüilamente — também não vim até aqui para defender meu pai. . . Isso êle saberá fazê-lo. . .

com atitudes! Não com palavras. . . O fato. . . o fato é. . . é que eu gostaria realmente de ser uma Tigresa. Tigresa de verdade.

uma vibrante salva de palmas interrompeu as palavras sinceras de Andréia, transformando tudo no mais festivo ambiente.

Entre lágrimas de emoção, Andréia foi abraçada por Azeitona, Ronaldo e dezenas de Tigres e Tigresas, encantados com a nobreza e a humildade da jovenzinha magricela.

Foi uma apoteose digna de nota, que significava, além disso, a fragorosa primeira vitória de Azeitona, no combate quase ideológico contra Sandra e Rosário, dois vencidos, que se retiraram, em meio à confusão, sem serem percebidos, uma vez mais encurralados pelo poder da Verdade e da Desambição.

## Despertando o Paraíso

**D**IAS DEPOIS, em sala para isso preparada. Rios se reuniu **secretamente** com o Padre Januário, o Prefeito Linhares, a Professora Odete, diretora da Escola Primária, e com o Professor Medeiros, êste chegado, na véspera, de São Paulo, onde estivera em missão especial.

Fazia parte da mesa, à cabeceira da qual Rios solenemente se sentava, o vice-diretor Andrade e, com ineditismo na cidade, o líder da juventude paraisana, Azeitona, digníssimo orientador dos Tigres.

Azeitona não cabia em si mesmo de tanto orgulho e entusiasmo. A reverência do industrial em convidá-lo para reunião de tamanha importância, não só reafirmava os propósitos de Rios, como, também, deixava bem claros seus pontos de vista em relação aos jovens da "Cidade-Amor". Por isso, Azeitona, entre feliz e acanhado, vibrava com intensidade infinita, afirmado e realizado, redescoberte em si mesmo.

Acomodados todos, Rios, muito circunspecto, iniciou a reunião, tomando a palavra:

— Quero, em primeiro lugar, externar agradecimentos sinceros, com eles meus entusiasmados aplausos, pela boa vontade e presteza com que os senhores atenderam a esta convocação. Noto, apenas, a ausência do Pastor Inácio, que não se encontra hoje no Paraíso, por motivos de fôrça maior. Uma palavrinha especial para o líder dos Tigres, aqui presente, que, consciente do seu importante papel, da grande responsabilidade perante os jovens desta cidade, atendeu ao nosso chamado, colocando-se prontamente à disposição, para ajudar-nos a debater um projeto do mais alto valor cívico, não só para Águas do Paraíso, porém, também, para o próprio Brasil. Como já sabem, o conclave tem por finalidade coordenar esforços no sentido de pro-

porcionar ao povoado uma nova tonalidade cívica, visto que nos parece, atualmente, que os paraisanos perseguem noções de Civismo bastante arraigadas a um comportamento um tanto estático, necessitadas urgentemente de total revitalização. Somente assim, creio eu, estará Águas do Paraíso perfeitamente apta a enfrentar problemas graves, que modernamente castigam o resto do Mundo e que, desgraçadamente, baterão às nossas portas, porque já ensaiam e não demorarão. Para dar maior autenticidade aos debates, tivemos a preocupação de solicitar o apoio técnico do Professor Medeiros, tendo o mesmo, por isso, viajado, especialmente, para reunir recursos, que nos pudessem esclarecer sobre o assunto.

— Por onde andou, Professor? — indagou Linhares curioso.

— São Paulo e Guanabara — adiantou-se Rios.

— . . . Guanabara não foi possível. . . — replicou o mestre. — O tempo, curto demais, me permitiu, apenas, observar São Paulo. Aliás, bastou. Foi suficiente.

— O Professor Medeiros — prosseguiu Rios — vai, assim, fazer um pequeno relato do que viu e das conclusões a que chegou.

Medeiros acomodou-se melhor, reajustou os óculos de grossas lentes e, depois de breve pigarro, começou:

— Bem, eu notei muitos detalhes interessantes. Em primeiro lugar, choquei-me com o estado de super-excitação da massa estudantil contra o Govêrno e a Sociedade, de modo geral. Espíritos armados, os estudantes me pareceram magnetizados ou maquinados, sei lá, por poderosa fôrça que não se deixa ver claramente em momento algum, sem, contudo, perder, em qualquer oportunidade, um irretorquível poder de persuasão. É evidente que as cenas de verdadeiro vandalismo a que assisti, na realização de uma passeata, está longe de poder ser admitida como de inspiração brasileira. Sem dúvida alguma, o espírito do movimento era importado. . .

— Mas os motivos. . . — replicou Andrade.

— Motivos alguns bastante razoáveis e bem característicos de tôdas as juventudes, em todos os tempos. . . O Govêrno está procurando acertar. . . Não se pode consertar tudo da noite para o dia... Mas, fiquem certos, estudante brasileiro não faz o que eu vi fazerem... Pura violência, trocada, depois, por violência policial que

surgia como reação capaz de refrear os ânimos. No final de tudo, inúmeros feridos, revoltas, mágoas, exacerbação de um descontentamento tão forte que mais parecia uma crise aguda de brutal desesperança.

— Mas que coisa horrível! — exclamou Odete.

— Jovens inocentes e honrados policiais, uns arremessados contra os outros, numa luta encarniçada e injusta! — arrematou Medeiros.

— Terrível! — murmurou Rios, mãos à cabeça.

— Mas eu vi mais! Muito mais! — prosseguiu o professor. — Observei, conversei até com ginasianos completamente pervertidos politicamente, minados de idéias horríveis, extremistas, acentuadamente esquerdistas.

— Oh! — exclamou Januário.

— Soube, ainda, de terrível campanha corruptora de menores, arrasados já pelos tóxicos... uma barbaridade! Um jovem psicólogo me demonstrou que a mesma força invisível deturpa, dia a dia, o sagrado sentido de mulher, na tentativa de diluir a Família, através da mãe, da esposa e da irmã, ameaçadas permanentemente de serem arremessadas à lama. . .

— Trágico! — exclamou Rios. — Pura verdade! Eu já havia observado isso.

— E, como se não bastasse, — acrescentou Medeiros — vê-se, agora, a própria Igreja Católica ultrajada por um grupo de sacerdotes pré-fabricados que tentam, a todo custo, desmoralizar suas tradições de 2000 anos, para mais facilmente arrasá-la e afastá-la do caminho, na trágica trajetória que conduz ao comunismo.

— É espantoso! — exclamou Linhares.

— A resultante disso tudo é apavorante, meus senhores — continuou o Professor. — Em meio a tamanha confusão, a tão violentas contradições, a tão terríveis paradoxos, surge, como seria de esperar, o fantasma desolador de uma ostensiva e total desesperança. Em determinados casos, tive mesmo a impressão de que pairava, por assim dizer, um pesado e intolerável divórcio coletivo, uma geral desconfiança, que arrasta populações inteiras à desarmonia e a conflitos emocionais pavorosos. Em tudo, sempre a sombra ameaçadora de tal

poderosa máquina, a alimentar o nefasto vazio social. Não vi ninguém contente. Senti, permanentes, os mesmos descontentamentos, justos ou não, cabíveis ou descabíveis, maiores ou menores, mas todos igualmente rotulados de uma desastrosa característica ideológica. Soluções para os problemas, ouvi muitas. Mas só palavras. Esparsas palavras. Fulano queixava-se de não ter dinheiro, mas não trabalhava. Beltrano dizia que o Governo não cumpre seu programa de obras, mas Beltrano não deixa de sonegar o imposto de renda. Parece que vivemos o século das lamentações. . . Sem ter o que fazer ou vontade para fazer, vamo-nos queixar de alguma coisa. . . Criticar alguma coisa. . . Apontar defeitos. . . Mas poucos eu vi que quisessem fazer, realmente, alguma coisa.

Rios ouvia, com atenção, as palavras do ilustre professor, cujas feições exteriorizavam preocupação fora do comum.

Por sua vez, o velho Linhares, ávido, procurava absorver os verdadeiros ensinamentos que Medeiros despejava sobre os assistentes, na explanação que fazia:

— Não adianta dizer ao estudante que não parta para a violência. . . ou que feche os ouvidos aos "cantos-de-sereia" que o arrastam ao caos. . . Ele não acreditaria, porque a máquina invisível, que abastece o ódio, parece fazê-lo com genialidade. É um problema difícil! — prosseguiu Medeiros.

— Realmente... — concordou Rios, preocupado.

— como fazer todo esse pessoal acreditar nas estruturas atuais, falhas ou não, se a propaganda contrária é poderosíssima, eficiente e permanente? — perguntou Medeiros em tom dramático.

— Impressionante! — comentou Linhares.

— Em termos de Brasil, pude notar que muitos se referiam à Pátria com interesse. Os grandes problemas nacionais, cansei de vê-los debatidos e equacionados por pessoas até descredenciadas!

— Que maravilha! — exclamou Padre Januário, entusiasmado.

Mas o entusiasmo do sacerdote não foi duradouro:

— ... No entanto, — continuou Medeiros — não vi ninguém fazer nada para resolver aqueles problemas!

— A que atribui essa crise, meu caro Professor? — indagou a diretora Odete.

— Fácil responder, ilustre professora — disse Medeiros. — Primeiro há, como eu disse, poderosa máquina propagandística por detrás disso tudo, a abastecer a confusão geral que desnor-teia o mundo inteiro, provocando essas melancólicas aberrações sociais. Parte dessa máquina parece seguir a orientação preconizada por um "filósofo do caos", tido como "profeta da juventude", que vem pregando a transformação da **sexualidade** em EROS, isto é, a **erotização total do corpo**, enaltecendo tôdas as perversões: homossexualismo, onanismo, etc. Esse filósofo analisa bem os defeitos da nossa civilização, devidos ao materialismo, mas indica, como terapêutica, a imersão no materialismo até as últimas conseqüências. E diz claramente que a luta por EROS é a luta política, isto é, apresenta o desregramento do sexo, como **isca** para a subversão, envolvendo parte da juventude, desprevenida, com idéias maldosas e anticristãs. E, sobretudo, procurando aviltar a mulher. . . Segundo, e aí começa a ter sentido o projeto do Dr. Rios, paira no ar um impertinente sintoma de insensibilidade cívica.

— como assim, professor? — voltou a indagar D.<sup>a</sup> Odete.

Medeiros enxugou o suor do rosto e respondeu em seguida:

— O Brasil, depois de 64, partiu para novos caminhos de de senvolvimento. Adotou linhas de ação plenas de seriedade que fo ram traçadas e são seguidas, mesmo entre percalços e atribulações. A palavra "integração" veio à tona e ocupou o linguajar popular, mas seu grande significado ainda não foi entendido por muitos. As Fôrças Armadas que já, desde muito, cumpriam essa nobre missão de integrar todos os rincões, passaram, a partir da Revolução de março, a atuar ainda com maior intensidade nesse setor. A Amazônia e o Nordeste são dois exemplos que dispensam comentários. Exército, Marinha e Aeronáutica rasgam seus espaços, levando ao brasileiro rnais escondido, rnais desconhecido da civilização, a mão amiga e protetora dos irmãos já integrados. É o progresso que caminha atra vés da abnegação dos homens de farda. Temos aí, agora, a grandio sidade do Projeto Rondon! É qualquer coisa de fabuloso! Mas ainda há muita gente adormecida. Durante anos, o brasileiro se acomodou a situações irreais, sem bases verdadeiras, cujos resultados quase em purraram o país para as profundezas do rnais tenebroso abismo. Acos-

tumou-se o nosso povo às grandes correrias que refletiam egoísmos pessoais sempre condenáveis e que se alargavam, cada vez mais perigosamente. Pouco a pouco, mais debilitado foi-se tornando o conceito popular de Pátria, embora muito se falasse de Pátria.

— Parece um paradoxo! — comentou Rios.

— Exatamente — concordou Medeiros. — Tanto se falava de Pátria, tanto menos se lutava por ela.

— Brilhante a sua exposição, professor! — murmurou o sacerdote.

— Então, — continuou o mestre — antes de 64, já a tal máquina, a que me referi há pouco, se encarregava da desintegração do Brasil. Desintegração de espíritos, principalmente. Era um "salve-se quem puder". De 64 para cá, os Governos têm-se encarregado da reintegração do país. Luta sem tréguas e exaustiva. Mas o Brasil é grande demais. É preciso que essa integração, já novamente ameaçada por ideologias exóticas, materialistas e atéias, seja realizada em cada pedaço do Brasil.

— Não entendo! — replicou Andrade. — Se vamos integrar, por que raciocinarmos com pedaços?

— Muito simples, meu caro Andrade — respondeu Medeiros pacientemente, ajeitando os óculos. — Há necessidade de trabalhar homem por homem, mulher por mulher, criança por criança. Rios integraria seu operariado. Padre Januário faria o mesmo com os fiéis. Eu e Professora Odete integraríamos nossos alunos. O prezado Azeitona integraria seus valerosos Tigres. Todos nós, juntos, integraríamos a cidade, realçando vivamente o seu papel na integração do Estado. O papel do Estado na integração do Brasil.

— Fabuloso! — exclamou o industrial, pleno de entusiasmo.

— Quer dizer que a finalidade do nosso projeto ultrapassa as fronteiras da cidade? — indagou o Padre, muito admirado.

— A idéia é esta, Padre — respondeu Rios. — E Deus há de nos ajudar.

— Eu teria uma pergunta a fazer, se possível, Professor Medeiros — interveio Andrade.

— Pois não, Andrade. Se puder, responderei — disse, sorrindo, o Professor.

— O senhor acha que os movimentos sociais da atualidade, no mundo inteiro, decorrem da ausência de Civismo? — indagou Andrade, com malícia.

— De certa forma, sim, meu caro Andrade — respondeu-lhe o mestre.

Andrade insistiu:

— Nesse caso, a falta de Civismo é geral!

Medeiros percebeu o alcance da pergunta:

— Andrade: Civismo é, por assim dizer, um estado de espírito. Ele, muito mais do que qualquer sentimento, impõe o sentido de comunidade, de renúncia pessoal, em proveito de um grupo de bases sadias.

— Bem, — retrucou o vice — se entendi bem, Civismo exige renúncia de cada um, em proveito de todos.

— Mais ou menos, Andrade, porém, sendo mais precioso, você poderia dizer: renúncia de cada um, em proveito da Pátria — ressaltou Medeiros.

— Mas, nesse caso, — replicou Andrade — ser comunista seria...?

— Oh, claro que não, Andrade! — respondeu Medeiros, sorrindo. — O Civismo é espontâneo. Vibra dentro da gente! Não solapa a liberdade!

— Professor, — interferiu Azeitona, rompendo o prolongado silêncio, para alegria de todos — tenho uma pergunta. Posso fazer?

— Ora, pois não, meu caro! — acedeu o mestre com carinho e satisfação.

— Faça tôdas as perguntas que quiser — estimulou o industrial, num sorriso largo.

Azeitona se acomodou melhor na cadeira e falou:

— O senhor quis dizer que Civismo seria o sentimento natural, espontâneo, de amor à Pátria, de servir a ela com vibração e plena convicção?

— Perfeitamente, meu líder! — concordou o Mestre. — Nos regimes materialistas, a consciência individual não é desenvolvida por

valores espirituais e morais, isto é, não recebe o bálsamo religioso. Não são, pois, formados os freios internos que permitam o bom uso da liberdade; que realizam o justo equilíbrio entre essa última e a autoridade.

— Sim...

— Então, prevalece nas Nações submetidas a essa modalidade de Governo, o regime policial, com o solapamento inapelável da liberdade. . . Sem liberdade, onde vai parar o Civismo desses povos?

— Bem, na França ocupada... — replicou o líder, bastante interessado.

— Oh, sim, sim, meu caro. Há Civismo nos povos escravizados, mas não no mesmo sentido do regime. Nesse caso, o Civismo prevalece para reagir à opressão e devolver a liberdade ao povo. Muito natural, não é mesmo?

— Entendo. . . — murmurou Andrade.

— No entanto, — prosseguiu Medeiros — os comunistas, em suas campanhas para dominar o Mundo, exploram Civismo, como tema de sensibilização das massas. Apenas, distorcem os seus significados. Foi comum, no Brasil, falar-se em "nacionalismo". Mas que pretendiam, afinal, aqueles "nacionalistas"? Bem, antes de tudo, satisfazer a interesses pessoais inconfessáveis. Para isso, torpedear as estruturas brasileiras naquilo que tiverem de mais tradicional e intocável e entregar o Brasil ao domínio de potências do comunismo internacional... Estranho "nacionalismo", sem dúvida!... Difícil de compreender.

— Foi um período terrível para todos nós aquele que precedeu o 31 de março — lembrou Odete, cabisbaixa.

— Nem gosto de pensar, meus filhos... — acrescentou o sacerdote.

— Mas, afinal, — interveio Linhares, animado e curioso — **que** pretendemos fazer? De que trata o projeto, senhores?

— O plano é amplo — disse Rios. — Amplo e complexo. Talvez, difícil de coordenar. Mas bem intencionado e portador de esperança... A idéia mestra é fazer desencadear, nesta cidade, uma monumental campanha cívica.

— ótimo! — exclamou Odetc, não escondendo a euforia.

— Mas como o faremos? — indagou o Padre.

— Bem, tudo girará em torno do aniversário da cidade — explicou o industrial.

— Mas o aniversário é no mês que vem! — advertiu Linhares. — Está muito próximo! Talvez não dê...

— Nada disso, Prefeito — protestou Rios, com polidez. — Temos que ser otimistas. Faremos as coisas com rapidez.

— Está certo. . . — conformou-se.

— De que constará a campanha? — indagou o sacerdote, interessado.

— Bem, — explicou o industrial — ela terá vários aspectos. Atacaremos em todas as direções. . . Cada um no seu setor. . . Procurando sacudir a cidade e despertá-la para a realidade nacional!

— Sim, mas.. . — murmurou Odetc.

— A fábrica, por exemplo, tem algumas realizações em mente. . . — explicou Rios.

— como assim? — perguntou o Padre.

— Pretendemos... Bem, digam, primeiro, o que acham os senhores que podem fazer!. . . — replicou Rios.

— Assim, é um pouco difícil — retrucou Linhares. — Teríamos que pensar. . .

— Talvez eu pudesse. . . — murmurou a professora.

— Diga, Odetc! — estimulou Medeiros.

— Bem, meu raio de ação não é amplo, porém eu teria vontade de concretizar um velho sonho. . . — disse a professora.

— E qual é, professora? — indagou Rios.

— Eu sempre sonhei em organizar as crianças de Águas do Paraíso num grupo. . . assim, semelhante ao dos Tigres.

— Excelente!! — explodiu Rios, movido de intenso entusiasmo. — Pode contar com o nosso apoio.

A idéia fora realmente muito boa. Inteligentemente objetiva. No fundo, o resultado seria orientar as crianças da cidade para um sentido mais concreto de comunidade. Odetc procuraria realçar, em seus pupilos, as noções do viver em comum, na interdependência de todos, e, assim, já exploraria, com grandiosa motivação, os ensinamentos salutares do sentido de Democracia.

Azeitona, visivelmente entusiasmado, se propôs ceder a experiência que tinha para concretizar aquele ideal. Todos sabiam da maravilhosa receptividade que as crianças do Paraíso ofereceriam à idéia feliz e de rara oportunidade.

Daí por diante, a reunião tornou-se mais agitada. Vencida a timidez inicial, graças à iniciativa de Odetc, os participantes não ; fizeram esperar.

Padre Januário, responsável pelo jornal mais simpático do Mundo—**O Embaixador** —, se dispôs a lançar vigorosa campanha de soerguimento moral. Não lhe seria difícil, aliado ao pastor evangélico, desencadear a grande Operação Esperança, revitalizando preceitos religiosos e adoçando corações porventura mais endurecidos ou desanimados.

Ainda através de **O Embaixador**, Januário realçaria aspectos político-econômico-sociais do Brasil, visando a atingir a alma do povoado e excitar-lhe o sentimento autêntico do mais puro brasileiro.

Por sua vez, Medeiros, possuído de incontido entusiasmo, lançaria, entre os ginásianos, espetacular concurso, para edição de um Guia de Civismo, a ser distribuído entre todos os estudantes de Paraíso. Rios não se demorou em colocar à disposição valioso prêmio ao melhor trabalho apresentado, o que provocou, no velho professor, uma expressão de gratidão, quase indescritível.

A fábrica se encarregaria de inúmeras parcelas do projeto. Era desejo do industrial a inauguração, no dia da grande festa, de uma dependência destinada à instrução primária dos operários que disso precisassem. Mas já além: os Tigres não dispunham, ainda, de acomodações apropriadas, para realizar suas reuniões. Pelo plano, Tigres e, agora também, Tigrinhos, seriam contemplados com um prédio bem dotado, inclusive com amplificadores e microfones, para suas sempre bem acolhidas manifestações.

Essa notícia empolgou Azeitona, que não *parava* quieto no lugar, **tal** a emoção que sentia. Já nem podia mais conter a grandiosidade da alegria que lhe invadia a alma, num desencadear de esperança.

Azeitona não falava. Não podia. Falar o quê? Dizer o quê? Azeitona, apenas, jurava. Jurava mentalmente que haveria de retribuir aquela felicidade de que era possuído. Os Tigres saberiam fazê-lo. Sempre souberam. Agora, mais do que nunca, Azeitona confiava. E, se confiou, valeu a pena.

Águas do Paraíso, inocente, mal podia imaginar a maravilhosa surpresa que lhe estava reservada, surpresa cujos ingredientes eram colecionados naquela reunião histórica, muito histórica.

Logo, no dia imediato, **O Embaixador** deu início à missão a que se propôs.

Em primeira página, ostentou a mais linda manchete de todos os tempos, que estremeceu a alma de brasileiro de cada habitante do povoado querido: "PARAÍSO É TAMBÉM BRASIL!"

Foi um dia memorável aquele, para a cidadezinha. Todos queriam ler e reler as belas palavras, carinhosamente esculpidas, para despertar aquela multidão de famílias que compunham o Paraíso.

Dizia **O Embaixador**, em seu editorial:

"Finalmente, chegou decisivo o momento incontestável.

Águas do Paraíso, amornada pela brandura de seu céu, pela calma singular dos campos verdes que se estendem horizonte afora, pelo ar tranqüilo que a refresca em carícia permanente, esta cidade estremece, agora, na alvorada gigante.

Dentro de pouco menos de um mês, teremos o nosso aniversário coletivo. O aniversário de nossa comunidade.

Mas seria triste, se nos limitássemos, apenas, a soprar uma ve-linha a mais, no bôlo enorme que representará a grande comemoração. Não. Não vamos fazer assim. Temos imensos recursos para reformular tudo. Transformar este povoado num respeitável caldeirão cívico, pleno de valor patriótico.

É hora de começar a pensar!

Todos vão pensar.

Todos vão lembrar. Lembrar que Águas do Paraíso é um pedaço generoso do Brasil. Que nos mastros de nossas escolas tremula, majestosamente e bela, a Bandeira do Brasil. Que falamos a língua do Brasil. Que temos no sangue, a correr nas veias, a marca honrada do Brasil.

A festa do Paraíso, em rápida aproximação, tem de ser, tam bém, uma festa do Brasil. com sabor de Brasil!

E, com o Brasil no pensamento e só com êle, vamo-nos preparar para o grande acontecimento, cuja responsabilidade nos caberá a todos: ao Padre que, na capela, exalta a Deus e aponta aos fiéis o caminho verdadeiro do mundo verdadeiro; aos professôres, que conduzem, altivos, seus discípulos e os instruem com altruísmo e dedi cação; aos pais, que educam seus filhos; aos filhos que honram seus pais. Aos operários que, a cada minuto, com trabalho humilde, anônimo e honrado, ajudam a Grande Pátria a crescer. Aos jovens, baluartes dos sagrados direitos, sentinelas atentas e inabaláveis. Às criancinhas. A todos, enfim.

Águas do Paraíso inicia nôvo capítulo de sua história doirada — hoje é o primeiro dia da caminhada cívica.

Você está convidado! Venha conosco! Fazemos questão de sua ajuda! Não falte!"

O projeto Rios, decididamente, alvoroçou a cidade. Eram tantas as novidades, tantas as providências a tomar, que, se não se tivesse cuidado, poderia haver confusão. E quase! . .

Águas do Paraíso mais parecia um foco de sublevação. Correrias pelas ruas, comentários exaltados, surpresas e mais surpresas, intensa motivação, acabaram por abalar o panorama tradicionalmente pacífico do povoado.

Linhares passou a não ter mais sossego.

Políticos de diversas facções apresentaram-se incontinenti, para engrossar fileiras na formidável campanha cívica. Cada um defendia uma idéia, uma sugestão. Já nem se tratava mais da velha política, tão enganadora em certas ocasiões. Havia tremenda sinceridade de propósitos, que se alastrava em cadeia, minuto a minuto.

Padre Januário, ativíssimo, não se continha na sacristia. Sempre às voltas com "Gumercindo", fazia visitas, casa por casa, para levar esclarecimentos melhores.

Em alarido ensurdecedor, descomunal, gigante, as crianças do Primário, convocadas às pressas por Odete, receberam a notícia da criação dos Tigrinhos. Todos falavam ao mesmo tempo, quase enlouquecendo as pobres professoras que não sabiam se choravam ou se riam, tão grande a emoção que lhes já n'alma. Atarantadas, perplexas, as dedicadas mestras quase não acreditavam na sucessão de novidades, desencadeadas num só impacto.

Nunca se falou tanto em "BRASIL". Era o efeito mágico da integração, envolvendo tudo, no excitar delicioso de um Brasileirismo até então sufocado.

Azeitona precisava reunir-se com sua assessoria. Urgia estudar a participação dos Tigres na jornada sublime. Agora, os argumentos que possuía, silenciavam, sem esforço, as intrigas de uma oposição insensata e tirana.

Azeitona tinha que dar uma decisão. Os próprios Tigres o exigiam, em peregrinação maciça à sua residência, durante dias inteiros. Estouravam idéias de todos os cantos. "Fulano declamaria. Beltrano era excelente solista". Campanhas! Festejos! Azeitona quase ficava maluco! Ninguém parecia indiferente. Ninguém, exceto Sandra e Rosário, que emudeceram, como» por encanto.

Perseguido pela euforia dos Tigres, o líder refugiou-se no Morro do Cruzeiro, exatamente neste local. com êle, Andréia, Ronaldo e Bebeto, autênticos amigos e honrados adolescentes:

— Mas, afinal, Azeitona — disse Ronaldo animadíssimo — que é que está acontecendo nesta cidade? Parece que ficou todo mundo doido, rapaz!

— E não é prá ficar? — replicou Bebeto. — Estourou a maior bomba do ano!

— Papai está superanimado, rapazes! — interveio Andréia, sorridente. — Êle não esperava uma reação tão positiva!

— Bem, mas, afinal, que houve? — insistiu Ronaldo, esfregando as mãos, em entusiasmo contagiante.

— Olha, pessoal! Eu estou a par de tudo, porque fiz parte da reunião de cúpula! — explicou Azeitona.

— Reunião de quê? — perguntou Bebeto, franzindo o nariz.

— Reunião de cúpula, rapaz! — explicou o líder.

— Que quer dizer isso? — indagou Bebeto, inocentemente.

— Ora, Bebeto, — disse Andréia — é uma reunião de grandes líderes.

— Ah. . . — murmurou Bebeto, parecendo compreender.

— Entendeu? — perguntou Ronaldo.

— Ainda não! — respondeu Bebeto, o que provocou gostosa gargalhada, no grupo.

Azeitona resolveu prosseguir:

— Reunião positiva, ouviu? Dr. Rios, D.<sup>a</sup> Odete, ... Professor Medeiros, . . . O Padre. . .

— Quem convidou você, Azeitona?... — perguntou Andréia, intrigada.

— Seu pai, ora essa! — respondeu o líder com uma pontinha de orgulho.

— Meu pai?! — exclamou Andréia. — E nem para me dizer. . .!

— Mas continue, Azeitona! — insistiu Ronaldo, impaciente.

— Bem, — disse o líder — o Mundo de hoje. . .

— Nada de conversa mole. Azeitona! — interveio Ronaldo. — Entre direto no assunto!

— Mas. . .

— E, sim, Sr. líder! — disse Andréia. — Conte-nos tudo.

— Uéü Você também não sabe? — espantou-se Azeitona.

— Muito pouco, Azeitona! Papai fêz o maior segredo — respondeu a jovem.

— Bem, então lá vai!

— Fale logo, homem! — insistiu Bebeto, quase comendo as unhas.

— Da reunião, ficou resolvida a execução de um projeto, cuja finalidade é despertar o espírito cívico de Águas do Paraíso.

— Muito justo — comentou Ronaldo, com sobriedade.

— Mas não somente em termos de cidade, entendeu? — explicou Azeitona.

— ... Não...? — replicou Bebeto, demonstrando formidável esforço para compreender.

— Vamos realizar uma festa monumental no dia do aniversário da cidade! — exclamou o líder, no auge do entusiasmo.

— Boal! — gritou Bebeto, quase alucinado de alegria.

— Quando será? — perguntou Andréia, igualmente animada.

Azeitona não demorou em responder:

— Dia quinze de fevereiro! — e arrematou: — Esse aniversário vai ficar na História!

— . . . Mas qual será a nossa participação? — perguntou Andréia tôda animada.

Azeitona se embaraçou:

— Bem... Isso é que precisamos resolver.

— Então, comecemos. . . — retrucou a jovem.

O líder argumentou com seriedade-

— A verdade é que nada poderemos decidir. Isso só será feito em reunião.

— Oh, sim! É claro! — concordou a moça. — Mas que podemos fazer para adiantar?

— Creio que examinar o problema, equacionar linhas de ação, para, depois, em assembléia geral, escolhermos, por votação, a melhor.

— Ótimo, então! — disse Andréia. — Você tem alguma idéia?

— Eu tenho! — interferiu Bebeto. — Vamos fazer um baile de arromba!

— Oh, não é nada disso, Bebeto! — replicou Azeitona decepcionado.

— Não. . .? — insistiu o outro, desconcertado.

— Claro que não! — disse o líder. E explicou-. — É evidente que faremos um baile. Mas fazer baile é rotina. . . Precisamos colaborar com algo que fique para a posteridade. . .

— Tem razão, Azeitona. . . — murmurou Andréia, pensativa.

— Que farão os outros? — perguntou Bebeto.

— Bem, eu... eu estava escondendo um segredo... — disse o líder.

— . . . Segredo que todo mundo já conhece — replicou o amigo, sorrindo maliciosamente.

— Qual? — inquiriu Azeitona, intrigado.

— Ora! Os Tigres já sabem que vão ganhar uma sede!

— Sede? — perguntou Andréia, entre espantada e feliz.

— Bem. . . e eu que pensava que ninguém sabia disso!! . . . — exclamou Azeitona, sorrindo.

— Quem vai dar essa sede? — indagou Andréia.

— Seu pai, ora essa! — respondeu Bebeto. — Quem mais poderia ser?

— Mas isso é maravilhoso! — exclamou a moça, pondo-se de pé e rodopiando de satisfação.

— A fábrica de papel construirá o prédio para os Tigres e uma escola primária para os operários... — explicou Azeitona.

— Que mais?... — insistiu Andréia.

— . . . Depois, eu conto.. . Vamos resolver nosso problema, por causa da hora. Está ficando tarde. . . — disse Azeitona.

Bebeto teve uma idéia:

— uma campanha!! — exclamou, estalando os dedos. — Faremos uma campanha!!

— Perfeito, Bebeto — concordou o líder. — Resta saber de quê.

— Bem, deixe-me ver. . . — murmurou Andréia. — Que é que Águas do Paraíso não tem. . . ? . . .

— Estação de TV! — gracejou Bebeto, pulando em euforia in-contida.

— Fique quieto, Bebeto!! — replicou a ricaça. — O caso é sério...

— Eu sugiro uma campanha para a criação de um Quartel em Águas do Paraíso — disse Azeitona.

Bebeto caiu sentado.

— Quartel?! — exclamou, surpreendido.

— Sim, ora essa! Por que não? — replicou o líder.

— . . . Bem, não vejo. . .

— O papel das Fôrças Armadas é muito importante, Bebeto — disse Andréia, com ar de seriedade.

— Eu sei, mas. . .

— As Fôrças Armadas constituem uma instituição pátria. . . como a Religião, a Família, a Justiça e a Escola — prosseguiu o líder.

— Sim, mas...

— . . . Você pode ver. Quem garante as nossas fronteiras? — perguntou Andréia.

— As Fôrças Armadas. . . — respondeu Bebeto, um tanto desconcertado.

— . . . Isso mesmo, Bebeto! — reforçou o líder. — São também as Fôrças Armadas do Brasil que têm levado o progresso a rincões mais escondidos do nosso mapa. . .

— Só em pensar na Engenharia Militar de Construção, fico estarecida!

— como assim? — indagou Bebeto, já curioso.

— Ora, você nunca ouviu falar nos Batalhões de Engenharia de Construção? — protestou Azeitona.

— . . . Sinceramente, não. . . — disse o outro, com receio.

— "Seu" Bebeto! Admira-me o senhor! — exclamou o líder. — Os Batalhões Rodoviários e Ferroviários que se espalham por todo êste Brasil afora! Abrindo rodovias, ferrovias, açudes...!...

— ... E levando o progresso aos lugares por onde passa! — complementou a jovem.

— . . . Dando empregos e instruindo populações inteiras do interior do país! — reforçou Azeitona, orgulhoso e feliz.

— Mas isso é só o Exército — disse Andréia. — Podemos citar, também, o papel da Fôrça Aérea Brasileira que, com o seu Correio Aéreo Nacional, cruza o nosso mapa iníeirinho, em socorro de populações necessitadas. . .

— Leva igualmente o progresso! — comentou Azeitona.

— ... Leva calor brasileiro para outros brasileiros... — cresceu o próprio Bebeto,

— Exatamente — apoiou Andréia. — Você pensou, também, na Marinha?

— Bem, eu...

— Cortando rios sem fim, em busca de populações quase perdidas na imensidão do Brasil? . . — disse o líder.

— Puxa! Eu acho que vocês têm razão. . . — concordou Bebeto, olhos arregalados.

— Bebeto, — censurou a moça — você nem parece que estuda História do Brasil!

— Ora. . . ora, por quê, Andréia. ..?... — perguntou Bebeto, embaraçado.

— A História está cheia de feitos gloriosos de nossas Fôrças Armadas.

— . . . Sim, eu sei, mas. . .

O debate foi interrompido por Azeitona:

— Hei, pessoal! A hora está passando!. . . Vamos ao nosso problema?

— Oh, sim! Quase já o esquecíamos! — exclamou Andréia.

— Então, uma linha de ação razoável seria uma campanha para instalarmos um Quartel em Águas do Paraíso? — perguntou Azeitona.

— Bem, Azeitona, — retrucou Ronaldo, que se encontrava calado e quieto — eu acho uma boa idéia. Não há dúvida que um Quartel na cidade seria uma grande colaboração na segurança de Águas do Paraíso.

— Sim, Ronaldo, — replicou o líder — mas, antes de tudo, um manancial de civismo também. Você sabe do espírito patriótico do nosso pessoal de farda, não é?

— Claro, Azeitona — concordou Ronaldo — contudo eu acrescento uma idéia.

— Qual? — perguntou Bebeto, fazendo casinhas com a terra do chão.

— Eu acho que a campanha para trazer, para o Paraíso, um Quartel, seria válida, mas não resolve o nosso caso — explicou Ronaldo com segurança.

Andréia não entendeu, e Ronaldo acrescentou:

— Vamos fazer a campanha, sim, é claro! É uma ótima idéia! Mas não seria uma campanha interna, compreende?

— começo a entender — disse o líder. — Você acha que a meta deverá empolgar o povoado, dentro de suas fronteiras... A campanha por um Quartel teria que sair dos limites da cidade. . .

— ... E o resultado talvez demorasse e não chegasse até o dia quinze de fevereiro — concluiu Andréia.

— Sim, porque é um problema complexo, que envolve a Segurança Nacional — acrescentou o líder.

Ronaldo, levantando-se sugeriu:

— Devemos, pois, pensar noutra coisa...

— . . . Mas, e o Quartel? — perguntou Andréia.

— Tentaremos trazê-lo, Andréia... mas sem prejuízo de outra campanha do Projeto Rios.

— Projeto Rios? — indagou a jovem, achando engraçado o nome.

— É como está sendo chamado por todo o povoado. . . — replicou Ronaldo — ... E com razão. . . 1 — arrematou, entre sorrisos.

— . . . Mas, afinal, . . . ea campanha? — interferiu Bebeto com impaciência.

Azeitona, pensativo, não respondeu. Segundos depois, voltou ao assunto:

— E, se fizéssemos uma campanha para a construção de. . . de uma enfermaria?

— De um hospital!! — exclamou Andréia, colocando-se de pé e pulando de euforia, ante o apoio dos demais, igualmente felizes com a promoção.

— Excelente! Excelente! Excelente! — gritaram todos, dançando em cima do morro, na comemoração da idéia.

— Mas e o prazo? — exclamou Bebeto, de repente, cheio de angústia.

A alegria acabou bruscamente.

Todos emudeceram e, cabisbaixos, passeando de um lado para o outro, começaram a pensar:

— É. . . Em um mês, ninguém constrói hospital... — disse Azeitona.

— De jeito nenhum — confirmou Ronaldo, muito amuado.

— Mas temos que tentar! — exclamou Andréia com determinação, surpreendendo os colegas.

— Você está passando bem, Andréia? — perguntou Ronaldo, num gracejo.

— Claro que estou, rapaz! — respondeu a jovem, cheia de entusiasmo.

— Que tem em mente, . . . menina. . . ? — indagou Azeitona, intrigadíssimo!

— Ora, muito fácil!... Construiremos um H-O-S-P-I-T-A-L! — disse a jovem.

— Mas é impossível!! — argumentou Ronaldo.

— Impossível, por quê? — contra-atacou Andréia, impaciente.

— Não temos prazo, Andréia... — lembrou o líder, pacientemente.

— Azeitona, — disse Andréia, com determinação — nada se consegue na vida, sem sacrifício! Teremos que tentar!

— Bem. ..

— Faremos uma campanha! — acrescentou Andréia.

— Eu acho que não vai dar certo. . . — resmungou Bebeto.

— Se partirmos previamente derrotados, é claro que não dará certo! — admoestou a ricaça.

— Mas é arriscado, Andréia !— replicou o líder.

— Azeitona, — conclamou a moça — vale a pena correr o risco. Águas do Paraíso precisa de um hospital!. . Não viu o que aconteceu com o pai de Sandra?

Todos empalideceram, de repente. Ainda não se haviam lembrado da jovem rebelde que, por certo, torpedearia todos os planos.

Andréia insistiu:

— Que houve, pessoal?... Estão pensando em quê?

Azeitona resolveu investir:

— Andréia, — disse — eu acho que vou aceitar a idéia do hospital. ..

Andréia não se conteve- num violento impulso de alegria, avançou para o líder e sapecou-lhe um estalado beijo na bochecha direita, fazendo Azeitona quase perder a fala de tanta emoção!

Próximo, Ronaldo e Bebeto se dobravam de rir, diante da expressão de surpresa do líder, terrivelmente embaraçado, numa situação nunca vivida anteriormente.

Dessa forma, a reunião chegou ao fim, com a promessa de ser debatida em plenário a sugestão de Andréia, pedacinho dinâmico de mulher, verdadeiro anjo que desceu, em boa hora, sôbre a cidadezinha mais bonita da face da terra. O próprio Paraíso.

## Num Paraíso Agitado Q

wABEDORES dos planos de Rios, Sandra e Rosário não hesitaram em se reunir, a fim de decidir, também, qual o comportamento a adotar, diante da nova situação.

Sandra sabia que, logo depois da festa, seriam realizadas as eleições que dariam nova liderança aos famosos Tigres. Isso queria dizer que, se Azeitona fosse bem sucedido em sua participação no Projeto Rios, teria grandes possibilidades de eleger seu candidato, naturalmente Ronaldo ou mesmo a própria Andréia, o que seria muito pior. Quase trágico para ela e Rosário.

Mas Sandra sabia, também, que a população, sensibilizada como estava pelas "idéias da burguesia", não lhe daria ouvidos, numa eventual e provável contra-propaganda.

A essa conclusão chegou, por sua vez, o próprio Príncipe dos Camarões, quando recebeu de Sandra e Rosário as notícias que alvo-roçavam o Paraíso.

— Temes que fazer alguma coisa! — esbravejou Caramujo, en furecido.

— Calma, Caramujo! — censurou o Príncipe. — Não adianta afobar — e, voltando-se para Sandra, perguntou-. — como está o clima em Águas do Paraíso?

— A população está magnetizada pelos planos do "burguês", eu já disse — explicou a jovem. — Acho que qualquer ação tem que ser conduzida com muita cautela.

— Quais são os planos de Azeitona? — perguntou o líder, tranqüilo.

— Ih! — ironizou Sandra. — Quer consertar o Mundo! . .

— Palhaço é o que êle é! — murmurou Rosário.

— Azeitona é inteligente. . . — resmungou o Príncipe.

— . . . Depois que juntou com a magricela, então, está com tôda a corda!! — acreceu Sandra, indignada.

— Andréia é perigosa, Sandra! — advertiu o Príncipe.

— Andréia é uma intrometida, isso sim! — interferiu Rosário.

O Príncipe pensou por alguns minutos, ante os olhares de expectativa do grupo.

Caramujo, como sempre magnetizado pelo líder, não o perdia de vista.

— Que acha que devemos...?... — murmurou Sandra.

— . . . Estou pensando. . . — disse o líder.

— É uma situação difícil... — acrescentou Rosário, só para não ficar calado.

— Espere! — exclamou o Príncipe, num estalar de dedos. — Só há uma solução!

— Qual? — perguntaram em coro dramático.

— Vamo-nos aquietar — disse o líder.

Sandra protestou:

— Aquietar? Você está louco?

— Claro que não, garota! — repeliu o jovem.

— Mas...

— Sandra, diga ao Azeitona que mande um emissário a Baltazar — explicou ao grupo, todo êle estarecido e sem entender. — Quero que os Camarões tomem parte nessa festa!

— Você bebeu, homem? — perguntou, indignada, a jovem rebelde.

— Esta não!! — esbravejou Caramujo, dando violento pontapé numa caixa de papelão.

— Está decidido! — determinou o líder. — Os Camarões pedem uma partida de futebol com os Tigres, no dia da festa.

— Mas eu... eu não entendo!... — exclamou Sandra, angustiada.

— Calma, menina! Eu explico — disse o Príncipe, com um sorriso terrível. — Nós vamos jogar para perder, entende?

— Agora, mesmo, é que não! — respondeu Sandra, atônita com a decisão do líder.

— Perdemos o jogo. Depois acusaremos os Tigres de desonestidade. Isso será o pretexto para acabarmos com a... "festinha", não é, Caramujo?... — ameaçou o Príncipe, com sorriso terrível. E prosseguiu: — Além disso, tenho outro plano na cabeça. . .

— Qual? — indagou Caramujo, superinteressado.

— Sabotaremos a festa. Apenas isso! — disse o líder, friamente.

— Sabotagem? — estarreceu Sandra.

— Sim, minha querida. . . Há muito que nós e os Tigres temos contas a ajustar. . . Agora, a data já está marcada.

— Você é uma inteligência, Príncipe! — exclamou Caramujo, em barata bajulação.

Príncipe continuou:

— Vai ser uma beleza! Parece que estou vendo. . . Primeiro, vai dar tudo errado. . . Depois, nós chegamos. . . Eles não nos esperarão, e, por isso, nossa vantagem será maior. . . Quando acabar a festa, minha cara Sandra, quero ver se Azeitona vai pretender eleger ainda algum candidato! . . — arrematou ameaçador.

— Po. . . pode. . . contar comigo, Príncipe. . . — murmurou Rosário aterrorizado.

— E você presta para alguma coisa, Rosário? — replicou Caramujo, com indignação e menosprezo.

— Cale-se, Caramujo! — interferiu o líder. — Rosário terá grande participação no espetáculo.

— ... Ê. . .? — disse Rosário, engolindo em seco.

- Então!? Você, Rosário, não é o nosso... "agente secreto"?

— insinuou o Príncipe.

— ... Bem, eu...

— Que fará Rosário? — perguntou incisiva, Sandra.

— Rosário. . . Rosário será o sabotador! — concluiu o líder.

— Oh!! — exclamou Rosário, pálido e acovardado, trêmulo e horrorizado.

A missão que lhe fora confiada pelo líder camaroniano era, com efeito, um tanto exageradamente importante para sua capacidade. Rosário sentia isso. Sentia, mas nada podia dizer, porque ninguém tinha coragem de contrariar o Príncipe, senhor absoluto de uma juventude brutalizada e sem direção.

— Deixaremos que os preparativos da festa corram tranqüilamente — continuou o líder. — Nós ajudaremos até. . . Faremos tudo, para estimular os "bobalhões". . .

— E. . . e. . . que tipo. . . de. . . sabotagem eu vou fazer. . . ?  
— indagou Rosário cheio de medo.

— mais tarde, você saberá, meu caro — respondeu-lhe o líder com ar misterioso. — Espere, que, com tempo, ficará informado de tudo o que vai fazer — e, pondo-se de pé, encerrou a reunião, retirando-se muito rápido, sempre acompanhado de Caramujo, seu re-pugnante guarda-costas, assessor fiel em tôdas as horas.

De volta a Águas do Paraíso, Sandra e Rosário souberam da nova reunião dos Tigres, marcada para aquela noite. combinaram ambos adotar um discreto comportamento, de modo a cumprir, rigorosamente, instruções recebidas, em Baltazar, do líder camaroniano.

Precisamente às vinte horas, a reunião teve início, dentro dos mesmos rituais costumeiros.

Logo em seguida, Azeitona, visivelmente motivado, tomou a palavra:

— É com intensa emoção que me dirijo neste momento a vocês... como já devem saber, Águas do Paraíso vive, hoje, profundamente motivada pelo lançamento do Projeto Rios, cuja amplitude ultrapassa qualquer expectativa... pela manhã, tive a alegria de verificar que

um verdadeiro "batalhão" de pedreiros dava início à construção de nossa sede.

— Muito bem!! — gritaram lá de trás. O velho galpão quase não resistiu ao volume de palmas que foram ouvidas. Até Sandra e Rosário, presentes, aplaudiram de pé, intrigando o líder, que não entendeu a mudança de comportamento. Era, realmente, bastante estranho. . .

Azeitona, sempre circunspecto, continuou:

— O projeto Rios fez criar, também, nesta cidade, uma entidade irmã da nossa, constituída de crianças do Curso Primário. . . Essa entidade, batizada com o nome de Tigrinhos, necessita de assessoramento dos Tigres, razão pela qual fica designado o companheiro Olavo, para atender no que fôr necessário.

— Muito bem!! — gritaram novamente, ao que se seguiu nova salva de palmas, caracterizando singular euforia.

Azeitona numa ligeira explicação continuou:

— As lideranças dos Tigrinhos serão escolhidas por votação, como acontece com os Tigres. . . A primeira liderança tomará posse na noite do dia quinze, no nôvo auditório, com a presença dos Tigres. Pelo menos, é o que se pretende.

Novamente, centenas de palmas interromperam a palavra do líder, cuja atenção caía sobre Rosário e Sandra, que aparentaram uma conduta digna de desconfiar.

O jovem prosseguiu:

— A reunião de hoje tem em vista decidir qual será a participação dos Tigres nos festejos do Paraíso.

— O prezado líder tem alguma idéia? — aparteou, com interêsse, o jovem Rosário.

— Sim, meu caro. . . pela manhã haverá missa campal. Depois, não como Tigres, mas como ginásianos, tomaremos parte em solenidade cívica, na pracinha da cidade. . . A Bandeira Nacional será hasteada, e nós cantaremos o Hino Nacional.

— E depois? — insistiu Rosário.

— Depois, haverá um desfile escolar-militar.

— Militar? — perguntou um Tigre da segunda fila.

— Sim. Para a solenidade cívica, contaremos com a participação de tropas federais e estaduais. A banda de música, inclusive, já está garantida.

— Puxa! — exclamou um rmais animado.

— Depois da solenidade haverá, na fábrica de papel, almoço para operários e famílias. Pouco antes, será inaugurada a Escola Primária para adultos.

— Viva o Dr. Rios!! — exclamaram entusiasmados.

— Viva!!! — responderam todos em câoro, inclusive Sandra e Rosário, aumentando as apreensões de Azeitona.

Logo depois, o líder continuou:

— Durante a tarde, não haverá...

— Um momento, meu líder — intercedeu Rosário.

— Pois não — respondeu Azeitona, curioso.

— Sou portador de uma mensagem do líder dos Camarões — disse Rosário.

— Fora!! — gritaram do fundo do galpão.

— Traidor!! — alguém completou.

— Esperem! — solicitou Azeitona. — Vejamos o que diz a mensagem.

Rosário, de onde estava mesmo, falou:

— Os Camarões querem participar da festa.

— Oh!! — exclamou a platéia, surpreendida.

— Eles que venham!! Serão corridos daqui!!! — esbravejou uma Tigresa loira e atrevida.

Azeitona, intrigado, insistiu:

— ... Os .. os Camarões.. . querem vir ao Paraíso?.. .

— Sim, meu líder. . . Hoje estive em Baltazar. . . Assuntos pessoais, entende?... Estive com o Príncipe... Ele propõe um jôgo de futebol. . . Faz questão. . . !

— Negativo! — gritou um Tigre, quase caindo de uma velha escada de madeira.

— Não queremos nada com êles!! — berrou Solange, Tigresa judia, bem decidida.

— Esperem, por favor. . .! — solicitou o líder ainda uma vez. — Não devemos decidir de modo tão radical... Talvez seja essa a grande oportunidade para um acôrdo entre Tigres e Camarões.

— Cuidado, Sr. líder! — gritou Ronaldo, apreensivo.

— O Príncipe pediu que o Sr. líder mandasse um representante parlamentar em Baltazar — explicou Rosário.

— Eu é que não vou!! — esbravejou Bebeto.

— Mandem os Camarões pro inferno!! — exclamou um Tigre da última fileira.

Azeitona sorriu, diante da determinação dos companheiros. Voltou, contudo, a pedir imparcialidade:

— Penso que não temos como negar, meus amigos. . . — disse. — Seria pouco sensato. . ., eu acho. . . Se eles querem paz, façamos a paz. . . Somos todos brasileiros. . . Irmãos, diante de Deus. . .

— Os Camarões são maus! — replicou Bebeto.

— Sim, — disse Azeitona — mas podem estar querendo consertar. . . Vamos dar uma oportunidade. . .

— Não queremos, Sr. líder! — replicou Fortunato, filho do dono da farmácia da cidade.

— E se mandássemos o tal representante?... Êle poderia sondar e. . .

— Ninguém vai, meu líder! — exclamou Tigre Paulo, do primeiro ano ginásial.

— Claro, ora essa! — completou um outro.

— . . . Para, depois, eles prenderem nosso emissário e judiarem dele? . . . Quem é louco? — retrucou Lopes, um "Tigrão" gordo e muito simpático.

— Ninguém se apresenta? — perguntou o líder.

Não houve resposta.

Azeitona insistiu:

— Ninguém se apresenta?

— Eu vou! — exclamou Andréia, dando um passo à frente e surpreendendo a platéia.

— Você? — perguntou Azeitona, espantado.

— Sim, meu caro líder! Que tem isso?

— Ora, eu. . .

— Andréia, você perdeu o juízo? — perguntou Ronaldo, indignado.

— Que é que você acha? — replicou a jovem com um sorriso encantador.

— Ora. . .

— Andréia não pode ir! — protestou Bebeto. — Menina não entende de futebol!

— Mas eu vou apenas sondar, Bebeto! — replicou a ricaça, com ternura.

— Alguém objeta? — indagou o líder à platéia, alargando um sorriso ao verificar que todos objetavam.

— Bem, meu líder — disse a jovem — eu sou uma Tigresa independente. Irei falar com o "tal" Príncipe e assumo a responsabilidade. . . Vamos realizar esse jogo. É uma oportunidade única para unir os dois grupos, . . . as duas juventudes!

— Acho que ela tem razão, pessoal! — disse Olavo, animado, mudando de opinião.

— Eu também! — um outro acabou reforçando.

Aplausos foram ouvidos, em intensidade ainda maior.

Andréia, realizada, sorria de felicidade. Não tinha medo. Falaria com o Príncipe. Nada lhe aconteceria, evidente. Depois, eles mesmos tinham pedido o emissário. Sinal de que desejavam dialogar. Por que não atender? Por que perder uma oportunidade como aquela?

A reunião prosseguiu, ainda sob a palavra do líder:

— À noite, faremos a inauguração da sede de Tigres e Tigri-nhos. Na oportunidade, a liderança das crianças assumirá suas funções. O vencedor do concurso do Guia de Civismo receberá seu prêmio.

— E aí? — perguntou Solange, cheia de curiosidade.

— Serão debatidos os nomes para escolha de um Patrono para Tigres e Tigrinhos.

— como assim? — indagou Rosário.

— Muito simples: necessito de três Tigres. Cada um, através de biografia, vai defender o nome de um candidato a Patrono.

— Tigres e Tigrinhos terão o mesmo Patrono? — indagou Andréia curiosa.

— Não. Claro que não. Mas os nomes serão defendidos por Tigres. Depois, cada grupo decidirá o seu.

— E se houver empate? — insistiu Bebeto. — Um só Patrono para ambos?

— Tanto melhor. . . Todos os Tigres poderão fazer inscrição. Sortearemos três Tigres. O candidato a Patrono é da escolha pessoal do defensor.

— Pode botar meu nome! — disse um rapaz de uma fileira central.

— As inscrições podem ser feitas com a Tigresa Beatriz — arrematou o líder, sorrindo.

— Depois da solenidade, faremos a festa pública na praça — explicou Azeitona.

— como será? — perguntou Mário Jorge, entusiasmado.

— Bem, a Prefeitura mandará armar um tablado, onde os Tigrinhos apresentarão números do nosso folclore.

— Que beleza!! — exclamou Solange.

— Depois deles, — prosseguiu Azeitona — entraremos nós, com um baile bem animado.

— Boa!! — gritaram ,em meio a ruidosas palmas.

A reunião prosseguiu.

Ficou, afinal, decidido desencadear a grande campanha da construção do hospital. Imediatamente, uma comissão de dois Tigres e duas Tigresas, designada na hora, foi encarregada da ligação com o Dr. Carlos e coordenação geral da campanha, sob a chefia de Andréia, idealizadora do projeto e a mais animada.

As adesões populares não tardaram.

Colhida de surpresa, Águas do Paraíso não sabia como apoiar a monumental empreitada sugerida pelo Projeto Rios.

Todos queriam dar um pouco de si. Fosse o que fosse. O importante era participar.

Carlos, logo que tomou conhecimento da campanha de construção do hospital, zarpou para Corações Partidos, onde residia um amigo engenheiro. Por outro lado, voluntários numerosos se apresentaram à comissão Coordenadora, oferecendo seus préstimos. Eram pedreiros, carpinteiros, pintores, serralheiros, etc, em quantidade suficiente quase para erguer uma cidade.

O hospital da cidade seria construído na área onde já existia o Posto Médico. Não teria, como é claro, grandes dimensões. O povoado, pequeno, não exigiria tanto. Apenas um andar bem aparelhado, e estaria resolvido o problema do vilarejo, por muitos e muitos anos. Listas extensas corriam de mão em mão, no levantamento de fundos para a construção. A olaria do "seu" Bernardes ofereceu também tijolos quantos fossem necessários. Duarte, que, tempos passados, tivera sua pequenina loja de armarinho devorada pelo fogo não poderia deixar de participar. Ele devia, àquela massa idealista de jovens, a reconstrução de seu estabelecimento comercial, agora em fase de expansão impressionante. Por isso, o velho negociante exigiu que tôdas as cortinas e toalhas do novo hospital ficassem por sua conta! Verdadeira onda de entusiasmo varria o Paraíso de ponta a ponta. Em todos os cantos e recantos, só se ouvia falar do Projeto Rios. uma telha mesmo que fosse já ajudaria na construção do hospital.

Sabedor da iniciativa dos jovens, Rios se comoveu. Decidido, pretendeu incorporar-se à campanha, pondo à disposição um auxílio

maciço em dinheiro. Os Tigres, porém, não aceitaram. A fábrica de papel já carregava pesadas responsabilidades. Tinha a seu cargo a construção da sede do grupo de jovens e o levantamento de uma escola para os operários. Além disso, arcava com o patrocínio do prêmio referente ao concurso do Guia de Civismo. Por isso, a liderança dos Tigres recusou, embora polidamente, a gentileza do oferecimento de Rios. Isso, contudo, não impediu que quatro pesados caminhões, pertencentes à frota da fábrica, passassem à disposição de Azeitona, para utilização em transporte de materiais de todos os tipos. Essa tarefa vinha sendo parcialmente desincumbida por "Gumercindo", o velho calhambeque de Padre Januário, muito embora o antiquado automóvel já não desse lá muito rendimento. . .

Azeitona, em suas costumeiras meditações, não deixava de lado uma preocupação, cada vez mais acentuada, pelo comportamento de Sandra.

com efeito, não só a jovem, como, também, Rosário, passaram a conduzir-se dentro de um padrão que não refletia, em absoluto, aquêles de dias passados.

O líder, por causa disso, se inquietava. Sem entender o repentino afrouxamento de tensão, Azeitona procurava adivinhar o que de verdadeiro existia naquilo tudo. Seria mesmo capaz de jurar que algo de bastante anormal estaria por estourar no Paraíso, por conta de Sandra e Rosário, agora tão aparentemente aquietados.

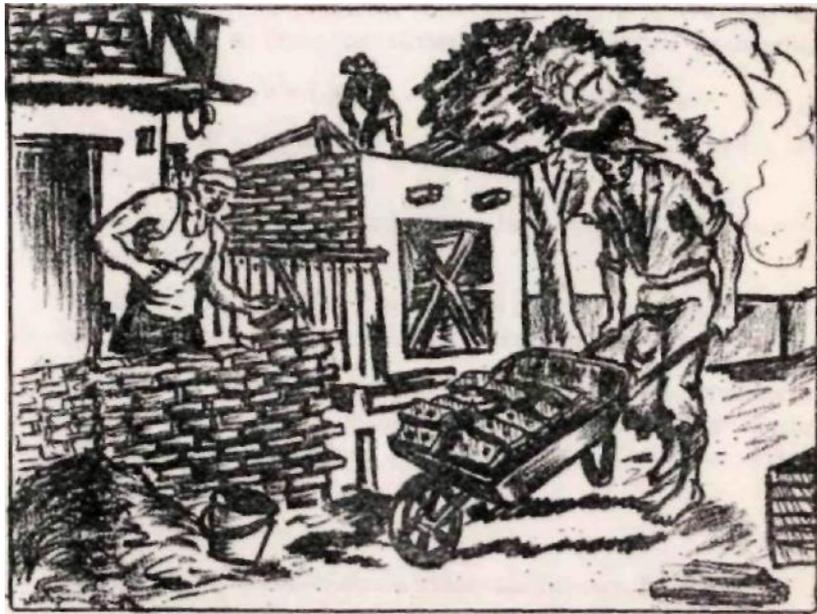
Decidida a estreitar as relações entre Tigres e Camarões, Andréia resolveu procurar o Príncipe, para dialogar. Sempre acompanhada de Benedita, chegou ela a Baltazar às duas horas de uma bela tarde cheia de sol.

O líder camaroniano encontrava-se no bar principal da cidade, quando Caramujo correu ao seu encontro:

— Príncipe! Você precisa comparecer urgente ao palácio!...

O "palácio" nada mais era do que um prédio abandonado, onde se realizavam, à semelhança dos Tigres, as agitadas reuniões da juventude de Baltazar.

— Não me interrompa, Caramujo! — protestou o líder. — Quantas vezes... !



— ... Mas é importante! — assinalou o jovem auxiliar.

Príncipe largou, dramaticamente, o copo de cerveja e murmurou preocupado:

— ... Importante. ...?...

— Sim! Muito importante! . . .

— Então, fale logo!! — exclamou o líder, agarrando, pela gola da jaqueta, o assustado Caramujo, que foi tomado de horror.

— ... uma. . . uma Tigresa quer falar com você. . .

Os olhos do líder faiscaram num brilho esquisito. Malicioso sorriso iluminou-lhe as faces, na sensação de uma vitória pressentida.

— Tigresa?... Você disse... Tigresa, Caramujo?...

— Sim. sim!! — concordou o outro, reforçando a afirmativa com um balançar de cabeça.

— Então, vamos lá!! — exclamou o líder, pondo-se rapidamente de pé. — Agora mesmo!!

Minutos depois, o líder camaroniano chegava ao local, acompanhado de Caramujo, êste, por sinal, visivelmente nervoso.

Ao deparar com Andréia, Príncipe experimentou uma curiosa sensação. O tipo exótico da jovem era, por assim dizer, magnetizante. Sem ser bonita, Andréia não lhe parecia feia. Cautelosamente, o líder se aproximou:

— Boa tarde. . .

— Boa tarde! — respondeu a moça, abrindo um belo sorriso.

— ... Deseja... deseja falar... comigo? — indagou o Príncipe, um pouco embaraçado.

— Sim, isto é, . . . é você o líder dos Camarões? O

Príncipe encheu o peito para responder:

— Sim, menina! Sou eu!... E você? Quem é? Andréia

lhe deu a resposta mais surpreendente:

— Eu sou Andréia, Sr. líder! Andréia Rios!!

O Príncipe estremeceu. A seu lado, Caramujo devorava um res-tinho de unhas de que ainda dispunha, nos dedos magros e amarelados.

Sem perder a pose, o líder não se fêz esperar:

— E o que faz aqui... a ilustre burguesa? — perguntou com ironia.

Andréia não se deixou chocar. Já estava acostumada com o apelido antipático.

— A "ilustre. . . burguesa" está aqui para parlamentar, meu caro. . . "lagosta". . . — disse ela com deboche.

Dita se apavorou com o atrevimento de Andréia.

— "Camarão", senhorita! — retificou o líder, polidamente.

— Oh, desculpe-me. . .!! — tornou a jovem. — cometi um equívoco imperdoável. . .

— Não tem importância — respondeu o líder. — Não quer sentar-se?

Andréia aceitou o convite.

— Obrigada, senhor líder. . . Eu vim aqui. . .

A conversa se prolongou por mais de uma hora. Prevenida por Azeitona, Andréia fazia por descobrir possíveis intenções bem ocultas nas expressões mascaradas do líder adversário. Êste, por sua vez, como acontecera com Ronaldo, não podia deixar de acalentar uma especial simpatia pela moça, cuja personalidade ultrapassava os limites do puramente atraente.

Pasmado, Caramujo observava as manobras de Andréia, que, ao contrário de todos, não hesitava em enfrentar, com valentia, a astúcia e delinqüência do jovem Príncipe. Quadro nôvo em Baltazar, bandeira vermelha no terreno dos Camarões, cuja liderança, passivamente, começava a ser ameaçada pela nobreza da tão "famigerada burguesa".

Terminada a entrevista, Andréia e Benedita regressaram a Aguas do Paraíso. Vinham satisfeitas e realizadas, em face dos animadores resultados alcançados, contrastando berrantemente com a intensa preocupação que precedera o encontro.

No mesmo bar, logo depois Príncipe surpreendeu Caramujo com um emudecimento súbito e sintomático, acrescido de antipática melancolia, digna da mais acentuada preocupação.

O líder não entendera como houvera permitido as investidas petulantes da menina rica, que acabara por dominar o diálogo durante todo o tempo. Não entendera e se odiava ao mesmo tempo. Fora fraco, sem dúvida. Andréia representava a ameaça mais séria à concretização dos planos camaronianos. Isso Príncipe já sabia. Mesmo antes do encontro. Por que, então, fraquejara? Por que se deixara vencer?... E. . . por que mergulhava, agora, em tão grande melancolia?. ..

Caramujo estava mudo. completamente mudo. Já aprendera, a bom preço, que o líder detestava ser incomodado, quando em meditação. Por isso, limitava-se a disfarçar uma apreensão insolente que se chegava de mansinho. Caramujo não era um jovem normal. Não pressentiu a delicadeza e a sutileza da personalidade de Andréia. Para êle, a moça não passava da mesma adversária de sempre. Um perigo a ser considerado. uma força a ser vencida.

No pensamento do líder, permaneceu, graciosa, a imagem esquisita de Andréia Rios. Isso o arrastava a uma espécie de agonia. Exótica. como Andréia, talvez. Mas êle não podia admitir que tivesse ficado no peito um problema de coração. Se já não acreditava em amor, muito menos à primeira vista. Era preciso, pois, reagir. Enfrentar a situação com a firmeza de um Camarão. Coração camaroniano não perdia tempo com esse tipo de amor. Príncipe procurava doutrinar-se, mas, pouco a pouco, foi percebendo estar irremediavelmente perdido.

Medeiros e Odete, encarregados da elaboração das normas que regeriam o concurso de lançamento do Guia de Civismo, não demoraram em partir para a ação. Reunidos, iniciaram os debates para dar cumprimento à tarefa.

— Bem, Medeiros, estou pronta para debater com você as bases do concurso.

— Ótimo, Odete! — disse o professor, ordenando alguns documentos.  
— Ontem, à noite, rascunhei um roteiro para o Guia. . . Gostaria que você o apreciasse. . .

— Então, vamos lá! — acedeu Odete, muito animada.

— Não seria melhor eu ler para você o que escrevi, explicando progressivamente?

— Oh, claro que sim! — disse a moça.

— Bem, então vamos começar — murmurou Medeiros, ajustando os óculos ao nariz. — O Guia de Civismo, no meu entender, deverá orientar-se pelas seguintes idéias básicas: estar de acordo com os princípios filosófico-religiosos da Constituição do Brasil...

— Exato — interveio Odete, acrescentando: — Trouxe para você ver um trecho do preâmbulo da Constituição Política do Império, de 1824. . . Aqui está. . . Ouça: "D. Pedro Primeiro, por graça de Deus e unânime aclamação dos Povos, etc., etc, etc". . . como você vê, já naquele tempo, Deus se fazia presente.

— Muito bem.

— Mas tem mais, Medeiros. . . — disse Odete, remexendo papéis. — Ouça um pedacinho do preâmbulo da Constituição de 1934: "Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, etc, etc, etc".

— Você é formidável, Odete!! — exclamou Medeiros com entusiasmo.

— Ora, apenas coletici dados. Mais nada. . . Aqui está o preâmbulo da Constituição de 1946: "Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus, em Assembléia, etc, etc, etc". . . E para completar, o preâmbulo da Constituição Brasileira de 1967: "O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus, etc, etc, etc". . . Sua primeira idéia básica está aprovada, meu caro. Atingiu em cheio o objetivo.

— Obrigado, Odete. . . Você, como sempre, muito bondosa — replicou o mestre.

— Mas prossiga, por favor.. . — disse Odete, com interesse.

— Bem, eu também sou de opinião que o Guia deve ressaltar os fundamentos democráticos constitucionais, sobretudo os referentes aos seguintes aspectos.

— Prossiga.

— Primeiro, o espírito religioso do brasileiro, tradicional, sustentáculo. .

— Naturalmente, evitando o espírito sectário, é claro. . .

— Sim, sim. Espírito religioso, sem preferências oficiais a qualquer modalidade de crença — acrescentou o professor — liberdade absoluta de culto.

— Ótimo — concluiu Odete.

— Segundo, — continuou Medeiros — a dignidade da criatura humana e amor à liberdade, em tôdas as suas manifestações.

— Que tal, meu caro Medeiros, inserir aí um tópico relativo às ideologias exóticas?

— Bem, esses aspectos se entrelaçam. Mais adiante, eu falo nisso, quando me refiro à convicção de que o Estado existe para o Homem, e, não, o Homem para o Estado. . . Ou, então, quando abordo a noção de democracia representativa. . .

— "Todo poder emana do povo e em seu nome será exercido" — completou Odete, com entusiasmo.

— Justamente!. . . Eu falo, também, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, da ONU, e na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, da OEA. Esta última, elaborada para as Nações americanas cristãs, enaltece o espírito, com muita ênfase — "É dever do homem servir o espírito com tôdas as suas faculdades e todos os seus recursos, porque o espírito é a finalidade suprema da existência humana e a sua máxima categoria".

— Aliás, Medeiros, a própria Constituição do Brasil faz referência aos deveres e direitos fundamentais do Homem.

Medeiros, num sorriso afetuoso, comentou:

— Já vi que a ilustre Professora se especializou em "Constituição do Brasil"!

Odete agradeceu lisonjeada.

— Mas, minha amiga, você falou em ideologias exóticas. . . Eu, também, abordo aqui o realce da livre iniciativa na ordem econômica, apenas subordinada à realização da justiça social para o bem comum.

— Exemplo típico: Alberto Rios! — exclamou Odete, circunspecta.

— É preciso que esse nosso Guia vá atingir, em cheio, a alma dos nossos jovens, para que eles despertem e partam para a grande arrancada cívica! — acrescentou Medeiros.

— Que eles entendam que, realmente, há o Poder Jovem tão ressaltado ultimamente, mas que esse Poder tem uma tarefa gigantesca, a de continuar a edificação da Pátria, dentro, porém, dos padrões de "liberdade com responsabilidade".

— Com respeito, — complementou o professor — com brasileiro-rismo. . Mantendo intocáveis os conceitos de Religião, Família, Justiça, Escola e Forças Armadas.

— Sagrados Conceitos — reforçou Odete.

— A Pátria é indivisível! — exclamou Medeiros, magnetizado de Civismo.

— Ela tôda pertence a nós todos! — acentuou Odete. — A Segurança Nacional é encargo permanente de cada brasileiro. De cada pessoa, natural ou jurídica.

Por alguns minutos, silenciaram os dois. Logo depois, Medeiros recomeçou:

— Nosso Guia será, com a Graça de Deus, o grande impulso. É preciso orientar o brasileiro para pleno exercício da cidadania, dando tudo de si para que, unidos, possamos ultrapassar o estágio de subdesenvolvimento.

— Você abordou o problema Família, Medeiros? — indagou Odete.

— Oh, claro que sim. Sobretudo, o aspecto Mulher.

— Mãe, esposa, irmã! — completou Odete, olhos vivos.

— Molas mestras na formação do caráter e das virtudes cívicas — arrematou Medeiros.

— Falo no Serviço Militar. Precisamos fazer ver a todos as influências salubres dessa responsabilidade dos jovens. O Brasil já participou de guerras. Ninguém esquece 1942.

— Os jovens de hoje ainda não haviam nascido nessa época.

— Sim, mas os livros de História estão aí para serem consultados — resmungou o Professor.

— Há relação berrante entre a 2.<sup>a</sup> Grande Guerra e a chamada Guerra Ideológica no Brasil, Medeiros — disse Odete.

— Oh, sim! Para que morreram nossos pracinhas na Itália? Em troca de quê?

— Em troca da liberdade, evidente! — respondeu o mestre.

— A juventude de nossos dias tem que compreender isso. . . Se renunciarmos à liberdade, maculamos a honra dos nossos soldados que morreram por ela. É outra responsabilidade do Poder Jovem! — acresceu a professora.

— No entanto, Odete, para minha tristeza vejo tantos jovens serem seduzidos por agentes de Estados totalitários. . . Talvez até sem saber, esses jovens entregam nossa liberdade. . . Arriscam-na, clamando por ela, como se ela não existisse.

— A evolução nacional tem de ser fundamentada nas tradições cristãs brasileiras.

— Não compatibilizada com as convicções materialistas.

— compatibilidade impossível! — replicou Medeiros.

— Precisamos autoprestigiar-nos. Amar a nossa língua. Cultivá-la. O brasileiro precisa ser mais vaidoso. Mais brasileiro, não é? — insinuou a mestra.

— Colocar em posição alta, a mais alta, os Símbolos Nacionais.

— Velar com carinho e entusiasmo pelas tradições culturais! — exclamou Odete.

— O folclore, inclusive — disse Medeiros. — A propósito, vamos inserir, nas comemorações de aniversário da cidade, um espetáculo folclórico?

— Bumba-meu-boi, por exemplo! — sugeriu, animadíssima. — Os Tigrinhos poderiam fazer isso!! — Seria um sucesso!!

— Por falar nisso, Odete, você sabe quais são as características básicas que podem identificar um fato como folclórico? — perguntou

Medeiros, querendo testar, em tom de gracejo, os conhecimentos da colega.

— . . . Bem, penso que sim. . . Deixe-me ver. . . Ah, já sei!! — exclamou, feliz por ter-se lembrado.

— Então, diga! Vamos! — estimulou o mestre.

— Primeira condição: anonimato!

— Certo! — disse Medeiros, adorando o jeitinho animado da professora.

— Segunda,. . . espere. . . Segunda: aceitação coletiva, isto é, o fato deve ser conhecido por uma coletividade, mesmo em regiões limitadas.

— Muito bem! — disse o professor, entusiasmado.

— Transmissão oral! — exclamou Odete, olhos arregalados.

— Exato. O fato deve ser transmitido de geração em geração, sem que haja qualquer base impressa.

— Quarta condição: tradicionalismo, isto é, a força que age no sentido de garantir a permanência dos valores de uma cultura.

Medeiros estava maravilhado com Odete:

— Você é impressionante, Odete! Impressionante!!

— Ainda falta uma condição.

— Esta eu digo! — replicou o mestre.

— Então, com a palavra! — disse Odete, graciosamente.

— Funcionalidade — arrematou Medeiros, com segurança.

— Isso mesmo! — confirmou Odete. — Tudo quanto o povo faz, diz e canta tem uma razão de ser, uma função. . .

— . . . Mesmo que suas origens se tenham perdido no tempo — arrematou Medeiros.

— uma ressalva, porém! — disse Odete.

— Qual?. . . — perguntou Medeiros, intrigado.

— E claro que nem tudo que é folclórico tem tôdas essas características — explicou Odete.

— Mas várias delas — replicou Medeiros.

— Sem dúvida alguma! — arrematou a moça.

— Quer dizer que os Tigrinhos vão ficar com a parte da festa referente a folclore?

— Não é uma boa idéia? — indagou Odete.

— Excelente idéia! — respondeu o professor.

— Mas continuemos a examinar as bases de lançamento do concurso — disse a mestra, voltando ao assunto da reunião.

— Eu fiz uma referência, também, ao equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade, como aspecto característico da democracia brasileira.

— O direito de um termina quando começa o direito do outro — murmurou Odete.

O diálogo entre Medeiros e a animadíssima Professora Odete prolongou-se por horas e horas, em amistosos debates, cujos objetivos inexoravelmente incidiam em Civismo e indiscutível amor ao Brasil.

Águas do Paraíso, com o passar dos dias, não sabia mais a quem atender.

Ora, eram os Tigres na campanha gigantesca para a construção do hospital. Ora, a fábrica, na edificação de uma sede para os adolescentes se reunirem e uma escola para os operários. Linhares, mandando aparar os arvoredos da cidade, recuperando as ruelas rmais bucólicas, etc.

Na cidade, só se falava nesse assunto.

Padre Januário, dinâmico, como sempre, ativava os fiéis com sermões bem conduzidos e plenos de brasileirismo.

Por sua vez, o Pastor Inácio, irmanado na mesma idéia, não deixava por menos sua importante missão.

Através de assessoria bem orientada, a Prefeitura se ligou aos quartéis e escolas das cidades vizinhas, convidando-os para o desfile do Dia do Paraíso. Adesão completa. Ninguém queria deixar de participar.

Rios não descansava um só minuto. Pessoalmente, administrava o Projeto, estimulando os encarregados dos diferentes setores e oferecendo-lhes todo o apoio possível. No fundo, sem o saber, o povo do lugarejo readquiriria muitas das convicções cívicas já perdidas. Falar em termos de Brasil se tornara rotina. Padre Januário, por certo, era um dos maiores responsáveis por isso. Seu jornal, lançado em sucessivas edições, era verdadeira fonte de brasileirismo. "O Brasil tem vinte e dois Estados, quatro Territórios e um Distrito Federal" — dizia em editorial. — "É grande e bonito, mas só será assim continuado, se prosseguir unido de Norte a Sul, de Leste a Oeste, por um só pensamento e de um só povo, o seu".

**O Embaixador** era um matutino de imensa penetração. Ninguém deixava de lê-lo, porque sempre pautava suas atividades pelo espírito da verdade, fosse ela qual fosse. Agora, o jornal dava vigoroso passo à frente. Fazia citações de Geografia, Política ou História, como que lembrando a cada paraisano a grande responsabilidade que tinha.

"Não foi em vão, sem rnaís nem menos, que Caminha afirmou que na nossa terra basta plantar" — comentou numa das edições. — "Temos uma agricultura farta. É o café, o cacau, o milho, o arroz, o feijão. A mandioca e a batata. A cana. Um punhado sem fim dos rnaís variados tipos de frutas. Temos a lavoura do trigo, em desenvolvimento acalentador. com ela, a da aveia, do centeio, da cevada, do inhame, do chá. O Brasil é rico! Muito rico! Pleno, também, de recursos minerais. O ferro, o carvão, o petróleo, o manganês, o ouro e a bauxita. Mas tem rnaís — o diamante, as areias monazíticas, o cristal de rocha e o sal".

Padre Januário era um homem formidável! Brasileiro com tôdas as letras e entusiasmado até quando o bom senso o permitisse. Por isso, sua campanha jornalística alcançou tão completo sucesso. Em poucos dias, tôda a cidade sabia que o Brasil ocupava invejável posição, no seio mundial, no que diz respeito à criação de gado caprino, asinino, muar, bovino, eqüino e suíno. Que, também, não estávamos mal no que concernia ao ovino. Qualquer paraisano passou a ficar em condições de discutir, com facilidade, problemas referentes à indústria brasileira de couros, peles e laticínios. De falar na produção de lã e da seda. De comentar a pesca. Perfeita atualização, desenvolvida em horas, pelo sacerdote rnaís "verde-amarelo" desta colossal terra "verde-amarela".



O Embaixador não descansava. Na explicação da coexistência dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, tomou de assalto o interesse dos Tigres. Motivados, os jovens queriam detalhes, para tentarem uma organização que mais se acondicionasse na sua estrutura.

E o jornal foi mais longe — abordou o aspecto da formação étnica de nosso povo. Falou no branco, desbravador, do negro, cujos sacrifícios ainda marcam a nossa História, livrada a tempo do hediondo sistema da escravidão. Falou do índio, audacioso e desconfiado, o mais brasileiro, primeiro dono desta propriedade imensa que hoje nos pertence a todos.

Ah, o Brasil! Que estranha e complexa estrutura! Maravilha, em forma de mapa, posta na terra por Deus, esparramada na América ainda virgem e cheia de bucolismo!

O sacerdote sabia dizer as coisas. Tinha o poder quase divino de endereçar palavras certas ao coração de cada um.

Nos momentos derradeiros da campanha, verdadeira enciclopédia sintética fora publicada na coletânea de jomais distribuídos no Paraíso. Nada faltou. O espaço brasileiro (seu relevo, seu litoral, os climas, a hidrografia e a vegetação) foi abordado com mestria. Nomes ilustres surgiram lembrados no estudo da População Brasileira e da Organização Político-Administrativa do Brasil. Os Transportes, as comunicações, a Produção Agrícola, a Mineral e a Animal, a Indústria e o comércio! Tudo foi citado e comentado. Mas comentado honestamente. De brasileiro para brasileiros. Sem interesses inconfessáveis. Sem demagogia ou perfídia.

Pouco a pouco, esgotavam-se os dias.

Reabastecidos em suas convicções, os paraisanos antegozavam o epílogo, a grande festa. Epílogo que não era epílogo. Porque tudo começava, apenas. Águas do Paraíso reerguia-se no mapa, para integrar-se ao Brasil e conclamar a todos que lhe seguissem o exemplo patriótico. Antes, era, apenas, uma cidadezinha, agora um autêntico pedaço do Pátrio Solo, Solo Sagrado, sementeira do sangue nobre de tantos heróis que por êle morreram, em sua defesa, por seu povo.

Águas do Paraíso, de repente, transformou-se em Civismo dinâmico. A festa, o grande pretexto, aos poucos se aproximava, mas ninguém sabia das surpresas que ela reservava a cada coração parafano.

## Festa no Paraíso

EM MEIO a grande expectativa, chegou, afinal, o Quinze de Fevereiro.

Dia lindo, deliciosamente ameigado pela Natureza caprichosa e mimada por Deus, Nosso Senhor.

Ainda me lembro. . .

Bem cedinho, sol ausente, eu caminhei pelas ruas limpinhas e ajardinadas da minha cidadezinha.

Vi alguém varrendo, uma vez mais, sua calçada, no derradeiro ímpeto de uma colaboração mais do que espontânea.

A noite mal se retirara. Esquecera conosco — avoada incorrigível — a brisa refrescante com que se banhara horas inteiras, ante o pasmo de um luar apaixonado e desesperançoso do grande amor impossível.

Eu caminhava.

Ao longe, ecoavam os ruídos dos meus passos, lentos, bem lentos.. .

intimamente, eu me sentia no próprio Paraíso de Deus.

Parei à margem do rio. Contemplei aquelas águas azuis que, aos poucos, entre reflexos insolentes, me denunciavam a chegada alegre do sol. com êle, novamente os passarinhos felizes do povoado inocente cantavam. Voavam em direções tantas, que meu olhar se perdia, para retornar ao rio de correnteza mansa.

Águas do Paraíso despertava pouco a pouco. Preguiçosa donzela, manhosa e plena de ternura.

Em breve, debaixo de céu azul maravilhoso, colocava-se de pé, todinha, reavivada, ativa e quase soberda.

Na pracinha dos namorados, majestoso altar lembrava a Presença de Deus.

Não demorou, e uma pequena multidão se colocou nas redondezas, roupinhas novas, engomadinhas, para assistir à Santa Missa, rezada, logo depois, por Padre Januário, emocionado até a alma.

Rios estava presente. E não só ele — Helena, Andréia e Dita, devotas de Nossa Senhora. Até Leandro compareceu.

— Há quanto tempo não sei o que é uma missa!! — disse êle a seus botões.

A presença dos Tigres foi acentuada. Só não estavam, mesmo, aqueles que, naquele momento, se reuniam com Pastor Inácio, no Templo Batista.

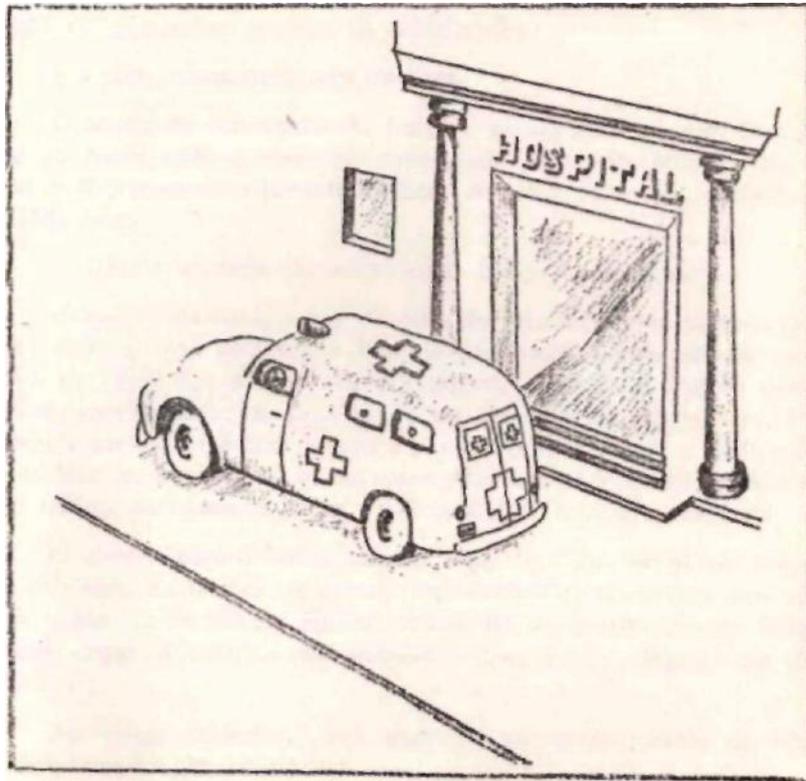
Azeitona, alinhadíssimo num terninho branco, sentia-se mais do que realizado. Rezava contrito e emocionado. Pedia a Deus, principalmente, pela alma de Sebastião. Rogava proteção para Rios, para seus pais e toda a cidade. Reclamava uma brandura, por menor que fosse, para Sandra, tão revoltada e plena de martírio.

Por sua vez, Andréia, toda vestida de rosa, orava aquietada, junto a Ronaldo, que a amava em surdina. O jovem acalentava um sentimento forte, mas bem sabia da necessidade de amordaçá-lo. Andréia era menina, menina demais, talvez, para compreender o seu amor. Por isso, preferia silenciar. E como lhe custava caro esse silêncio!

Durante a missa, um fabuloso sermão.

— Meus irmãos, — começou Padre Januário, muito comovido. — Estamos, neste momento sagrado, dando início a uma etapa nova da História desta cidade... Amanhecemos, hoje, como nunca o fizemos. Despertamos possuídos de um sentimento estranho, jamais experimentado, tenho certeza. . . Vida nova em Águas do Paraíso. . . Deixamos, no "ontem", as desavenças, os protestos, as rugas... os dissabores, as futilidades, os egoísmos, os privilégios e as ambições... Não trouxemos, para o nosso "hoje", a fraqueza ante a corrupção, nem a condição de "acomodados", ante a subversão...

Queiramos ou não, temos, pela frente, uma sucessão infinita de missões a cumprir. . . uma delas é perpetuar êste sagrado momento. . . Fazer com que sempre possamos decidir com liberdade, sem pressões e maldades. . . Vejo, com alegria imensurável, o apuro com que procuraram vestir-se para esta solenidade religiosa. Isso se chama "motivação". Ideal, meus irmãos. Interêsse! Entusiasmo. . . Mas, caríssimos fiéis, eu conheço, e vocês também, áreas inteiras dêste Globo conturbado, em que nada disso é possível ou tolerado. . . Chamo a atenção para o avanço ousado, insolente, da onda materialista, implantada em ideologias estranhas que abominam Deus e tentam corromper seus fiéis. . . Eu me refiro ao comunismo. . . comunismo é a antítese da Liberdade. Liberdade é o ideal de vida do ser humano... Para defendê-la, muitos e muitos tombaram na Itália. Muitos e muitos já tombaram aqui mesmo no Brasil... Ninguém se esquece da Intentona comunista de 1935. Quantos foram assassinados covardemente. . . . Atendem, principalmente essa massa jovem que me escuta, dona do futuro do Brasil. Não se deixem enganar pelas maquinações coloridas dos mais inconfessáveis propósitos. . . ou despropósitos, se preferirem... Olhem para o resto do Mundo e vejam o sacrifício de quantos! Todos igualmente seduzidos pela doutrinação atéia dos inimigos de Deus, do Homem, da Família. . . Águas do Paraíso abre, hoje, um nôvo capítulo. Não se esquecerá jamais, a partir de agora, do seu papel patriótico, nas conjunturas nacionais. Não guardará, nunca mais, em gavetas fechadas, as letras doiradas que compõem a palavra "BRASIL". . . Prego, neste momento, a violência, meus fiéis. Prego, sim, uma fé violenta em DEUS. Um amor violento à FAMÍLIA. Um respeito violento à ESCOLA. uma admiração violenta às FÔRÇAS ARMADAS. uma veneração violenta à DECÊNCIA. Ao respeito à MULHER. Essa Mulher que um bando de desatinados tenta afundar na lama, na mais torpe tentativa de desagregação de costumes. . . É neceséria a violência, meus fiéis. Não essa violência maquiavélica daqueles que, em livros plenos de pornografias, peças teatrais hediondas, cânticos de desesperança, pretendem deteriorar as estruturas cristãs do nosso povo, para arrasá-lo, violentá-lo e aviltá-lo, na triste trajetória que conduz ao caos, à queda inexorável do amor e da bondade, da moral, para metamorfosear êste Brasil e escravizá-lo para sempre, indefinidamente. . . Dentro de meia hora, militares e estudantes desfilarão pela cidade. . . Ouçam bem — militares e estudantes, puxados pelo mesmo dobrado, executado pela mesma banda. É a garantia de hoje, desfilarão ao lado do Brasil de



amanhã. . . Batam palmas, quando eles passarem. Aplaudam. . . Cada aplauso será um golpe ferino e mortal contra o comunismo invasor que nos espreita a todos.

O desfile escolar-militar foi maravilhoso. Exceção de Baltazar, várias cidades próximas enviaram comitivas colegiais de representação, abrilhantando de modo invulgar os festejos.

A cada passagem da Bandeira Nacional, Águas do Paraíso se incendiava tôda de emoção e patriotismo. Parecia o Brasil concentrado na pequenina avenida da cidadezinha.

E a festa prosseguia sem deslizes.

O sonho de construção do hospital estava concretizado. Dotado de um andar apenas, mas com capacidade para cinco leitos, o nosocomio engrandeceu a juventude local. Andréia, incontida, gracejava, a tôda hora:

— Dá até vontade de estreá-lo! O hospital está lindo!

Hospital Ana Neri, a grande obra de liderança ativa de uma garota exótica, mas decidida e bem intencionada. Carlos não se cansava de falar! Seu entusiasmo era gigante. Parecia o próprio dono do Universo, diante da casa de saúde inaugurada. Agora, sim, êle poderia ser mais médico! Jurava a si mesmo aplicar tôda a dedicação e esforço na profissão que abraçara. Mas isso já não era novidade. Ao tempo do modesto posto médico, Carlos fora irrepreensível. . .

O almoço para o operariado foi algo de monumental. No imenso refeitório da fábrica de papel, mesas reunidas formavam uma só, em forma de ferradura. Flores, muitas flores, ornamentavam tudo, dando especial colorido ao ambiente, tomado de alegria fora do comum.

Ao longe, melodia suave abastecia permanentemente os ares congestionados de entusiasmo.

Exatamente às treze horas, reunidos operários e famílias, Rios sentou-se ao centro da mesa colossal. Acompanhavam-no Helena e Andréia, além das autoridades mais representativas do povoado.

Rios teve, porém, o cuidado de deixar vago o lugar à sua direita. Houve comentários, e Rios explicou, entre sorrisos-

— Meus amigos, um momento, por favor. . .

Um pesado silêncio se abateu sobre o refeitório. Sob olhares mais expressivos de curiosidade, o industrial prosseguiu:

— Bem compreendo a curiosidade de todos. . . Esta cadeira vaga, ao meu lado, faz imediatamente supor que nesta reunião informal, tão amigável, esteja faltando. . . alguém.

Um murmúrio geral, impetuoso, invadiu o recinto. Como sempre, as mulheres tomaram a dianteira, partindo para desusado falatório, estridente e confuso, na tentativa de adivinhar a identidade do misterioso personagem.

De repente, em meio à algazarra festiva, Rios se colocou de pé, seguido por Maria Helena, Andréia e demais autoridades.

Um "oh" de espanto eclodiu no salão, logo abafado por delirantes aplausos, quase frenéticos, ensurdecedores aplausos.

AU, diante de todos, pleno de felicidade, exteriorizando emoção incontrolável, acabava de aparecer a figura simpática, amigável e querida de Mário Cotrim.

— Aqui está o convidado especial de Águas do Paraíso!! — exclamou o industrial para a platéia de pé, empolgada até as lágrimas.

Foi indescritível a recepção calorosa do operariado.

Em prantos, Cotrim não sabia como expressar-se. Ao seu lado, sua esposa encharcava o lenço de seda, comovida e pasmada.

Estava iniciado o banquete, na mais bonita confraternização, de todas as vistas nesta cidade.

Pouco mais tarde, ali mesmo, a platéia, ainda mal refeita da surpresa bem forjada de Rios, aplaudia o jovem vencedor do Concurso do Guia de Civismo, primeiro lugar entre quarenta e dois candidatos.

Rosário, afinal, acabou não cumprindo a missão.

Sensibilizado pelas palavras do Sacerdote, recuou em suas intenções, decidindo, definitivamente, esquecer Baltazar, para dedicar-se exclusivamente a Águas do Paraíso. Convenceu-se, e em boa hora, de que caminhava por atalhos errados, pleno de iras e recalques.

Sim. Rosário mudou. Mudou, de repente. Por que não ser um autêntico Tigre? Por que não aderir à filosofia construtiva dos lide-

rados de Azeitona? Para que viver odiando sempre? Para que destruir? Ninguém corrigirá as falhas do Mundo usando o processo da violência. Somente os fracos de espírito encontrariam nisso uma afirmação.

Rosário acreditava em Deus. . . Ou será que não?! . . Claro que acreditava! Mas acreditava no Brasil, também! Vibrou à hora do desfile. Sentiu arrepios. **Teve** vontade de sair marchando! De cantar aquele dobrado... Mas não podia... Estava escravizado a um tenebroso drama de consciência. Sua boca não lhe parecia suficientemente limpa para abrigar a letra daquela canção. . . Agora, não. Decidira mudar de vida! Ser bom e honrado! Aderiria às belas ações. Já poderia cantarolar o dobrado!! Que alívio sentia! Que bálsamo!! Que orgulho de si mesmo!!

Rosário estava salvo, finalmente. Graças a Deus!

A partida de futebol transcorreu muito bem, perdendo os Camarões por 5x0, não porque quisessem, mas, exclusivamente, graças à perícia dos Tigres, bem treinados e orientados por Padre Januário.

De qualquer modo, cumpriu-se o plano camaroniano: após o jogo, os Camarões, em número, de propósito, reduzidíssimo, protestaram contra o resultado, prometendo, em ameaças, tomar a cobro o que chamavam de "desonestidade paraisana".

Conhecedor dos Camarões, Azeitona não deu maior importância ao acontecimento, preferindo interpretá-lo como rotina camaroniana, especialistas que eram os jovens de Baltazar em arruaças, já bastante tradicionais.

A sede da entidade "Os Tigres" ficou realmente espetacular. Rios, animado com a campanha do hospital, desencadeada pelos jovens, não hesitou em gastar fortuna para lhes dar acomodações dignas de seu valor. Era um auditório enorme, com quinhentas cadeiras, e um palco amplo e funcional. O sistema de som, todo em alta fidelidade, não desmerecia o acabamento da construção.

Azeitona, muito emocionado, reuniu Tigres e Tigrinhos, no salão gigante, para dar início à solenidade da noite, finda a qual seria realizado o baile público, na pracinha fronteira.

Auditório repleto, inclusive com algumas famílias, o líder, sentado ao centro de comprida mesa colocada no palco e forrada por

toalha ricamente ornamentada, confabulou com sua assessoria, acomodada ao seu lado, e deu início aos trabalhos.

Novamente o ritual, dessa vez vibrante, não só pelos efeitos dos acontecimentos do dia, como, também e principalmente, pela presença da garotada do Primário, cujo líder, menino Paulo Roberto, à direita de Azeitona, não podia conter a alegria, residual de momentos antes, quando tomara posse.

Logo, em seguida, Azeitona falou:

— Não sei, meus amigos, como iniciar estas palavras. . . É provável que, nunca mais, o Paraíso possa viver momento de tanto significado.

Aplausos efusivos cortaram a palavra do líder, que, ainda apreensivo, procurava avistar Sandra na platéia, sem consegui-lo. Na verdade, a jovem ali não se encontrava.

— Em primeiro lugar, — prosseguiu — quero agradecer, de público e em nome de toda a juventude desta cidade, a obra que a família Rios acaba de realizar. Todo este entusiasmo, toda esta alegria, toda esta imensa felicidade, devemos, com exclusividade, ao Projeto Rios!!

Novos aplausos, dessa vez mais fortes.

Azeitona suave. Reluzia. A voz, embargada, quase não lhe saía.

— Em nome dos Tigres, tenho a honra de cumprimentar os queridos Tigrinhos na pessoa de seu líder, o menino Paulo Roberto!

Os aplausos, de tantos e sucessivos, se emendavam, fazendo Azeitona concluir que, em boa hora, os Tigres usufruíam de microfones e amplificadores.

O líder continuou:

— Nossa primeira tarefa é escolher os Patronos dos Tigres e Tigrinhos. . . Foram sorteados, entre as dezenas de Tigres inscritos, os jovens Pedro Paulo, Maria da Penha e Armando Luis, que defenderão, cada um, o nome de. . . — o líder não pôde continuar.

Novamente, palmas, muitas palmas, estouraram na salão repleto.

Azeitona voltou a falar:

— Antes, porém, de convocar os contemplados, a comparecer ao palco, eu gostaria de fazer uma referência à Ilustre Patrona do nosso hospital: Ana Néri. . . Tenho, em minhas mãos, a biografia sintética desse exemplo maravilhoso de mulher, que enobrece a História Brasileira.

O auditório, em silêncio absoluto, ouvia, com profundo respeito, a palavra do líder.

— Ana Néri é chamada "Mãe dos Brasileiros". Título justo, farto de justiça. . . Ana Néri nasceu na Vila Cachoeira do Paraguaçu, Província da Bahia, a 13 de dezembro de 1814. Bem jovem, casou-se com um Capitão de Fragata, morto em 1844. Viúva, cristã por vocação, a nobre mulher passou, então, a dedicar-se exclusivamente à educação de seus filhos. . . Eclodindo a Guerra do Paraguai, a moçada brasileira foi convocada para a luta. Os filhos de Ana Néri e os seus irmãos alistaram-se no Batalhão dos Voluntários da Pátria. Não procuraram conhecer os motivos da guerra. . . Mas sentiam que a honra da Pátria estava em jogo e que dependia de seus soldados. Foram exemplos de patriotismo. . . Brilhavam no campo de batalha. Mas Ana Néri ficara sozinha. Eles representavam o pouco que sozinha de uma alegria distante. Ela não tinha mais do que aqueles entes queridos, como diz Américo Palha, em seu livro "Soldados e Marinheiros do Brasil", neles se resumia sua vida e a felicidade. Eram toda a consolação de sua viuvez e o conforto à sua saudade. Inconformada com a separação que redundava de um dever que ela reconhecia, Ana Néri não encontrou outro caminho. . . Endereçou às autoridades competentes um ofício cujo teor tenho aqui anotado: "Ilmo. Exmo. Sr. Tendo já marchado para o Exército dois de meus filhos, além de um irmão e outros parentes, e havendo-se oferecido o que me restava nesta cidade, aluno do 6.º ano de medicina, para também seguir a sorte de seus irmãos e parentes, na defesa do país, oferecendo seus serviços médicos — como brasileira, não podendo ser indiferente aos sofrimentos dos meus compatriotas e, como mãe, não podendo resistir à separação dos objetos que me são caros, e por longa distância, desejava acompanhá-los por toda parte, mesmo no teatro da guerra, se isso me fosse permitido; mas, opondo-se a este meu desejo a minha posição e o meu sexo, não impedem, todavia, estes dois motivos, que eu ofereça os meus serviços em qualquer dos hospitais do Rio Grande do Sul, onde se façam precisos, com o que satisfarei ao mesmo tempo os impulsos de mãe e os de-

veres de humanidade para com aquêles que ora sacrificam as suas vidas pela honra e brios nacionais e integridade do Império. Digne-se V. Exa. de acolher benigno êste meu espontâneo oferecimento, ditado tão somente pela voz do coração". — Ana Néri foi atendida. Em breve, "a voluntária da caridade", exposta a todos os perigos da campanha, percorria acampamentos militares, construía e dirigia hospitais de sangue, confortando feridos, oferecendo-lhes a grande ternura que se pede nos momentos de dor. . . Em cada soldado, ela via um próprio filho. Destemida, sem receios, não se abateu jamais diante dos quadros pavorosos que viu. . . Foi irrepreensível. De fibra e coragem. Nem quando deparou com o cadáver desfigurado de um de seus filhos!. . . Heroína nacional, sem dúvida. Para encerrar, leio, diante desta platéia, o juramento da enfermeira, um hino verdadeiro à memória de Ana Néri, agora, também, patrona do nosso hospital: "Em face de Deus e perante esta Assembléia, sôbre os símbolos da Fé e da Pátria, ao ingressar no corpo de alunas desta escola, prometo: compreender, respeitar e honrar a bela e grande missão da enfermeira, dedicar-me com todo amor e todo zêlo à minha formação profissional, que fará de mim verdadeira enfermeira, servidora da humanidade ao serviço de Deus e da estremecida Pátria Brasileira".

Findadas as palavras do líder, o auditório quase veio abaixo. Delirantes aplausos, misturados a lágrimas comoventes, vieram dizer, ao jovem Azeitona, do acerto de sua iniciativa, feliz iniciativa, numa noite de sonhos.

Dez minutos depois, auditório atento, iniciava-se a sucessão de preleções, acerca de nomes famosos, dois dos quais seriam escolhidos Patronos. Se houvesse superposição de escolha, um único nome atenderia a Tigres e Tigrinhos.

— Sr. Pedro Paulo, — convocou Azeitona — queira comparecei ao palco.

Entre aplausos de estímulo, um jovem, magrinho e de óculos enormes, atendeu à chamada do líder.

— Aqui estou, Sr. líder. . . — disse êle, muito trêmulo.

— Que candidato vai defender? — perguntou, com seriedade, Azeitona.

— O líder já vai saber — respondeu. — Posso começar?

— Pois não — acedeu Azeitona, achando interessante o jeito do rapaz.

Pedro Paulo chegou-se para a beira do palco e começou:

— "Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!

Em que mundo, em que estrela tu t' escondes  
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito, Que embalde,  
desde então, corre o infinito. . . Onde estás, Senhor  
Deus? . . ."

E fixando um assistente, perguntou, em tom dramático:

— Você, meu amigo, sabe de quem são esses versos? E,

voltando-se para uma senhora, na segunda fila:

— E a madama? . . . Por acaso, poderia dizer-me seu autor?

Silêncio total no auditório.

Pedro Paulo prosseguiu:

— Sim. . . Eu sei que todos conhecem. . . Estes versos, . . . estes versos, tristes, chorosos, que retratam uma vergonha desmascarada e aviltante, foram escritos, meus senhores, convidados e convidadas, Tigres e Tigrinhos, pelas mãos idealistas do grande poeta do Brasil: CASTRO ALVES! — pausa prolongada, silêncio profundo na platéia — Castro Alves. . . Quem foi Castro Alves? . . . O mais espontâneo, tal vez. . . O de lirismo mais brasileiro, quem sabe? . . . Quem foi Castro Alves? . . . Um épico, a cantar, quase a berrar os que elevam e se sacrificam pela Pátria? . . . Ou um patriota? . . . Um defensor dos humildes, vão dizer alguns. O poeta dos escravos, esbravejarão outros mais inflamados. . . Eu digo que Castro Alves foi tudo isso! O Castro Alves que escreveu "Espumas Flutuantes"! . . .

"Longe, inda mais longe. . . os cimos fantásticos da serra dos Órgãos embebiam-se na distância, sumiam-se, abismavam-se numa espécie de naufrágio celeste.

Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquêlê esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se às formas vacilantes das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiais da mocidade.

E que lá dessas terras do Sul, para onde eu levava o fogo de todos os entusiasmos, o viço de tôdas as ilusões, os meus vinte anos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de glória e de futuro; . . . é que dessas terras do sul, onde eu penetrara como o moço Rafael subindo as escadas do Vaticano; . . . volvia agora silencioso e alquebrado. . . trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha pátria."

— Êste pedaço de tristeza, em forma de palavras, meus compatriotas, é encontrado no prólogo de "Espumas Flutuantes". Nesse tempo, Castro Alves, já tuberculoso e com parte de uma perna amputada, chorava de desgosto e amargura. . . Senhores, eu proponho Castro Alves, nascido na Bahia, em 1847... Castro Alves, o poeta dos escravos, que soube protestar, em versos sentidos, contra os hediondos crimes praticados nos navios negreiros, foco de indignidades. Numa época, como a nossa, em que uma força monstruosa procura a todo custo solapar as noções da dignidade humana, Castro Alves se atualiza e se revalida. . . Castro Alves, morto em 1871, vinte e quatro anos de brasilidade!

Não preciso dizer que Pedro Paulo arrancou da multidão que o ouvia, atenta, a mais calorosa ovação! De pé, a platéia, vibrando, não mais queria serenar.

A muito custo, Azeitona, tomado de forte entusiasmo, conseguiu, afinal, fazer prosseguir a sessão, convocando Maria da Penha, que defenderia o nome de Rondon.

— Mas, meus senhores, — iniciou a jovem — a preleção do nobre colega Pedro Paulo teve duas grandes validades. . . A primeira, fazendo lembrar, neste recinto acolhedor, o nome de um homem, cuja obra encontra receptividade assombrosa em nossa cidade, pelo sentido que tem. . . A segunda validade foi a de ter deixado, entre nós, bem próxima de todos, a palavra "brasilidade". Quem fala em brasilidade, fala também em Cândido Mariano da Silva RONDON. Por que será que escolhi esse nome para defender nesta reunião solene?. . . É claro, meus senhores, que haveria outros, do mesmo valor, do mesmo quilate. . . Sem dúvida. . . Mas, meus caros líderes, senhores e senhoras da seleta assistência, que fêz Rondon?. . . Bem, já não falaria de sua grande capacidade cultural. . . Dos mil cursos que possuía. . . Da enormidade de sua sabedoria. . . Nada disso.

Todo o mundo sabe que Rondon foi um grande estudioso. . . Que se ilustrou de todos os modos possíveis. . . Oh! Isso seria desnecessário citar! Poderia assinalar que Rondon foi ativo abolicionista. . . Ou que participou, intensamente, na implantação do regime republicano no nosso país. . . Mas o que mais me comove, neste momento, senhores, é defender o nosso Rondon sertanista, o Rondon desbravador das matas virgens, que varava os sertões, para levar progresso a populações esquecidas, entregues ao abandono e à miséria. O Rondon que, em treze meses, só numa empreitada, fêz estender quinhentos e catorze quilômetros de linhas telegráficas. O Rondon que enfrentou, com bravura e coragem, as arremetidas dos índios, já em muitos casos, agredidos por brancos inescrupulosos. O Rondon que enfrentou esses índios, rebatendo as investidas, com humanidade, com a mais profunda compreensão. O Rondon que atravessou enormes extensões de terras desconhecidas, pantanosas, insalubres e perigosas. O Rondon do heroísmo, da abnegação, da inteligência, da tenacidade e da renúncia. O Rondon consagrado no exterior, inclusive um dos quatro únicos nomes que figuram, em letras de ouro sólido, no livro aberto aos visitantes da Sociedade Geográfica de Nova Iorque. . . O Rondon militar. O Rondon brasileiro. O Rondon integrador. O Rondon que esqueceu de si mesmo, para lembrar-se do Brasil!

Maria da Penha não podia receber salva de palmas mais intensa!

Na segunda fila, Medeiros e Odete, almas em chamas, não encontravam mais palavras para expressar sua admiração pelas belíssimas defesas apresentadas.

Por sua vez, Azeitona e o líder dos Tigrinhos não continham um orgulho muito especial pelo brilhantismo da cerimônia.

Finalmente, o terceiro candidato se apresentou. Seu nome, Armando Luis, defendendo outra grande figura — TIRADENTES.

Convocado, trajando vistoso blusão azulado, rigorosamente penteado, Armando tomou a palavra:

— Pelo que pude ver, — disse êle — todos os defensores, que aqui desfilaram, buscaram nomes direta ou indiretamente ligados ao sentido do termo "Liberdade". Poucos são os que conheceram, na vida, um povo sem liberdade. Entre nós, talvez ninguém. Papai tem um amigo que visitou, durante algumas horas, a parte oriental de

Berlim, dominada pelo jugo comunista. Êle voltou ao Brasil estarecido. Apavorado. Berlim Oriental é uma área onde não existe o sorriso. . . uma esperança... um ideal... Berlim Oriental é uma cidade sem liberdade. . . Tangido por esse sentido de liberdade, escolhi Tiradentes para defender. Segundo Nestor Victor, "Tiradentes é para a liberdade o que foi Anchieta para a caridade e para a fé. Simboliza o civismo brasileiro do modo mais puro, mais ideal possível. Êle enlouqueceu de loucura sublime pelo sentimento pátrio, como o jesuíta enlouquecera pelo amor de Deus e das gentes. Desde que se apoderou daquele ser a idéia que o levou ao patíbulo, Tiradentes esqueceu-se de si, como quem já pròpriamente não existe. O que o torna irresistível é justamente a sua imprudência, a cegueira com que êle tomava pela realidade o que era ùnicamente o seu sonho. . . Quiseram fazê-lo acordar com o fato de encarcerá-lo, de submetê-lo a um longo martírio, a demoradas inquirições, à tentação de trair os outros conjurados. Tudo foi em vão. Êle continuou mergulhado em seu sonho. Denunciou-se a si próprio com a candura de uma criança. A única coisa que o molestava era ver que outros sofriam como êle também. Esses outros, na sua triste fraqueza, atiraram sôbre o místico caboclo todo o pêso da culpabilidade maior. Tiradentes, entretanto, recebeu-a, acolheu-a como quem recebe uma graça. Por fim, sabendo que seria êle o único a pagar, como último suplício o "tremendo crime" (que assim se considerou sua ingênua tentativa), alegrou-se pela primeira vez desassombradamente, qual se houvesse conseguido uma suprema vitória". Meus senhores, Nestor Victor foi muito mais longe, mas o tempo que disponho é pequeno. Ficaria dias a dissertar sôbre Tiradentes, o grande exemplo que, afinal, tornou inevitável a Independência do Brasil. Êle deu a partida decisiva. Soube lutar e morrer de cabeça erguida, com uma altivez que nos impõe, como dever, a todos, manter, a todo custo, a liberdade que êle sonhou e de que gozamos até hoje. Meus senhores, é ainda Nestor Victor quem diz: "Anchieta fêz-nos irmãos; Tiradentes decidiu que esses irmãos vivessem numa pátria livre e individual". A Inconfidência Mineira é o grande estímulo para todos os brasileiros que, naturalmente, não querem ver transformadas suas cidades em dezenas de "Berlins Orientais", sacrificadas estúpidamente pela fúria e desatino de fanáticos e invasores vermelhos. . . É só!

Violenta salva de palmas irrompeu no salão, ovacionando o jovem Armando que, à semelhança dos anteriores, se houvera com bri-

lhantismo a tóda prova. Seria bastante difícil a escolha, tal a validade dos nomes sugeridos e das defesas desenvolvidas.

Durante vários minutos, Azeitona não conseguiu conter a platéia transbordante de entusiasmo. Nem o queria. Era necessário que todos descarregassem a vibração que, de tão forte, de tão impetuosa, já chegava a transformar em apoteose a reunião dos jovens.

Por fim, o silêncio voltou ao recinto.

De pé, o líder se dirigiu aos assistentes, circunspecto e convicto:

— Senhores!... Dentro de alguns momentos, faremos a votação relativa aos Patronos. . . Encareço a necessidade de cada um refletir bastante, com a mais absoluta isenção, antes de votar. Eu. . .

As palavras do líder foram interrompidas violentamente por Ubaldino, crioulinho ativo, que, em louca disparada, invadiu o auditório, exclamando apavorado:

— Camarões no Paraíso!! Camarões no Paraíso!!

Estabeleceu-se o pânico, logo debelado pela firmeza de Azeitona:

— Esperem!! Esperem todos!! Tenham calma, por favor!! Sentem-se todos!!.. Não adianta reagir assim. . .

Os adultos presentes, atônitos, não sabiam como proceder. Para eles, Azeitona teve também uma orientação:

— Os convidados, por obséquio, queiram deixar o auditório. . . O problema é dos Tigres e pelos Tigres será resolvido. Nós não queremos guerra... Ansiamos pela paz... Haveremos de consegui-la.

Minutos depois, no plenário só havia Tigres e Tigrinhos, igualmente nervosos, mas atentos à orientação dos líderes.

Andréia, chocada e triste, acompanhava com o olhar as atitudes de Azeitona, dinâmico e controlado.

Logo depois, Azeitona falou:

— Tigres e Tigrinhos, atenção!

O silêncio pesado voltou.

— Estamos sabendo agora que, a pretexto de uma partida de futebol, que julgaram desonesta de nossa parte, os Camarões resol-

veram incursionar ao Paraíso. Estão na pracinha fronteira a êste auditório, a nossa espera. Vocês já os conhecem. . . Sabem que são violentos e inconstantes. . . Mas sabem, também, que êste momento tinha que chegar um dia. . . Era preciso. . . Os Camarões, desajustados como estão, representam ameaça. . . Por certo, tentarão uma arruaça qualquer. . . Tentarão quebrar tudo. . . Incendiar tudo!. . . Preparem-se para o que der e vier. . . Sou de opinião que os Tigri-nhos devem retornar aos seus lares. . .

— Não concordamos! — gritou um menininho de nove anos.

— O líder tem razão, pessoal!. . . Somos pequenos. . . Não faremos nada mais do que atrapalhar. . . — disse Paulo Roberto.

— Tigres e Tigrinhos têm que ser unidos!! — replicou Maria Odila, de dez anos.

— Ficaremos em casa, por quê? — esbravejou Ronaldinho, garotinho impetuoso da ala central do auditório.

— Façamos uma coisa! — sugeriu Azeitona. — Os Tigrinhos ficarão de reserva no auditório.

— E que faremos, em caso de...? — perguntou alguém mais afobado.

— Tenho certeza de que nada de anormal haverá, meninos — explicou Azeitona. — Se houver, armem-se de ovos e tomates. . .

— Meu pai tem uma quitanda! Vamos lá! — exclamou Paulinho.

— Negativo! — replicou o líder-mirim. — Todos ficaremos aqui mesmo.

— Quero os Tigres desarmados! — determinou Azeitona.

— Mas eles estão armados de pau e pedra! — replicou Beбето.

— Ninguém armado, já disse! — insistiu o líder. — Agora, vamos! Só haverá um comando: o meu! É preciso que seja assim!! — arrematou o líder.

Deixando o auditório, os jovens desembocaram na pracinha, onde, emassados, armados e ameaçadores, os Camarões as aguardavam.

Ao se avistarem, os dois grupos se aproximaram. Pararam a dez metros um do outro, bem próximo ao palanque que serviria de pista de dança.

Apavorada, a população assistia ao duelo surdo que caminhava para violenta catástrofe. Ninguém se intrometia, e as autoridades, inclusive Rios, debatiam problemas da cidade no Clube do comércio, antiga entidade de Águas do Paraíso.

Andréia, de braço dado com Ronaldo, acompanhava, de perto e nervosamente, a figura de Azeitona, resoluto e controlado.

Príncipe tomou a iniciativa:

— Acabou, Azeitona! Vamos resolver logo essa parada!!

— Que desejam? — perguntou o líder paraisano com segurança.

— Viemos cobrar o desaforo! — respondeu o Camarão, lado a lado com Caramujo, ameaçador e congestionado de ira.

— Que desaforo, senhor líder? — indagou Azeitona com respeito.

— Vocês roubaram no jogo, Azeitona — explicou o Príncipe. — Pagarão por isso.

— Mas não houve nada disso!! — exclamou Andréia, dramática, gesticulando aflita.

O Príncipe teve um momento de calma e solicitou com ternura:

— Andréia, fique fora disso! — (falava seu coração).

— Fora, por quê? — esbravejou Sandra, surgindo repentinamente da massa camaroniana, já de jaqueta vermelha. A surpresa dos Tigres se misturou a uma revolta quase incontida.

E Sandra prosseguiu, tomada do mais violento furor:

— Eu a odeio, burguesa!! Odeio-a com tôdas as forças de minha alma!! . .

— Mas que fiz eu a você, Sandra? — perguntou Andréia em prantos, só sufocados pelo vozerio ensurdecido que reinava.

— Você não presta, Andréia!! É burguesa!! É vil!! Eu a detesto!

— Mas, Sandra, eu. . .

— Cale-se, Ronaldo!! Você não tem o direito de falar!! Está. . . está mancomunado com a burguesia sórdida!!

— Você está sendo injusta, Sandra! — replicou Azeitona, paciente e controlado.

— Injusta, eu? Vendeu-se, "Azeitona"?...

— Você não pode atacar a família Rios. . . — replicou Bebeto, perdendo a calma.

— Vejam, senhores, o golpe de mestre da burguesia maldita!! — prosseguiu a jovem. — comprou uma cidade inteira com uma. . . uma... uma "festinha"... — arrematou com ironia.

— como ousa?! . . . — replicou Ronaldo, cerrando os punhos.

— Fizeram até Parada Militar!! . . . — acresceu Sandra, entre deboches.

— Eram soldados brasileiros, Sandra!! — retrucou Azeitona, em tom dramático.

— . . . Soldados que garantem o "imperialismo burguês"!! — replicou a jovem rebelde.

— . . . Soldados que garantem a soberania da Pátria, sua tóla!! — retrucou Andréia, já inflamada.

Sandra, voltando-se para os dois grupos, ironizou ferina:

— Senhoras e senhores, neste momento solene, a ilustre burguesinha vai fazer uma preleção, por certo, brilhante, sôbre a prestação do Serviço Militar.

— Você não sabe o que está fazendo, Sandra!! — replicou Ronaldo.

— Ora essa! — ironizou a jovem. — Não é que me apareceu um outro. . . "patriota"? . . .

— Ninguém está livre, Sandra, das ameaças externas. . . — retrucou Bebeto, com eloquência. — Nem de crises internas!

— Eu. . .

— Os efetivos das Fôrças Armadas necessitam contar com uma reserva para esses casos! — concluiu o jovem.

— Estamos falando tolices, Azeitona! — interferiu o líder camaroniano.

— Por que tolices? — replicou Andréia. — Ninguém pode viver isolado. Por isso, existem as Nações, sociedades enormes que refletem as aspirações de seus componentes e apresentam interesses próprios. Essas aspirações e esses interesses dão origem aos OBJETIVOS NACIONAIS, cuja consecução ou manutenção são garantidas pelo Estado, através de ações de natureza política, econômica, psicossocial ou militar. Essa garantia constitui a SEGURANÇA NACIONAL. A segurança da Pátria cabe-nos a cada um! É a terra onde nascemos. Onde vivemos. Movidos pelas mesmas tradições, debaixo das mesmas leis, seguindo os mesmos costumes e sob um único Govêrno. Herdamos, dos sacrifícios de nossos antepassados, uma Pátria única, indivisível, livre e soberana. As Fôrças Armadas, que se abastecem de soldados doados patriôticamente pelo próprio povo, cabe uma grande parcela dessa soberania. O Brasil precisa de reservistas! Lembrai-vos da Itália, pelo amor de Deus!!

Sandra se enfureceu. completamente tomada de ira, esbravejou, subindo ao palanque:

— Cale essa bôca, burguesa!! Cale essa bôca!!

E foi, então, naquele preciso momento, que a grande tragédia aconteceu. Desvairada, alucinada, Sandra rodopiou no tablado e, desequilibrando-se, caiu de lá de cima.

Na confusão, Andréia, viva e dinâmica, não hesitou: lançou-se com heroísmo, no ímpeto de proteger a inflamada adversária e amortecer-lhe a queda. Houve um choque de corpos, que rolaram, em seguida, esbarrando nos pés dos assistentes.

uma terrível confusão, acompanhada de gritaria nervosa, estourou na pracinha enfeitada de bandeirinhas multicores.

Segundos depois, Sandra, de pé, estonteada ainda, procurava recompor os acontecimentos. Adiante, Andréia desacordada, era atendida, às pressas, pelos presentes. Tênuo fio de sangue escorria dos lábios descorados. Ronaldo, quase louco, pegou-a nos braços, correndo, em desabalada carreira, rua afora, em busca de socorros médicos.

Consternados, os Camarões deixaram cair as pedras e os pedaços de pau, enquanto Sandra, em nova alucinação, mãos ao rosto pálido de pavor e remorso, clamava:

— Meus Deus!! Que fiz eu?! . . Ela . . Ela . . Ela me salvou!! Ela me salvou!! — e mergulhou em pranto convulso, pranto feio, im pressionante.

Foi tudo muito rápido. Rápido e confuso. Terrivelmente confuso. Sobretudo, porém, horrivelmente triste. Tomados de pânico, Tigres e Camarões acabaram por esquecer as tradicionais desavenças e rumaram apressados para o "Ana Néri". uma enchente ou um terremoto não abalariam mais a cidade. Às lágrimas, aos prantos mais sentidos, ajuntavam-se os gemidos que somente o remorso sabia provocar. Eram os arrependidos que despertavam.

Depois, eu soube de tudo. Na ânsia de salvar a jovem Sandra, Andréia se jogara, de qualquer maneira, sob a rival gratuita. Salvou-a, com efeito, mas não conteve a inércia e se projetou contra um banco de cimento, situado bem junto ao palanque. Colidiu com êle.

Incrível coincidência Andréia Rios, que tanto lutara pela construção do hospital, estreava-o agora... Aliás, em tom de gracejo, com vozinha estridente e animada, ela dissera na inauguração:

— Dá até vontade de estreá-lo! O hospital está lindo!

Cumpria-se a sua "involuntária vontade".

Madrugada alta de quinze para dezesseis de fevereiro, o Hospital Ana Néri viveu sua primeira angústia. Na sala de operações, Carlos, auxiliado por enfermeiras, tentava salvar a vida de uma menina rica, heroína indiscutível desta estória. Seus dedos tremiam na ânsia de devolver o brilho aos olhos vivos, sempre escondidos por grossas lentes dos óculos enormes. . . De devolver o ânimo, a côr, mesmo normalmente pálida, o sorriso. . . a vida. . .

Na ante-sala, a família Rios desesperava.

Benedita, agoniada, não aceitava nada do que, inexoravelmente, se fazia a maior verdade. Estavam todos reunidos novamente. . . Januário, Linhares, Medeiros... Azeitona, Ronaldo, Beбето, Rosário... Sandra, também. Também o líder dos Camarões. .. Jaquetas vermelhas na saleta branca e cheirosa de nôvo. Jaquetas vermelhas, na rua, em estranha confraternização com os Tigres, inimigos por tradição, unidos, agora, por uma dor única, quase insuportável.

Sandra mudara de repente. Estava martirizada. Arrependida... Cheia de ânsias de amor e ternura. . . Na frieza do desespero, agarrava-se à batina negra do velho Padre, consternado profundamente.

Lá dentro, diante de Carlos tomado de lágrimas, Andréia delirava:

— Águas do... Para-í-so. . . , ...minha... cida... de-amor. . . San. . . dra. . . eu. . . eu.. . não fiz. . . nada. . . Venham. . . todos. . . O Brasil. . . é um. . . só. . . Padre Januário. . . a igreja está. . . linda! .. Ronaldo. . . eu ainda. . . sou. . . muito. . . menina. . . O jôgo. . . O .. jogo foi. . . honesto. . . Que. . . belo hospi... tal !.. . Lindo... Azei. . . tona,. . . você. . . você. . . você... é o maior líder. .. que. .. eu. . . já conheci! . . Não sou. . . má, Sandra...!... Venha... ser minha... amiga!...

Horas amargas em Águas do Paraíso. Horríveis! . . Pavorosas! A cidade inteira, acordada, rezava numa única oração. . .

Às quatro horas, madrugada já querendo afastar-se ofuscada pela luz do Sol, que se insinuava colorida, Carlos apareceu na ante-sala. Cabisbaixo, mordendo os lábios, agonia aguda, o jovem médico murmurou, entre soluços comoventes, para a angustiada assistência:

— Nada... nada mais... posso fazer... Andréia acaba de nos deixar. . . — e concluiu em brados de desespero-. — Agora,. . . ela vai morar no Paraíso de Deus! ..

## Saudade no Paraíso

**A** EMOÇÃO faz-me fraquejar neste final de estória...  
Inquieta-me uma amargura que me conduz às lágrimas. . . Mas. . .  
entenda!... Eu não posso conter o sentimento!.. Andréia. . . Andréia morta?..  
. . como, meu Deus?! . . Por quê? . . Perguntas que ficaram sem resposta. .  
. Nenhuma resposta. . . Perdidas no vazio de uma angústia tirana que me  
embarga a voz. . .

Águas do Paraíso silenciou na tristeza.

Estranha tristeza de poderes mágicos, tristeza que atravessa a alma,  
que fere no mais íntimo, no mais delicado de cada um de nós.

Ah, Andréia, que imensa saudade eu sinto de você!. . . Da sua  
alegria... Da animação perene, irrefreável!... Do seu entusiasmo e da  
grandeza de seu patriotismo!

Que saudade imensa!! Que saudade incomodativa e pungente!

Parece que estou vendo. . . Você se lembra, Andréia, do dia em que  
conheceu Ronaldo? "Eu sou muito menina ainda!" — você exclamou  
equivocada para o rapaz, todo embaraçado!. . .

E, quando você decidia, no alto dêste morro, a idéia de levantar um  
hospital? Todos contra! Você, firme! Repleta de animação! Corajosa e  
inteligente! Bom tempo aquele, não é, Andréia? Bom tempo!...

Você, querida, sempre foi maravilhosa! Naquele episódio da biblioteca,  
quase matou de susto a coitada da Benedita! Que tombo, hein? Por pouco,  
e Benedita. . .

Andréia, pode-me. . . explicar. . . por que é que estou chorando? . . .  
Chorar prá quê, não é mesmo? . . Se estivesse ao meu lado,

você me censuraria por isso... Eu tenho certeza... Vou enxugar os olhos agora mesmo!

Já viu como Águas do Paraíso mudou?

Sandra, regenerada, ajuda mamãe na costura. Pobre Sandra!!... Eu sei, Andréia, que, antes de ascender ao Paraíso de Jesus, você não se esqueceu de perdoá-la. . . Mas ela não acredita, entende?. . . Sandra mudou, minha querida. . . Mudou muito. Mudou tudo. Aprendeu até a praticar Democracia! .. Você não sabe, mas ela é, atualmente, a melhor auxiliar de Ronaldo, o nôvo líder, eleito por maioria esmagadora! ..

Oh, Andréia! .. como pesa a sua ausência!.. .

Veja o bondoso Rios... Helena... Estão envelhecidos... Vazios, por certo. Não se conformam com a sua partida inesperada. . . Você era o bem mais precioso da família. . . Seu quarto côr-de-rosa permanece intacto. . . Ninguém vai lá. . . Só Benedita. . . para chorar mais à vontade.

Padre Januário continua o mesmo. A novidade é que vendeu o "Gumercindo", para *comprar* uma bicicleta! Agora, o bom sacerdote não se aborrece mais. . . Nem chega mais atrasado, não é?. . .

Ah, ia-me esquecendo-, os Camarões também mudaram de vida. Perderam a estampa negra que se esforçavam sempre por ostentar. Hoje, os Camarões são ordeiros e disciplinados. Estão até com idéia de fazer uma festa cívica em Baltazar!. .. Veja você!!.. . Eu soube que Caramujo foi internado num hospital especializado em São Paulo,... e Rosário acabou mesmo voltando para Baltazar, sendo sério candidato à sucessão do Príncipe, completamente reintegrado.

Tudo, afinal, se ameigou novamente.

A semente de Civismo que ficou plantada no seu tempo, germinou, e os frutos se multiplicam em outras cidades do Brasil.

Cidade linda a nossa. Olhe-a, Andréia. Contemple-a comigo e com meu leitor.

começa a fazer frio.

Aqui de cima, eu vejo a noite chegar.

Dezenas de pontinhos luminosos, em breve cintilarão nas jane-linhas das casas. . .

Vê? Já cintila o primeiro pontinho, Andréia.

É hora de descer. . . Eu o farei, querida,. . . com você no coração.



*"Esta foi a estória linda  
de uma criança feia.  
Criança mártir,  
de estória simples.  
Humana.  
Sobejamente rica  
de lições de altruísmo e  
coragem.  
Esta foi a estória da menina Andréia.  
Você já leu."*

## BIBLIOGRAFIA

Tesouro da Juventude

Teu Outro Eu — Cônego Jean Vieujean.

Geografia do Brasil — Mário da Veiga Cabral.

Jornal do Brasil.

História para Soldados — Gen. Div. José Campos de Aragão.

Expressão de Civismo: o Serviço Militar — Gen. Div. Moacir Araújo Lopes.

Fortalecimento da Democracia no Brasil — Gen. Div. Moacir Araújo Lopes,  
Gen. Bda. Lindolfo Ferraz Filho, Prof. José Camarinha do Nascimento,  
Cel. Milton Câmara Senna, Prof. Jorge Boaventura de Souza e Silva,  
Prof. Ruy Vieira da Cunha.

Português Colegial — Antônio Sales Campos.

Os Patronos das Fôrças Armadas — Gen. Div. R/I Dr. Olyntho Pillar.

Soldados e Marinheiros do Brasil — Américo Palha.

Espumas Flutuantes, Navio Negreiro e Vozes D'África — Castro Alves.

Liberdade e Democracia — Gen. Div. Moacir Araújo Lopes.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)